

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar

Lara Roberta Rodrigues Facioli

***Conectadas*: uma análise de práticas de ajuda mútua feminina na era das Mídias Digitais**

**São Carlos
2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar

Lara Roberta Rodrigues Facioli

***Conectadas*: uma análise de práticas de ajuda mútua feminina na era das Mídias Digitais**

**Dissertação Apresentada ao programa de Pós-Graduação
em Sociologia da UFSCar para obtenção do título de Mestre,
sob a orientação do
Professor Doutor Richard Miskolci.**

**São Carlos
2013**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

F141ca Facioli, Lara Roberta Rodrigues.
 Conectadas : uma análise de práticas de ajuda mútua
 feminina na era das mídias digitais / Lara Roberta Rodrigues
 Facioli. -- São Carlos : UFSCar, 2013.
 192 f.

 Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
 Carlos, 2013.

 1. Gênero. 2. Relações de ajuda. 3. Mídia digital. I. Título.

CDD: 302.5 (20^a)



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676
13565-905 São Carlos-SP - Fone/Fax: (16) 3351.8673
www.ppgs.ufscar.br - Endereço eletrônico: ppgs@ufscar.br

Lara Roberta Rodrigues Facioli

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em 11 de março de 2013.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Richard Miskolci Escudeiro
Orientador(a) e Presidente
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFSCar

Profª Larissa Maués Pelúcio Silva
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran
Universidade Federal de São Carlos

Para uso da CPG

Homologado na ____ª Reunião da CPG-
Sociologia, realizada em ____/____/____

Profª Dra. Jacqueline Sinhoretto
Vice-Coordenadora do PPGS

*Dedico a minha avó Ivone Fornazari (in memoriam) que me ensinou sabiamente o valor
dos estudos.*

Agradecimentos

Realizar um trabalho acadêmico envolve, além de um esforço pessoal, uma batalha conjunta. Sem dúvidas, uma série de pessoas foi fundamental para a realização desta pesquisa e a elas devo meus sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, as reflexões aqui propostas não seriam possíveis sem a atenciosa, generosa e dedicada orientação do professor Richard Miskolci. Muito obrigada pela prontidão em responder minhas questões de pesquisa e por compartilhar comigo muitas ideias que compõem este trabalho, por meio do estabelecimento de uma relação de parceria e confiança.

Também merecem agradecimentos os professores que compõem a banca, que têm acompanhado meu trabalho há algum tempo e que o leram com extremo cuidado e atenção. Obrigada, professora Larissa, pelas carinhosas conversas em Bauru e pelas dicas e discussões no grupo de pesquisa. Obrigada, professor Gabriel pelo diálogo em sala de aula, pela correção atenta de meu trabalho de conclusão de disciplina, fundamental para este texto de dissertação, e por ter nos ensinado, com muita sensibilidade, as diversas facetas do fazer etnográfico.

A pesquisa não teria sido concluída sem o apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que me forneceu todos os meios necessários para a realização do trabalho de campo e para viagens a congressos visando apresentação dos resultados. Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar pelo suporte técnico e burocrático, sempre muito atencioso e leve.

Agradeço aos membros do *Grupo de Pesquisa Corpo, Identidades e Subjetivações* pelas discussões proveitosas e instigantes e pela constante confiança neste trabalho.

Minha turma de mestrado também é especial. Obrigada a todas e todos pelas discussões teóricas, metodológicas e pelos felizes momentos de confraternização.

Obrigada à professora Lucila Scavone, minha orientadora da graduação, por ter me conduzido sábia e generosamente pelos Estudos de Gênero e por ter me proporcionado as bases de minha educação universitária e do artesanato intelectual que representa o fazer sociológico.

Obrigada às amigas, amigos, professores e funcionários dos anos de Graduação na UNESP Araraquara. Meus sinceros agradecimentos às pessoas do grupo de pesquisa da

professora Lucila, com as quais estabeleci, além de discussões acadêmicas, relações sinceras de amizade; agradeço, principalmente, Gisele, Claudia e Carol, minhas amigas e conselheiras acadêmicas. Meus agradecimentos especiais a Kat, a quem devo meu primeiro contato com os estudos de gênero e que foi minha parceira na faculdade, nas pesquisas, viagens de campo e que sempre será, em minha vida, uma amizade sincera, instigante, sem dúvida, uma das melhores partes de mim, do que sou.

Muitas pessoas atuaram também nos bastidores, embora de maneira fundamental. Dentre elas estão os membros de minha família, minha mãe, avô, pai e tios, agradeço pelo apoio estrutural e pelas constantes tentativas de entender meu trabalho.

Aos amigos, esta família que a gente escolhe e com a qual temos a maior das afinidades e o melhor dos sentimentos, não poderia deixar de registrar meu contentamento com a presença de vocês, com o ombro amigo, com as noites de bebedeira em meio às inseguranças do trabalho. Obrigada Michele, Milena, Luciana e Laura.

Obrigada à Thaís, pelos meses de companheirismo e pelas inspirações sociológicas e de vida.

Demonstro minha imensa gratidão aquelas e aqueles sem os quais a pesquisa não teria sido concluída, aos membros do *Bolsa de Mulher*, que se dispuseram a colaborar comigo, que confiaram em mim e me abriram suas vidas através do estabelecimento de laços de confiança e que passaram, muitas vezes, de colaboradores de pesquisa para amigas e amigos que pretendo levar para toda a vida. Agradeço especialmente ao Luiz, que me abriu as portas do grupo do *Bolsa* no Facebook.

Agradeço, por fim, minha avó, a quem dedico este trabalho e que já não está mais fisicamente comigo, mas que se faz presente em todos os momentos decisivos de minha vida com seu amor, carinho, dedicação e coragem.

Resumo: Esta dissertação tem como tema central investigar processos de subjetivação em discursos de autoajuda contemporânea voltada para o público feminino, que quando penetram na rede, através de uma específica forma de uso das mídias digitais, se transformam em práticas de ajuda-mútua. Para alcançar este objetivo estabeleci três principais frentes de pesquisa as quais abordarei por meio de método etnográfico: o site Bolsa de Mulher, com seus fóruns de debate, propagandas e venda de produtos e o grupo criado pelas usuárias no Facebook; as falas das usuárias e usuários que integram essa plataforma, suas histórias de vida e experiências tanto com a internet, quanto com o próprio discurso da autoajuda; e, por fim, alguns livros do gênero, mais citados por minhas colaboradoras e alguns exemplares dos mais vendidos nos últimos anos, no Brasil. Discuto com um referencial teórico que analisa questões de subjetividade por meio do uso das mídias digitais, bem como aquele que aborda uma perspectiva de interseccionalidade das diferenças de classe, gênero, sexualidade, raça, religião, todos marcadores que atravessam tal uso. Por fim, mas não menos importante, problematizo e trago para o debate a discussão sociológica em torno da chamada Nova Classe C, público que compõe esta pesquisa e que apresenta características específicas no tocante ao uso das mídias digitais e as dinâmicas de ajuda-mútua, no Brasil.

Palavras-chave: processos de subjetivação, mídias digitais, marcadores da diferença, Classe C

Abstract

The present work focus on investigating processes of subjectivity in contemporary self-help speeches aiming the female audience, which when penetrating the network through a specific form of using digital media, they become practical mutual help. To achieve this goal, I established three main lines of research, which I will discuss through a ethnographic method: the website Bolsa de Mulher, with its discussion forums, advertisements and products sales and the group created by the users on Facebook, the lines among users within that platform, their life stories and experiences both with the internet and the self-help speech; finally, some books of this genre, most cited by my collaborators and some of the best selling in recent years, in Brazil. I discuss a theoretical framework that examines issues of subjectivity through the use of digital media as well as one that addresses a perspective of intersectionality of class differences, gender, sexuality, race, religion, all markers crossing such use. Last but not least, I problematize and bring into discussion the sociological debate around the so-called New Class C, public that composes this research and has specific characteristics regarding the use of digital media and the dynamics of mutual help, in Brazil.

Keywords: subjectivation processes, digital media, markers of difference, Class C

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Página de abertura do <i>Bolsa de Mulher</i>.....	25
Figura 2 – Fórum de debate.....	37
Figura 3 – Meu perfil no site.....	42
Figura 4 – Facebook Woman.....	102
Figura 5 – Casa Arrumadinha e sinal de internet com problemas.....	103
Figura 6 – Espinhas na pele negra.....	126
Figura 7 – Gráfico de Audiência.....	152
Figura 8 – Anunciantes/Patrocinadores.....	154

Sumário

Introdução	11
O discurso de autoajuda.....	16
O Bolsa de Mulher	21
Da autoajuda dos discursos às práticas de ajuda mútua da rede	30
Sessão I: Reflexões etnográficas e Etnografia Mediada por Mídias Digitais.....	35
(Des) encontros etnográficos: notas sobre a inserção no campo.....	51
Discutindo Etnografia Mediada por Mídias Digitais	71
Sessão II - “Em Bolsa de Mulher cabe de tudo”: religião e classe social no uso das mídias digitais	81
Religião e dinâmicas de ajuda-mútua.....	81
A passagem do discurso religioso para o discurso terapêutico	91
Dinâmicas de Classe Social nas práticas de ajuda mútua feminina <i>online</i>	99
Sessão III: Vasculhando a Bolsada mulher: Intersecções entre gênero, sexualidade e raça nos discursos da plataforma e d@s usuá@ri@s	115
Sessão IV - a Bolsa de dinheiro: Capitalismo em ambientes virtuais de ajuda mútua	150
Sessão V - “Conectadas”: autoajuda e ajuda mútua online como armas de guerra	168
Referências Bibliográficas	178

Introdução

Pensei muito e confesso que se não fosse a conversa pelo MSN com a Patrícia e o Oscar lá do Bolsa de Mulher, eu não teria postado aqui. Bem, estou a algumas semanas treinando o equilíbrio num par de muletas de axilas, não para andar, mas pra me equilibrar em pé, pra depois passar a usar as muletas "canadenses". Só a partir daí para começar a me locomover. [...] Às vezes, dá vontade de sumir. Sinto-me como se tivessem matado a Ritinha que existia antes, acho que essa só existe aqui no virtual. Porque do lado de cá, parece que sou outra, os olhos das pessoas que me respeitavam mudaram....Peço desculpas aos meus amigos de MSN, tenho entrado "escondidinha"; cheguei a excluir alguns pra não incomodar, pra não ser chata, com medo que me ignorem. Pensei que estava preparada pra lidar com os preconceitos que sei que terei que passar de agora em diante. Então é fato que mesmo saindo da cadeira de rodas, mas com bengala, eu serei sempre uma "inválida"! Não precisam nem comentar apenas cliquem em "curtir" pra eu saber que leram. Não quero que sejam meus amigos por piedade! Algumas pessoas já até mesmo no virtual mudaram e se distanciaram de mim. Mesmo assim quero que saibam que foram e serão sempre muitíssimo importantes em minha recuperação e nem estou exagerando quando digo que se não fossem vocês eu jamais haveria de estar aqui. Obrigada por toda atenção, carinho, dedicação, amor, tempo, paciência e palavras de conforto, amo de paixão todos, me sinto com irmãos e irmãs. Deus os abençoe com o mais importante "saúde e felicidades". Beijos, Rita1 (postagem de Rita no grupo do Facebook)

1 Neste texto, todas as falas colhidas em entrevistas e conversas de acompanhamento, que foram proferidas pelas interlocutoras e interlocutores, aparecem em itálico, assim como aquelas que retirei, tanto no *Bolsa de Mulher* quanto no Facebook. Visando manter o anonimato de meus sujeitos de pesquisa e a preservação de suas vidas pessoais, alterei seus nomes. Vale ressaltar também que todas as falas que compõem este texto são consentidas para o uso desta pesquisa.

Uma mulher acordou uma manhã após a quimioterapia, olhou no espelho e percebeu que tinha somente três fios de cabelo na cabeça.

-Bom (ela disse), acho que vou trançar meus cabelos hoje.

Assim ela fez e teve um dia maravilhoso.

No dia seguinte ela acordou, olhou no espelho e viu que tinha somente dois fios de cabelo na cabeça.

- Hummm (ela disse), acho que vou repartir meu cabelo no meio hoje.

Assim ela fez e teve um dia magnífico.

No dia seguinte ela acordou, olhou no espelho e percebeu que não havia um único fio de cabelo na cabeça.

- Yeeesss... (ela exclamou), hoje não tenho que pentear meu cabelo.

ATITUDE É TUDO!

Seja mais humano e agradável com as pessoas.

Cada uma das pessoas com quem você convive está travando algum tipo de batalha.

Viva com simplicidade.

Ame generosamente quem lhe ama.

Cuide-se intensamente.

Fale com gentileza.

Perdoe os erros de quem os reconhece.

E, principalmente, não reclame.

Se preocupe em agradecer pelas oportunidades que Deus lhe dá em acertar no que já errou, o que você é, por todos que o(a) amam e o orgulho não lhe deixa ver!

A vida é curta, e esperar é perda de tempo.

Deixe o restante com Deus!!! (Resposta a postagem de Rita, escrita por Vanuza)

Rita é usuária do *Bolsa de Mulher* há dois anos e começou a usar a internet com computador próprio há três, quando desenvolveu uma séria doença que interrompeu seus movimentos, impedindo-a de trabalhar e colocando-a, inevitavelmente, na esfera

doméstica. Júlia é mais jovem, usuária há mais tempo e acessa o *Bolsa* de seu trabalho todos os dias, durante todo o expediente de serviços.

As postagens citadas acima, retiradas do site do *Bolsa de Mulher*, iluminam muitas questões que trarei no decorrer desta dissertação. Minha proposta principal é investigar processos de subjetivação em discursos de autoajuda contemporânea voltados para o público feminino que quando penetram na rede, através de uma específica forma de uso das mídias digitais, se transformam em práticas de ajuda mútua. Tais práticas se mostraram atravessadas por um debate central, ou seja, aquele direcionado à esfera dos relacionamentos amorosos, ainda vistos como representantes do sucesso feminino. O público que compõe esta pesquisa é formado majoritariamente por mulheres da tão comentada Classe C ou Nova Classe Média e a compreensão dessas dinâmicas em rede me permitiu entender, dentre outras coisas, o descompasso de gênero na formação de pares amorosos nesse estrato, o que detalharei no decorrer desta dissertação, principalmente, nas conclusões.

A dinâmica da subjetividade feminina exposta por sites como o *Bolsa* consiste em uma efetiva tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994), por se tratar de instrumento de imposições culturais mantenedoras de relações desiguais de gênero. Tal conceito está estreitamente ligado ao dispositivo da sexualidade elaborado por Michel Foucault, que se resume na rede estabelecida entre um conjunto decididamente heterogêneo de elementos, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (FOUCAULT, 1979, p. 244). Apesar de ter como pano de fundo tais teorias, opto por atentar não só para permanências, mas também para as rupturas promovidas pelos sujeitos em relação ao que lhes é imposto por estes dispositivos discursivos, bem como para outros marcadores como classe social, religião e sexualidade, que saltam aos olhos de quem acessa esses espaços.

Para alcançar este objetivo estabeleci três principais frentes de pesquisa: o site *Bolsa de Mulher*, com seus fóruns de debate, propagandas e venda de produtos e o

grupo criado pelas usuárias no Facebook² ; as falas das usuárias e usuários que integram essa plataforma, suas histórias de vida e experiências tanto com a internet quanto com o próprio discurso da autoajuda; e, por fim, alguns livros do gênero, mais citados por minhas colaboradoras e alguns exemplares dos mais vendidos nos últimos anos, no Brasil. Vale ressaltar que este trabalho se pauta, principalmente, na análise do que foi dito pelas interlocutoras, que podem ser melhor compreendidas por meio de um diálogo com o que vem sendo produzido no pensamento sociológico sobre a nova classe C³, seus hábitos de consumo e seu recente acesso à internet.

Considero que a forma como as pessoas falam de suas vidas muito tem a dizer sobre o que vivem de fato e sobre o contexto no qual se inserem e, dessa forma, procurei estar atenta para as contradições da fala, bem como para os rumos que as conversas tomavam, apesar das questões pré-estabelecidas. Sem abdicar da busca pelo rigor da análise e sem reificar a experiência individual, opto por uma sociologia de processos de subjetivação, na medida em que pesquisar formas de subjetivação permite acessar aspectos emocionais de questões coletivas, tais como as inseguranças que marcam a vida de uma sociedade em um dado momento, bem como representa minha atitude teórica frente ao campo analisado e ao diálogo com as teorias:

O que os sujeitos têm a dizer sobre si e sua trajetória, de considerar que as formas pelas quais interpretam o mundo estão intimamente relacionadas a seus modos de viver e agir sobre ele, sendo, portanto, não apenas um

² *Facebook* é a rede social de maior acesso no Brasil e no mundo, atualmente.

³ Para ver um trabalho atual sobre essa classe, olhar Jesse Souza (2012). Ao longo de toda a obra o autor expõe uma série de características que formaria esse estrato da população como, por exemplo, o fato de ser uma classe comunitária e não individualista, de não ter tido acesso ao capital cultural e econômico da classe alta, de estar acostumada com duplas jornadas de trabalho e estudos; trata-se, segundo ele, de uma classe que poupa dinheiro e resiste ao consumo imediato, que acredita no próprio trabalho e que alimenta uma forte crença em Deus. Embora questione muitas das caracterizações feitas por Souza, elas são úteis para ilustrar o público que alimenta esta pesquisa. Adiante e mesmo ao longo deste trabalho, farei uma definição que julgo mais apropriada desse conjunto de pessoas que compõe a população brasileira, com base em meus dados de campo.

objeto pertinente à investigação antropológica [e/ou sociológica], como também um de seus fundamentos heurísticos, uma das condições da produção do próprio conhecimento. (Silva, 2011:3)

Tentarei nesta dissertação delimitar o perfil das usuárias e usuários de sites desse tipo, observando os pontos de convergência entre eles e os fatores sociais que conduzem ao uso do espaço como, por exemplo, classe social, escolaridade, tipo de acesso à internet, etc. Acredito que tais características dizem muito sobre o consumo de autoajuda⁴ no Brasil, bem como sobre as práticas de ajuda mútua⁵. Observo quais os predicados que a autoajuda adquire quando penetra nas redes sociais *online* por meio das práticas dos sujeitos e que tipo de conduta metodológica a internet exige daqueles que a buscarão como ambiente de sociabilidade passível de análise sociológica.

Abordo quais marcadores além de gênero ficam visíveis nas relações estabelecidas no site e de que formas são diagramadas as questões de classe social, religião e sexualidade, fundamentais para a elaboração da subjetividade dos sujeitos que ali inserem. Esforço-me também em incluir na análise de que forma esses discursos de “administração da subjetividade” caminham vinculados ao desenvolvimento do capitalismo e a uma possível mercantilização da individualidade, expondo como isso se expressa na plataforma analisada. Por fim, procuro entender como tais práticas, por meio do acesso às mídias digitais, são úteis para pensarmos a sociedade brasileira em

⁴ Entendo como autoajuda, neste trabalho, aqueles discursos que aparecem sob a forma de manual de comportamento e conduta e que portem um tom de aconselhamento, seja ele direcionado à esfera pessoal e amorosa ou que tenha como foco o ambiente do trabalho e dos negócios. No que diz respeito aos discursos de autoajuda no formato de livro, trata-se de obras que visam fornecer ao leitor variadas alternativas para a solução de seus problemas ou para o aprimoramento de suas habilidades. A literatura de autoajuda se distingue da psicoterapia e dos grupos pelo fato de que as duas últimas atividades necessitam do contato humano, enquanto ela pretende substituí-lo. (Pereira, 2005: 12)

⁵ Já como prática de ajuda mútua entendo uma dinâmica que extrapola esta busca solitária pela resolução de algum problema. Neste texto, o termo ajuda mútua aparece para ilustrar a sociabilidade do *Bolsa de Mulher* e a troca de experiências coletivas sobre diversos assuntos, principalmente, aqueles relacionados à esfera amorosa e afetiva.

seu atual momento, especificamente um de seus estratos, a tão celebrada em vários discursos, Classe C.

O discurso de autoajuda

A autoajuda, de acordo com Francisco Rüdiger, doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e dedicado estudioso do tema, consiste em uma:

Expressão textual de um conjunto de práticas engendrado pela cultura popular anglo-saxã, que se transplantou para toda a parte onde a moderna indústria da cultura revolucionou o modo de vida, transformando-se com o tempo em uma verdadeira categoria cultural da baixa modernidade. Em síntese, o fenômeno refere-se ao conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade, visando conseguir uma determinada posição individual mundana ou supramundana. (RÜDIGER, 1995, p. 11)

A primeira obra de autoajuda foi publicada na Inglaterra do século XIX, em 1859, e foi escrita pelo médico inglês Samuel Smiles. O livro levou o título de *Self-Help* e ganhou espaço com a crença amplamente divulgada de que os homens seriam agentes do seu próprio bem-estar e do seu êxito no mundo, não pela satisfação do seu desejo, mas pela realização de seus deveres, força de vontade e pelo cultivo dos bons hábitos. Recentemente, no ano de 2012, o livro foi reeditado pela Editora Abnara, primeira edição brasileira da obra; até então, as edições que foram vendidas no Brasil estavam traduzidas para o português de Portugal.

O princípio da autoajuda consiste num herdeiro significativo do processo de popularização do saber médico do século XIX – principalmente da neurociência – e da relação entre os interesses médicos de controle do cérebro e as ideias correntes e populares de auto cura. No tocante à medicina, a autoajuda faz parte do contexto

britânico das décadas de 1830 e 1840 no qual se desenvolveu a teoria do *double brain*, ou cérebro duplo, calcada na noção de que cada indivíduo possuía dois cérebros conscientes e idênticos em suas funções, que podiam ou não trabalhar em harmonia.

De acordo com estas conjecturas, como aponta Francisco Ortega (2009: 624) ao citar obra da época⁶ “um cérebro fortalecido pelo exercício racional [...] é menos provável de ser atacado pela doença” (p. 311). Acompanhando a teoria do cérebro duplo temos um conjunto de ideias que confiavam na possibilidade de treinamento do cérebro visando a potencialização de ambos os hemisférios. Tal treinamento era também de ordem pedagógica e moral na medida em que essas duas partes deveriam ser estimuladas de maneira correta, com retidão e comportamentos adequados para que fossem fortalecidas:

De acordo com esse projeto, um ambiente particular e agradável estimularia o cérebro a trabalhar em outras direções. A saúde mental residiria no exercício diário de todos os órgãos mentais. Tanto a inatividade como o exercício exagerado de qualquer órgão mental poderia levar à insanidade. As escolas deveriam encorajar virtudes como sobriedade, moderação, castidade e auto aperfeiçoamento. A fisiologia moral e a fisiologia cerebral apareciam inter-relacionadas com os valores da sociedade vitoriana. (ORTEGA, 2009: 628)

Esse tipo de conhecimento, capaz de oferecer diretrizes quanto ao modo como os indivíduos deveriam viver suas vidas, com base no estudo dos hemisférios cerebrais – a frenologia – teve importância fundamental na formação do movimento Self-Help. Tópicos essenciais da frenologia tais como racionalismo, leis naturais, educação, saúde, higiene, autoconhecimento e auto formação contribuíram para a elaboração da ideia de autoajuda (Ortega, 2009:631) desenvolvida e aprimorada por Samuel Smiles que acabou por se propagar através da medicina popular anglo-saxônica, da Nova Psicologia e do chamado Movimento do Novo Pensamento. Tal movimento encontrou sua popularidade

⁶ A new view of insanity: the duality of the mind proved by the structure, functions, and diseases of the brain & by the phenomena of mental derangement, and shown to be essential to moral responsibility foi publicada em 1844 por Arthur Wigan.

nos EUA entre os anos de 1885 e 1915, ou seja, em meio a uma civilização empresarial crescente, que celebrava os homens de negócios como heróis.

O programa do Novo Pensamento tinha como objetivo difundir os segredos do sucesso, da saúde mental e da realização profissional, ensinando como fazer da relação consigo mesmo o campo de aplicação prática de um conjunto de técnicas subjetivantes, baseadas no suposto poder da mente. O Novo Pensamento possui também como característica uma forte espiritualidade calcada no apelo religioso da crença em Deus como aquele presente em todos os indivíduos.

A ideia de autoajuda apresenta em suas origens a característica de fazer parte da conjuntura da sociedade vitoriana e das práticas médicas de controle do cérebro e da neurociência. Ela é fruto da disputa entre as visões populares sobre as doenças do cérebro e o legitimado conhecimento médico, ambos saberes integrantes do contexto anglo-saxão do século XIX. Ganhando terreno nos EUA, essas práticas se popularizaram e se difundiram com o auxílio do Movimento do Novo Pensamento, o que deu à autoajuda algumas características que ela mantém até os dias de hoje, como, por exemplo, o cultivo do pensamento positivo como fonte criadora do sucesso.

Quando o movimento perde sua força na década de 1920, as ideias da procura do sucesso, do poder e paz de espírito já estavam enraizadas na população norte-americana e em parte do mundo ocidental, e tiveram outro boom nos anos pós-grande depressão com autores como Norman Vincent Peale, Napoleon Hill e Dale Carnegie. Dessa forma, a autoajuda consiste em um fenômeno histórico de controle que une o discurso médico do exercício do cérebro, legitimador do tratamento moral em termos neurológicos, com práticas populares e tradicionais de cura. Ela permitiu o maior alcance das ideias médico-científicas diminuindo as fronteiras entre o conhecimento científico e o conhecimento popular baseado no senso comum. Vale ressaltar que o que chamo aqui de “senso comum” diz respeito a um contexto específico, de uma sociedade industrial e do trabalho, urbana e competitiva, características fundamentais para a consolidação do discurso de autoajuda.

O livro *Self Help*, de acordo com Rüdiger (1996: 33), consistia na sistematização de uma série de palestras que Smiles proferiu para um grupo de trabalhadores que havia se reunido para aprender a ler, escrever e ensinar-se mutuamente química, geografia e matemática. Com o livro, o intuito do autor era divulgar, para as pessoas ali reunidas, a noção de que cada um de nós pode fazer o bem para si. Nos primórdios da autoajuda, os conselhos estavam voltados para a questão do desenvolvimento do caráter, definido pela manutenção da prática constante do trabalho e o cumprimento dos deveres impostos pela vida em sociedade. Segundo Martelli:

O Self Help de Smiles pode ser entendido como expressão de uma concepção moral de mundo, submetida à desagregação pelo processo de mudança social deflagrado pelas novas forças produtivas e poderia representar uma tentativa de conciliar esse ponto de vista com o crescente individualismo. Smiles assistiu com horror à destruição do sistema de produção mercantil simples, baseado na manufatura mecânica e no trabalho artesanal, que na prática fundamentava socialmente a antiga moralidade [...] pode-se dizer que a noção de autoajuda foi criada com um motivo conservador, ela seria um meio de tentar salvaguardar os indivíduos do espírito que visa o lucro apenas, que se afasta do trabalho como manifestação de vida e perde a noção de caráter e moralidade. (MARTELLI, 2006: 160)

Com o advento da indústria cultural, a expressão “autoajuda” tornou-se corrente e se desvinculou da criação do caráter, cedendo lugar à transformação do homem comum em homem de sucesso. Portanto, não temos mais uma prática diária voltada ao incentivo ao trabalho, mas sim a noção de que o pensamento positivo é responsável por todo êxito que tivermos em nossa vida. Dessa forma, o caráter virtuoso cedeu lugar ao culto do progresso e ao que alguns autores, como Rüdiger chamam de “cuidado cosmético da personalidade” (RÜDIGER, 1996:35).

No Brasil, a popularização do gênero se deu principalmente pela chegada de livros vindos de contextos anglo-saxões e, embora muitos sejam os autores e autoras brasileiros a comporem obras desse tipo, ainda hoje recebemos um bombardeio de novos livros estrangeiros de autoajuda. Outra forma de consolidação de tal gênero em terras nacionais se deu por meio do Movimento New Age que teve suas ideias divulgadas por aqui por volta da década de 1980:

Esse movimento difuso não ganha fôlego no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, como nos Estados Unidos e Europa. Nesse período, as turbulências políticas e sociais que o país vivenciava imergiram a juventude e intelectuais num projeto de reconstituição do regime democrático (ANDRADE, 2002, p.238). Apenas após a década de 1980 é que ele ganha relevância em nosso país, tornando-se um dos seguimentos mais importantes do “boom” do mercado editorial de livros de autoajuda e de caráter místico. (Oliveira, 2009: 33)

O movimento New Age, no Brasil, adquire características bastante específicas, que não detalharei neste trabalho. Para esta pesquisa, é importante ressaltar as bases do movimento que puderam influenciar diretamente a elaboração de discursos de autoajuda, como por exemplo, a crença em ensinamentos metafísicos de influência oriental e a proposta de um novo modelo de consciência moral, psicológica e social, associada a um discurso de bem-estar próprio, que se distancia do cristianismo e da ideia de um Deus superior que se encontra fora do indivíduo. Para os adeptos do movimento, o cosmos está em você e o indivíduo cria sua realidade e sua mente. Ideias desse tipo, somadas à consolidação da abertura do mercado editorial brasileiro às obras vindas de fora, fazem com que esteja dado o contexto de consolidação da autoajuda no Brasil, na década de 1990.

Inclui-se a isso o fato de que a intensificação da venda de livros desse gênero ocorre em momentos de crise econômica e instabilidade social, e no contexto brasileiro

não é diferente. Foi em 1994 o primeiro *boom* da autoajuda no Brasil, em pleno confisco do governo Fernando Collor de Melo e em meio à instabilidade financeira do período. Vale ressaltar também que nas décadas de 1990 e 2000 constatou-se um aumento significativo da escolarização no Brasil, especialmente entre as mulheres, público que mais acessa livros com este conteúdo. Em matéria lançada pelo site Universia⁷ no ano de 2006, consta que conforme o estudo *Trajetória da Mulher na Educação Brasileira*, realizado pelo Inep com dados de 2003, havia mais mulheres do que homens matriculados no Ensino Médio no país. Ou seja, uma série de fatores como divulgação de ideias do movimento New Age, momentos de crise social e econômica, somada à elevação das taxas de escolarização faz se consolidar este mercado no país.

O Bolsa de Mulher

Iniciei esta pesquisa com pretensões bem menores que as apresentadas neste texto final. Minha proposta inicial era analisar os livros de autoajuda voltados para o público feminino – ou seja, aqueles que trazem em sua temática central os relacionamentos amorosos – através de uma perspectiva que discutiria as diferenças de gênero impostas nesses discursos. No entanto, no processo de reelaboração de meu projeto surgiu para mim e para meu orientador, professor Richard Miskolci, a necessidade de realizar pesquisa etnográfica com pessoas que consumiam tal material, ampliando, dessa forma, o escopo da pesquisa para uma análise da recepção dos discursos e de suas ressignificações em meio a práticas na vida cotidiana desses sujeitos.

Foram muitas as visitas às livrarias de Araraquara (meu local de moradia), São Carlos (cidade sede da pesquisa) e, da parte de meu orientador, São Paulo, até observarmos a dificuldade que seria entrevistar as mulheres consumidoras desses discursos. Após um prévio percurso etnográfico, que será detalhado no Capítulo I, direcionado aos dilemas do campo, cogitamos buscar na internet, um meio que se

⁷ <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2006/03/09/446440/cresce-escolaridade-feminina.html>

mostrou profícuo na realização do campo empírico. Cheguei, através de buscas incessantes no Google, ao *Bolsa de Mulher*. Como palavra-chave da busca usava o próprio termo autoajuda e, em meio a tantos sites aos quais era direcionada, optava por dar mais atenção àqueles que eram mais bem elaborados no tocante à navegação, que estavam há mais tempo na internet e que tinham uma dinâmica intensa de acessos e comentários, bem como, e principalmente, àqueles que pudessem me fornecer o contato com pessoas que interagiam na rede.

Dentre os sites encontrados antes do *Bolsa*, um formato que muito me chamou a atenção foi o das plataformas direcionadas à divulgação de obras de autoajuda, onde havia comentários diversos sobre consumidoras e consumidores de tais obras, avaliando os livros e expondo o que consideravam ser positivo neles. No entanto, não podia ter certeza de que tais explanações eram verdadeiras e não manipuladas pelas próprias editoras ou por autores de livros. Cheguei ao *Bolsa* em uma dessas buscas e havia no site uma matéria⁸ sobre livros de autoajuda, especificamente sobre o livro que uma das integrantes do então atual Big Brother Brasil havia lido enquanto estava na casa, o “Deixe os Homens a seus pés”.

A matéria tinha a seguinte chamada: *Veja as dicas do livro que a Maria do BBB 11 leu e se renovou como mulher*, e se iniciava explicando que após levar um fora de um dos integrantes da casa, Maria havia buscado ajuda neste livro. Maria, quando ingressou na casa, tinha 27 anos, trabalhava como atriz e modelo e era natural de São Bernardo do Campo, mas residia em São Paulo. Em 17 de fevereiro, venceu a oitava prova do líder e acabou campeã com 43% dos votos, na final contra Daniel e Wesley. Maria se uniu às mulheres da casa e formou com Jaqueline e Talula o grupo das “Pretinhas”. Por sua causa, uma nova gíria passou a fazer parte do vocabulário dos brothers e do público. “Mariou” foi um termo criado em homenagem à sister que, de acordo com os outros integrantes, não entendia as piadas e cantava de forma errada letras de diversas músicas. Maria formou com Mauricio o primeiro casal do BBB11. Mas o brother foi

⁸ <http://www.bolsademulher.com/amor/deixe-os-homens-aos-seus-pes/>

eliminado na segunda semana e, para surpresa de todos, retornou a casa por meio de votação popular e a paulista tentou diversas vezes retomar o antigo romance, sem sucesso. Em meio a tais acontecimentos, Maria lia, durante os dias de confinamento, *Deixe os Homens a seus pés*, livro de autoajuda que ganhou espaço na mídia nas mãos da modelo. Maria acabou se envolvendo com Wesley, brother com personalidade oposta à de Maurício, “que a tratava bem”. A mídia, por sua vez, lançou uma série de matérias que relacionava seu sucesso amoroso com o médico ao livro de autoajuda lido pela sister, dando ênfase à ideia de que com a leitura da obra, Maria aprendeu a se valorizar e a escolher o “cara certo”.

O *Bolsa de Mulher* é uma rede social que está na internet desde 2000, direcionada especificamente para mulheres – embora muitos homens façam parte do site. No espaço consta uma série de matérias consideradas pelo imaginário social parte do universo feminino e a usuária⁹ tem a possibilidade de elaborar perfis, escrever nos diários, postar fotos e participar dos fóruns de debate.

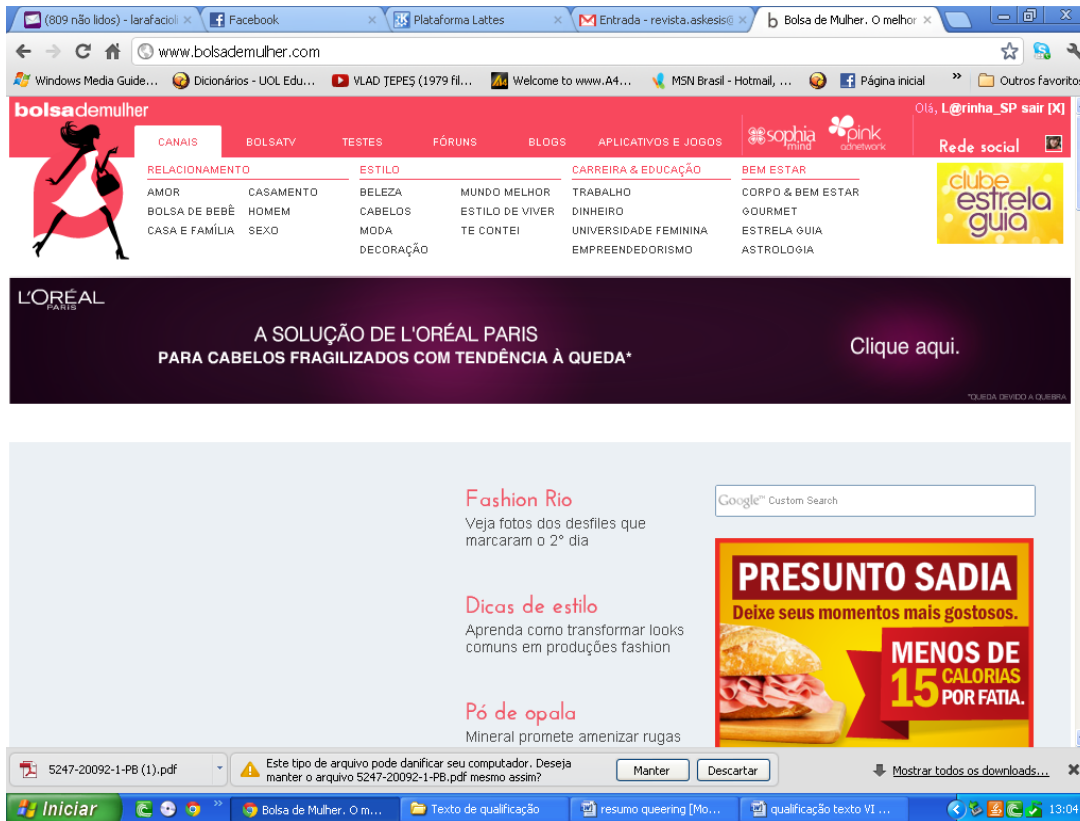
Para aquelas e aqueles que se conectam ao site são duas as opções de navegação: ter o site como meio de notícias e acessar somente aquilo que é produzido pela própria equipe que o mantém, como por exemplo, ler os textos e matérias postadas pela produção, assistir aos vídeos do *Bolsa TV*, fazer os testes, acessar os blogs anunciados no site e se distrair com aplicativos e jogos; ou interagir diretamente na plataforma, por meio da criação de perfis através de cadastro, o que permite elaboração e postagens nos fóruns de debate, manutenção de uma rede de amigas e amigos e composição de diários.

O layout do site está dividido da seguinte maneira: no topo da página temos todos os canais de navegação do site, bem como o espaço para o cadastro ou, no caso das pessoas já cadastradas, para a inserção de login e senha; em seguida apresenta-se algum dos diversos patrocinadores, sendo que no momento de elaboração desta parte

⁹ Optei por usar o termo “usuária” para falar daquelas e daqueles que se utilizam da plataforma, uma vez que as mulheres são maioria. No entanto, quando houver necessidade de estabelecer marcações de gênero, utilizarei também o termo “usuário”.

do texto, o anúncio cabia às Lojas Marisa e vinha acompanhado da frase “*Todos os dias uma surpresa para você ficar ainda mais linda*”; um pouco mais embaixo, ocupando uma posição central, aparecem as matérias de destaque, lançadas pela produção do *Bolsa* que têm como tópicos centrais as temáticas moda, família, relacionamentos amorosos, utilidades na área da saúde e textos sobre economia doméstica ou algum exemplo de mulher empreendedora; avançando um pouco mais, ainda na página principal do site, consta um espaço patrocinado pela Petrobras chamado “De carona com elas” onde é exposta uma série de informações sobre trânsito, manutenção de veículos, como ficar bonita no volante, bem como a possibilidade de realização de cursos grátis, sendo que o último acessado por mim era sobre “segurança em duas rodas”; do meio para o final da página são apresentados os testes disponibilizados recentemente, que podem servir para avaliar se você é consumista, se está sendo gentil, até mesmo para expor, por exemplo, que marca de carro você seria de acordo com características de sua personalidade; apresentam-se os jogos da plataforma, a sessão de horóscopo, os fóruns mais recentes elaborados pelas próprias usuárias, bem como as demais redes sociais das quais o *Bolsa* participa, como o Facebook e o Twitter.

Figura 1: Página de Abertura do site



www.bolsademulher.com

RECENTES

- DICAS DE ESTILO** Aprenda como transformar looks comuns em produções fashion
- ACERTE NA HORA DA CONQUISTA** Evite atitudes erradas que afastam os homens
- ESTÁ DE DIETA?** Saiba quais são os alimentos que ajudam a manter a forma
- DEGUSTAÇÃO ZEN** Nirvana oferece degustação de yoga aos vips da fila A
- BRIGAR APIMENTA O SEXO?** Descubra se os conflitos estão ligados à sintonia na cama
- LIVRE-SE DAS OLHEIRAS** Conheça os melhores produtos e tratamentos
- FASHION RIO: 3º DIA** Veja quem desfila nesta quinta-feira
- ELE NÃO TE PROCURA MAIS** O que fazer quando ele já não demonstra mais interesse
- SUFLÊ DE CHOCOLATE** Receita fácil, rápida e de dar água na boca
- VOÇÊ É A DESIGNER** Site de joias alemão facilita compra no Brasil
- SEJA SEXY E NATURAL AO MESMO TEMPO** Saiba como buscar a sensualidade esquecida no dia a dia
- ACERTE NA HORA DA CONQUISTA** Evite atitudes erradas que afastam os homens

Veja o conteúdo de nossos colaboradores >

PETROBRAS
De carona com elas

CHECK-LIST DO CARRO!
O mês de dezembro é

5247-20092-1-PB (1).pdf Este tipo de arquivo pode danificar seu computador. Deseja manter o arquivo 5247-20092-1-PB.pdf mesmo assim? [Mostrar todos os downloads...](#)

Iniciar Bolsa de Mulher, O m... Texto de qualificação resumo queering [Mo... qualificação texto VI ... 13:05

www.bolsademulher.com

Acarajé da Nega Teresa

Famosos no Fashion Rio

Peixes | 20/02/87
Falação demais não preenche o seu coração, o bom mesmo é aquele contato corpo a corpo. Saiba mais

outro signo

Horoscopo Personalizado
Data de nascimento: / /
Hora de nascimento: :
Não sei a hora

- GOURMET** Picadinho de carne
- MODA** Veja fotos dos bastidores dos desfiles
- CASA E FAMÍLIA** Faça você mesma: Bolsa de papelão
- FESTA** Concurso voltado para noivas premia melhores fotos e vídeos
- BOLSA TV** Mulheres Poderosas
- BELEZA** Cachos ficam bem em noivas, madrinhas e convidadas

Veja todos os vídeos >

KEEPING UP WITH THE KARDASHIANS

5247-20092-1-PB (1).pdf Este tipo de arquivo pode danificar seu computador. Deseja manter o arquivo 5247-20092-1-PB.pdf mesmo assim? [Mostrar todos os downloads...](#)

Iniciar Bolsa de Mulher, O m... Texto de qualificação resumo queering [Mo... qualificação texto VI ... 13:06

Já para aqueles que querem utilizar a plataforma como meio de conhecer pessoas e discutir os assuntos expostos pelas demais usuárias e usuários, como já foi dito, existe a possibilidade de elaboração de um perfil. O perfil é composto por um espaço para acrescentar uma foto, bem como informações gerais como nascimento, sexo, estado civil, formação, atuação profissional e interesse no site, que se resume em seis alternativas das quais se escolhe somente uma: fazer novos amigos, discutir temas interessantes, encontrar pessoas, descobrir novidades, me informar e me divertir. Também compõe o perfil a possibilidade de acrescentar nele informações pessoais do tipo: altura, tipo de pele (normal, oleosa, seca), cabelo (enrolado, crespo, liso, liso com progressiva), com quem mora, se tem filhos, qual seu estilo, o que mais gosta em seu corpo, o que menos gosta, perfume, marca, livro, música, programas de Tv, filmes, ídolos, paixões, sonhos, atividades físicas, hobbies, tipo de comida favorito, motivo de orgulho, do que se arrepende, um pensamento. Por fim, no preenchimento do perfil existe o espaço onde é possível acrescentar seus contatos pessoais: CEP, Estado, cidade, endereço, celular, MSN, telefone, ICQ, Google Talk e Website.

No interior do perfil é possível elaborar álbum de fotos, enviar e receber recados, participar de grupos, enviar correios eletrônicos (única forma de conversar privativamente na plataforma), preencher o diário (que é visível para todos que acessam seu perfil, mesmo que não sejam seus amigos e amigas), mandar presentes virtuais como ursinhos, flores, bonecas; editar o perfil e acessar todos os seus comentários em fóruns diversos. Vale ressaltar que o site classifica as usuárias de acordo com a movimentação de seus perfis, dando a elas uma pontuação, o que deixa evidente o nível de sociabilidade. Meu perfil, atualmente, não conta com nenhuma pontuação e fica sob o título de “básico” devido à minha falta de atuação no site, resultante do uso do Facebook como fonte de pesquisa e como plataforma principal de contato com as interlocutoras. Nunca tive um perfil muito pontuado e considerado ativo na plataforma, o máximo ao qual cheguei foi à quantidade de 10 pontos, pontuação baixa frente a outras pessoas que tinham perfis com 150 ou 200 pontos. Para isso seria necessário

acessar o *Bolsa* diariamente e passar tempo considerável nele, bem como trocar muitas mensagens e “presentes virtuais” com as demais usuárias. Embora realizasse as primeiras ações, a troca de mensagem era limitada e feita somente para o primeiro contato, sendo que as conversas de acompanhamento eram feitas via MSN ou Facebook.

O segundo passo, após analisar com afinco a dinâmica da plataforma, foi tentar mapear o perfil das pessoas que ali interagiam, visando observar, principalmente, o ponto de convergência entre elas. Para isso, colhi-os aleatoriamente¹⁰ via fórum, na página inicial do site ou através de redes de amigas e amigos. Ao todo, visitei em torno de 100 perfis e observei alguns pontos recorrentes nos dados pessoais que eram apresentados pelas usuárias, como por exemplo, o fato de a grande maioria se declarar de escolaridade média baixa e possuir uma religião cristã que pode ser católica ou evangélica, sendo esta última preponderante. Dentre as mais jovens, que cursavam faculdade, descobri posteriormente que a maioria estuda ou estudou em instituições privadas de ensino, com financiamento para pagar depois da conclusão ou através do pró-Uni¹¹. As fotos dos perfis me mostraram que uma parte considerável das mulheres é parda ou negra, de cabelos alisados. A composição dos tópicos “marca preferida”, “perfume”, “programa de TV”, “comida”, “livros” e “filmes”, apontam para o acesso que estas pessoas têm a bens culturais e de consumo. No caso das marcas preferidas, aparecem com frequência Avon e Natura, empresas nacionais, que produzem produtos

¹⁰ Digo aleatoriamente, uma vez que neste momento não tinha intenção de mapear os perfis mais atuantes, o que fiz para escolher as pessoas com as quais iria conversar. Neste primeiro momento, meu intuito era saber quem eram as pessoas que ali estavam e o que elas tinham, aparentemente, em comum.

¹¹ O Prouni, um programa do Ministério da Educação criado pelo Governo Federal em 2004, que concede bolsas de estudo integrais e parciais (50%) em instituições privadas de ensino superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior. Podem participar os estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais da própria escola, os estudantes com deficiência e os professores da rede pública de ensino do quadro permanente que concorrerem a cursos de licenciatura, nesse caso não é necessário comprovar renda. Para concorrer às bolsas integrais, o candidato deve comprovar renda bruta familiar, por pessoa, de até um salário mínimo e meio. Para as bolsas parciais (50%), a renda bruta familiar deve ser de até três salários mínimos por pessoa.

de custo baixo, com foco em um público de classe média baixa. Os perfumes variam entre essas duas marcas e, com menos frequência, surgem nomes de produtos importados. Em relação aos livros favoritos, é comum a menção a obras e autores de autoajuda ou escritos espíritas e religiosos e as mulheres que não apontam um livro específico preenchem este espaço com termos genéricos como, por exemplo, romances, o que pode evidenciar uma ausência de hábitos de leitura.

Algumas mulheres não possuem foto e é recorrente a apresentação, em seu lugar, de uma imagem colhida na internet, como, por exemplo, imagens de animais como cães e gatos em poses que remetem ao universo dos filhotes ou de fadas e anjos. Existem ainda aquelas usuárias que optam por não colocar nenhum tipo de imagem, aceitando a sugestão automática do site de manter um cupcake como avatar, no entanto, vale ressaltar, essas são as pessoas mais inativas na plataforma, uma vez que faz parte da dinâmica de sociabilidade preencher minimamente o perfil o que inclui mudar a imagem de apresentação.

Os nomes das usuárias, geralmente, são acompanhados de números que representam ano de nascimento ou idade; também é recorrente a exposição de signos juntamente aos nomes: nome87, nome24, nomeleonina, nomepisciana. São várias as usuárias que se colocam no diminutivo acrescentando à sua identificação adjetivos como “princesinha”, “lindinha”, “neguinha”, “loirinha”. Alguns diminutivos e determinadas fotos de perfis como gatinhos e fadas remetem a imagens tidas como típicas de um universo feminino de fragilidade e sensibilidade.

Dentre os locais de moradia, pude notar logo de início que embora houvesse muitas usuárias do estado de São Paulo, o número de pessoas que integravam a plataforma e que se localizavam fora do eixo tido como aquele que mais acessa a internet, era grande. Chamou-me a atenção o elevado número de usuárias de Minas Gerais, das regiões Norte e Nordeste e, no caso do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense, espaços que têm acesso mais recente à dinâmica de rede e que compõem o que podemos chamar de regiões de classe média baixa do país.

Apresentadas rapidamente as características que saltam aos olhos de quem acessa os perfis das usuárias e usuários do site, assim como a dinâmica da plataforma – de ser um espaço tanto de notícias diversas que interessariam, supostamente, ao público feminino, bem como de se constituir enquanto rede social onde é possível conhecer pessoas e discutir nos fóruns – passo, nas páginas que se seguem, para a pesquisa em si e para a análise sociológica. Nos tópicos seguintes desta introdução, mostro ainda ao leitor, primeiro, como se dá a passagem do discurso de autoajuda no site para práticas de ajuda mútua, uma vez que se trata da tese central desta dissertação e atravessa toda a análise exposta posteriormente e, por fim, aponto como optei por dividir o texto e qual o caminho percorrido por minha narrativa.

Da autoajuda dos discursos às práticas de ajuda mútua da rede

Quando entrei pela primeira vez no *Bolsa de Mulher*, procurando um espaço que pudesse responder minhas questões de pesquisa e testar minhas hipóteses, tive que enfrentar muitos pressupostos conservadores que havia construído ao longo de minha vida acadêmica e mesmo durante minha vida pessoal, sobre a autoajuda ou sobre sites desse tipo. Ao contrário de ter a autoajuda presente em meu cotidiano, de forma que pudesse gerar em mim posterior ímpeto de pesquisa, despertei meu interesse por ela já no último ano de graduação, através do contato com obras da sociologia contemporânea, dentre elas, principalmente as de Anthony Giddens, autor que, embora não apresentasse etnografia com consumidoras e consumidores desses discursos, colocava os manuais como um exemplar significativo do que ele chama de modernidade reflexiva: não só estudos acadêmicos, mas todo tipo de manuais, guias, obras terapêuticas e de autoajuda, contribuem para a modernidade reflexiva (Giddens,1997).

Esforcei-me, primeiro, em não me deixar levar por todos os discursos que alocavam a autoajuda como objeto irrelevante dentro do pensamento sociológico e, da mesma forma, optei por ouvir atentamente cada relato de vida, de cada uma de minhas

interlocutoras, sem ter em mente o predomínio de estruturas rígidas ou de pessoas subordinadas aos discursos.

Meu interesse surgiu, sem dúvida, pelo fato de o fenômeno editorial da autoajuda ser um representante do que eu julgava, ingenuamente, ser o auge do individualismo contemporâneo, com claros marcadores de gênero. No entanto, quando iniciei meu campo no *Bolsa de Mulher*, pude notar que a dinâmica de um site deste tipo, com intenso tom de aconselhamento, motivação e atravessado por uma série de receituários sobre ter o corpo adequado, usar a roupa correta e manter o relacionamento duradouro, é muito mais complexa que os discursos dos livros, por um motivo central: no *Bolsa*, as pessoas não entram para ler matérias de motivação ou para acessar algum manual de sobrevivência emocional, com o intuito de tirar dali o que julgarem necessário para suas vidas e problemas, em um processo de busca solitária por soluções. A dinâmica em rede se mostrou, de fato, muito mais dinâmica que isso. As usuárias do *Bolsa* acessam a plataforma para dialogar e tal diálogo me exigiu atentar não só para permanências, mas também para rupturas e ressignificações. Elas falam sobre questões que envolvem seus relacionamentos amorosos, sua família, filhos, casamento, dialogam sobre as diferenças que consideram haver entre homens e mulheres em diversas esferas, em um processo constante de troca de mensagens e experiências.

A popularização do acesso às mídias digitais permitiu a consolidação de uma forma interativa de requisitar ajuda ou, simplesmente, de falar sobre a vida, para aquelas e aqueles que não têm a sua disposição uma situação financeira que permita recorrer, por exemplo, aos profissionais da terapia. A leitura dos livros, neste espaço, embora se mostre com relevância por parte considerável das usuárias, a possibilidade de “fazer amigos”, permitida com o acesso à plataforma, se mostrou mais atrativa para pessoas que podem não ter intensos processos de sociabilidade fora da rede ou que, em determinado momento do seu dia, estão conectadas, por exemplo, no local de trabalho ou no ambiente doméstico.

Dessa forma, a dinâmica do site, principalmente nos fóruns, embora esteja atravessada por uma série de fatores que envolvem diferentes motivações de acesso por

parte de usuárias e usuários, pode ser chamada de dinâmica de ajuda mútua, uma vez que não se trata de um indivíduo solitário que recorre a um profissional ou a um livro, tendo em vista a resolução de algum problema enfrentado. Trata-se de um processo de interação, que tem como pano de fundo uma troca de experiência, criadora, muitas vezes, de laços de amizade, atravessada pela exposição de questões da esfera da intimidade, da família e dos relacionamentos amorosos. Assim, esta pesquisa diz respeito a tais práticas de ajuda mútua, embora os discursos de autoajuda apareçam como pano de fundo, muitas vezes, norteados tais dinâmicas.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos nos quais busco analisar, através de pesquisa etnográfica, práticas de ajuda mútua feminina na era das novas mídias digitais.

No primeiro capítulo me dedico a estabelecer reflexões sobre o trabalho etnográfico que desenvolvi durante a pesquisa, em um processo de compreender minha posição no campo empírico bem como os impactos causados em mim e em minhas interlocutoras, decorrentes de minha presença no espaço do *Bolsa de Mulher* e no grupo do Facebook. Realizo um esforço para pensar sobre as formas como uso a internet, que diferem de maneira significativa da forma como elas apontaram usar, diferenças estas decorrentes de histórias de vida e contextos sociais específicos. Neste momento do texto, além de dialogar com referenciais bibliográficos que abordam o trabalho etnográfico, também discuto a forma de etnografia que realizei na pesquisa, nomeando-a como Etnografia Mediada por Mídias Digitais, em um esforço de entender como tal método, apesar de possuir certas especificidades, se consolida enquanto uma forma de fazer etnográfico legítimo, muito próximo daquele realizado sem a mediação de tais mídias.

No Capítulo II, intitulado *Em Bolsa de Mulher cabe de tudo: religião e classe social no uso das mídias digitais*, aponto de que maneira marcadores de classe social e religião atravessam os discursos e práticas dos sujeitos em questão. Tais marcadores apontam para a fé em Deus como norteador da sociabilidade na rede e me permitem

problematizar o que está sendo chamado atualmente de Classe C, suas características e o que elas dizem sobre o acesso à internet no Brasil. Evidencio como a busca pela religião, somada às práticas de ajuda mútua, apresentam-se como formas de adequação às hierarquias de gênero e às posições instáveis de classe, por meio do desenvolvimento de uma moralidade específica.

O Capítulo III – *Vasculhando a Bolsa da Mulher: intersecções entre gênero, sexualidade e raça nos discursos da plataforma e d@s usuáris do Bolsa* – traz para o debate outros diversos marcadores que compõem a experiência de sociabilidade destas mulheres. A dinâmica da rede evidencia um desejo de galgar posições que escapem da experiência de subalternidade, colocada nas rotinas diárias destes sujeitos de pesquisa. A busca por adequação ao que é esperado do gênero feminino, a aproximação de uma estética branca e o pressuposto da heterossexualidade são questões que saltam aos olhos neste universo e que merecem destaque neste texto, por serem componentes fundamentais da sociabilidade e do uso das mídias digitais.

No capítulo IV - *Capitalismo e discurso terapêutico: a Bolsa de dinheiro* – realizo um esforço de elaborar uma discussão em torno da intersecção entre gênero, práticas de ajuda mútua e mercado. Para isso recorro a um arquivo que encontrei no próprio *Bolsa de Mulher* onde está exposta, em números, a lucratividade que é garantida por se investir em uma plataforma com conteúdos voltados para público feminino. Dialogo com teorias contemporâneas influenciadas pelo pós-estruturalismo, que se esforçam em romper com dicotomias clássicas, como, no caso desta pesquisa, aquela entre capitalismo e emoções, em um processo de atentar para concepções mais fluídas das relações sociais. Julguei relevante ter como foco a forma de produção de discursos do site, percebendo que eles estão diretamente atravessados por um bombardeio de propagandas de investidores, que contabilizam mais de 50, dentre os quais estão presentes indústrias de renome nacional e internacional. Por fim, aponto como é incentivada, na plataforma, a imagem da mulher empreendedora, como figura de sucesso, muito embora ela não encontre correspondente entre as usuárias.

Por fim, o capítulo conclusivo intitulado *Conectadas: autoajuda e ajuda mútua como armas de guerra*, aparece como espaço onde retomo o fio da discussão, buscando expandir a análise para o nível macro, o da sociedade brasileira, avaliando, principalmente, o que tem de Brasil em um site que é, aparentemente, tão específico, como é o caso do *Bolsa de Mulher*. Aponto como nos discursos e práticas de ajuda mútua do site está explícita, mais do que uma luta por ascensão social, a manutenção da vida perante as incertezas, em uma situação específica, principalmente, de classe média baixa e de gênero.

Sessão I: Reflexões etnográficas e Etnografia Mediada por Mídias Digitais

A metodologia da pesquisa se centrou em análises de cunho qualitativo através da realização de conversas de acompanhamento com minhas interlocutoras, principalmente via Messenger ou Facebook, bem como da observação dos fóruns de debate no *Bolsa de Mulher* e de alguns exemplares de obras impressas de autoajuda. Uso o termo “conversas de acompanhamento” para falar dos diálogos que mantive ao longo de vários meses, pois não se tratava de entrevistas com horário marcado e final previsto, característica esta que a internet traz à pesquisa etnográfica, uma vez que possibilita, por meio das redes sociais, contato constante com os interlocutores, suas postagens nestes espaços, seus chamados no MSN e no Facebook, seus e-mails, etc. Ou seja, apesar de contar com um roteiro pré-estabelecido de informações básicas¹², optei por manter contato diário com as pessoas que se utilizavam da plataforma, bem como algumas conversas desvinculadas do objetivo da pesquisa, fundamentais para a aproximação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado.

Entrei no *Bolsa de Mulher* em meio a uma pesquisa no Google, procurando por um espaço onde eu pudesse realizar o trabalho etnográfico. Optei pela internet após conversa com meu orientador, professor Richard Miskolci, quando expus a ele minha tentativa frustrada de estabelecer contato com leitoras dos livros de autoajuda, após visitas assíduas a livrarias. No início de elaboração do projeto, ele e eu nos dedicamos a incursões em livrarias de Araraquara, São Carlos e São Paulo (local de moradia de meu orientador). De acordo com uma de minhas informantes, atendente de uma das livrarias visitadas, com quem consegui estabelecer um diálogo mais intenso, parte do público que pretende comprar tais livros o faz em tom de brincadeira ou de forma escondida e discreta, e acrescentou: “*deve ser pela vergonha de levar um livro de autoajuda, eu teria vergonha de pedir um livro desses*”. Acredito que tal constrangimento está relacionado

¹² Ver Anexo A - Roteiro de perguntas básicas.

ao estereótipo que se criou em torno das mulheres que consomem estas obras, ou seja, de que são “solteironas” ou “encalhadas” a procura de marido.

Já a atendente de uma grande livraria de São Paulo, com quem meu orientador conversou por um longo período de tempo, relatou um perfil detalhado de compradoras dessas obras no ambiente onde trabalha; disse que elas pareciam todas de classe média baixa, com escolaridade média, sinais de que viviam, possivelmente, em bairros periféricos de São Paulo. A maioria delas trabalhava na região da livraria em empregos como secretária, atendente de *call center*, etc.

Algumas das impressões da vendedora foram extremamente úteis em minha busca por definir um perfil de consumidoras desses discursos e muitas dessas informações acabaram se confirmando no caminhar desta pesquisa, principalmente as características profissionais deste grupo de pessoas e a classe social a qual pertencem. Outro dado interessante apresentado por ela foi a afirmação de que algumas moças apontavam comprar os livros para tentar achar ou manter um namorado e superar separações, ou seja, tratava-se, de fato, de uma busca de leitura “útil” e “prática”, no entanto, voltada para o manejo das emoções, para a tentativa de desenvolver uma conduta emocional eficaz em meio a estas procuras.

Dois aspectos me chamaram a atenção no *Bolsa de Mulher* e me direcionaram a realizar pesquisa etnográfica nele. O primeiro foi a possibilidade de estabelecer contato direto com as usuárias e usuários, seja através dos fóruns de debate seja através de seus perfis no site.

Figura 2: Fórum de debate

The screenshot shows a web browser window displaying the 'Bolsa de Mulher' forum. The page is organized into sections for different topics: Amor, Beleza, and Cabelos. Each section contains a table of recent posts with columns for 'Últimas Respostas', 'Fórum', 'Tópicos', 'Mensagens', and 'Última atualização'. The 'Amor' section has 6 forums, 26,188 topics, and 455,617 replies. The 'Beleza' section has 3 forums, 3,483 topics, and 38,188 replies. The 'Cabelos' section has 4 forums, 621 topics, and 10,648 replies. On the right side, there are promotional banners and a sidebar with links to 'lidas', 'comentadas', and 'recentes'.

Últimas Respostas	Fórum	Tópicos	Mensagens	Última atualização
Hoje eu preciso de conselhos de vcs Menias falen eu preciso ou4-las por favor !! por Grampola_SC	Relacionamento	15.769	234.415	17 minutos e 14 segundos
nunca vi o bolsa tão "ruim" de homem como está ultimamente...putzzzzzzzzzz por MARAIZINHHA	Cafajeste	2.007	49.754	7 minutos e 10 segundos
Simpatia funciona? por pryscilaamalola	Esoterismo	1.584	28.216	21 horas e 45 minutos
Sogra machistal por anjo 10	Homens	1.966	43.950	1 dia e 2 horas
qual o peso ideal para minha altura?? por popparrelaô1	O que os homens pensam	1.263	34.657	24 minutos e 23 segundos
beijar em lugares publicos por lindy cat forever	Consultoria on-line	3.599	64.625	3 minutos e 59 segundos

Últimas Respostas	Fórum	Tópicos	Mensagens	Última atualização
Manchas na perna por Kmilaa_	Beleza	2.839	30.454	60 segundos
noite do "pijama" do bolsa...voce vai? por Bely_cwb	Cotação do Bolsa	219	3.554	8 minutos e 37 segundos
O que passa na cabeça de uma vendedora. por YumiMay	Consultório de Beleza	425	4.180	21 horas e 3 minutos

Últimas Respostas	Fórum	Tópicos	Mensagens	Última atualização

Este ato de permitir a postagem de um perfil:

“faz com que a internet, à semelhança de outras formas culturais psicológicas como os programas de entrevista e os grupos de apoio, converte o eu privado em representação pública. Mais exatamente, a internet torna visível o eu privado e o exhibe publicamente para uma plateia abstrata e anônima, a qual, no entanto, não é pública (no sentido habermasiano da palavra), e sim uma agregação de eus particulares. Na internet, o eu psicológico privado torna-se uma representação pública.” (Illouz, 2011:113).

O segundo aspecto e talvez o de maior impacto sobre mim, à primeira vista, diz respeito a haver no *Bolsa* algo muito próximo do que se imagina ser a autoajuda

convencional, especificamente aquela direcionada às mulheres. Existe no site uma série de informações na forma de manuais e passos a serem seguidos, textos com tom de aconselhamento, verbos no imperativo que falam diretamente ao sujeito que lê a mensagem e uma preocupação que chega a ser excessiva, com a temática dos relacionamentos amorosos e com a manutenção deles, bem como com a busca por um parceiro amoroso do sexo masculino. Trata-se de um discurso psicológico, embora muitas pessoas que escrevem no site sejam de áreas diversas como medicina, administração, marketing e também psicologia. No entanto, esse discurso é prescritivo e não dialógico, muito diferente de algo psicanalítico; são aconselhamentos sobre certo e errado que se afastam da sofisticação da psicanálise enquanto discurso ou prática terapêutica com base no estabelecimento de diálogos que visam a cura através da recuperação de coisas escondidas no inconsciente.

Soma-se a isso o fato de haver, nessas mensagens, um tom de culpabilização da mulher por seus fracassos amorosos e sexuais. Isto fica evidente, por exemplo, na exposição de discursos que ressaltam características tidas supostamente como femininas e que deveriam ser controladas e ponderadas pelas mulheres, quando estão em uma relação afetiva. O trecho abaixo foi tirado de uma das matérias do site e ilumina minha afirmação, na medida em que mostra uma suposta responsabilidade da mulher com o relacionamento:

Eles [os homens] odeiam discutir a relação. Isso é fato. Salvo alguns que são mais detalhistas e gostam de resolver os problemas e ter os pratos limpos antes de o dia se passar. Mas nós, mulheres, somos desesperadas e, na maioria das vezes, queremos deixar tudo resolvido antes de encostar a cabeça no travesseiro [...] De qualquer forma, é preciso tomar cuidado na hora de começar uma discussão ou ela pode levar o seu relacionamento para o fundo do poço.

Tudo isso, evidente na plataforma, me fez pensar que estava diante de um grande grupo de pessoas, principalmente de mulheres, que tinha a seu dispor um

espaço de autoajuda *online* e que podia também consumir tais discursos, fazendo-os funcionar nos fóruns de debate, ressignificando ou não o que estava ali exposto. Francisco Rüdiger define de forma bastante interessante algumas características que fazem parte da literatura de autoajuda e concordo com essa definição também para os textos que vi serem publicados na plataforma do *Bolsa de Mulher*, pelos responsáveis por escrever as matérias disponíveis no site:

A literatura de autoajuda caracteriza-se textualmente pelo discurso prescritivo, tendo como principal objetivo propor regras de conduta e fornecer conselhos. Os livros que compõem seu acervo constituem manuais para serem empregados e não para exporem uma doutrina, constituem textos técnicos que são consumidos para serem objetos de aplicação prática por parte do leitor (Rüdiger, 1996: 21).

Em um dos fóruns do *Bolsa*, onde algumas usuárias expuseram ser consumidoras assíduas de livros de autoajuda – fato que não me surpreendeu tanto uma vez que, como tento evidenciar, todo o discurso do site está atravessado por este tom – consta a tentativa delas de aplicar em suas vidas diárias o que dizem estas obras:

Quando digo que é preciso colocar os livros em pratica é que fiz uma autoanalise dentro de mim e vi o que precisava ser mudado. No meu relacionamento - eu era estressada, possessiva, neurótica e carente ao extremo...hoje sou Mas calma, consigo conversar pra resolver sem gritar ou brigar...a carência continua...mas sempre fui assim, só que lido mas fácil com este assunto, não é pq estou carente que o meu companheiro não me dá atenção, dá sim só que sempre quero mais rrsrs Na minha vida pessoal sempre me via cabisbaixa, chorando por motivos desconhecidos, não conseguia conversar com ninguém, era extremamente fechada, não tinha amigos e os que tinha não sabia manter fora outros assuntos (Flávia).

Outra usuária, no mesmo fórum, comparou os livros aos debates no site, também comprovando minha impressão sobre o espaço:

Nunca li, mais creio que livros de autoajuda são como os fóruns que abrimos no Bolsa pedindo ajuda. Recebemos apoio e críticas, dicas e testemunhos, cabe a nós filtrar as coisas boas e aplicar em nossas vidas. (Alessandra).

Tenho lido muitos livros de autoajuda, amo ler esses livros. Mas como foi comentado acima para colocar em prática e mudar a pessoa tem que querer, eles não fazem milagres, mas ajuda a ver as coisas de maneiras diferentes, tem coisas que pra alguns estão claras e pra outros não, e esses livros servem para isso para ajudar a compreender melhor e enxergar em outro "prisma" conceitos e valores que podem estar distorcidos em nossa mentes. É isso que penso. (Lucila)

Vale ressaltar que no fórum algumas bolsólatras¹³, embora em um número bem menor, evidenciaram seu descontentamento com a leitura das obras:

Nunca tinha lido, e quando resolvi ler fiz uma escolha infeliz. Fui ler o livro "Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?" Além de dar alternativas bobas de como conviver com a diferença entre homens e mulheres, tinha uma parte, que por sinal foi a última que eu li, que estava justificando o porquê dos homens traírem, querendo dizer que é biológico, que é social e que de certa forma, nós mulheres, teríamos que aceitar isso. Depois disso, joguei o livro fora e nunca mais li livro de autoajuda (Debora).

Para este trabalho, vale a pena ressaltar que o que defino como discurso de autoajuda e que, na rede, através de uma prática específica dos sujeitos desta pesquisa, vai se transformar em práticas de ajuda mútua, extrapola aquelas páginas de livros encontrados aos montes em qualquer livraria do país. Os discursos de autoajuda se mostram de tal forma disseminados, que estão presentes em diversos âmbitos da vida

cotidiana como, por exemplo, nas grandes corporações e no ambiente das indústrias, principalmente no treinamento de seus funcionários, visando o desenvolvimento de motivação; em todos os lugares onde se fala de relacionamentos amorosos; e, não poderia ser diferente, nas redes da internet. Colocar “autoajuda” como busca no Google é receber um bombardeio de informações tanto sobre o gênero literário como o acesso a diversos links de sites que se propõem a apresentar tal conteúdo em sua página.

Além disso, estar atenta ao discurso de autoajuda é notá-lo em suas diversas facetas, seja, por exemplo, nos programas de TV ou nos e-mails com anexo no power point enviados pelos parentes mais distantes; nas mensagens de motivação deixadas no Facebook, etc. Dessa forma, falar de autoajuda não é delimitar um campo restrito de escritores e leitores passivos de livros diversos, e sim acessar um discurso que está consolidado em nossas vidas diárias e que apresenta características específicas no contexto tratado, o das redes da internet, no atual momento da sociedade brasileira, como tentarei mostrar neste trabalho.

Os primeiros contatos estabelecidos com as usuárias se deram pela própria plataforma do *Bolsa*. Elaborei um perfil com informações básicas, uma foto de rosto e alguns pensamentos da Clarice Lispector, autora sempre citada pelos “bolsólatras” e que também me agrada.

Figura 3: Meu perfil no site

The screenshot shows a web browser window displaying a user profile on the website 'minha.bolsademulher.com'. The browser's address bar shows the URL 'minha.bolsademulher.com/perfil/L@rinha_SP'. The profile page features a user profile picture of a woman with glasses, a navigation menu with icons for 'Meu perfil', 'Minhas amigas', 'Meu diário', 'Meus recados', 'Meus grupos', 'Meus presentes', 'Meu correio', 'Editar meu perfil', 'Meus favoritos', and 'Meus posts do fórum', and a search bar. The profile information includes: 'Sexo: Feminino', 'Signo: Peixes', 'Sobre mim: não se nasce mulher, torna-se... Simone de Beauvoir', 'Estado Civil: Solteira(o)', 'Formação: Superior incompleto', 'Atuação: Estudante', 'Intenção: Fazer novos amigos', 'Mais gosto em meu corpo: meus olhos', 'Paixões: família, amigas e meus estudos', 'Atividades Físicas: Muay Thai', 'Comidas: Churrasco!!!', 'Orgulho: fazer o que gosto', and 'Um pensamento: Não tenho tempo pra mais nada, ser feliz me consome muito. Clarice Lispector'. On the right side, there is a sidebar with a search bar, a 'Convide suas amigas para o Bolsa de Mulher' section with a 'clique aqui' button, and a 'AS +...' section with sub-sections 'lidas', 'comentadas', and 'recentes'. The 'lidas' section contains three articles: 'Ex? Não mais', 'Acerte na hora da conquista', and 'Cinco exercícios que beneficiam o sexo'. The Windows taskbar at the bottom shows several open applications and the system clock at 14:53.

meu perfil

Google Custom Search buscar

Convide suas amigas para o Bolsa de Mulher. clique aqui

AS +...

lidas comentadas recentes

Ex? Não mais
Saiba como reconquistar o namorado depois de um fora

Acerte na hora da conquista
Evite atitudes erradas que afastam os homens

Cinco exercícios que beneficiam o sexo
Aprenda como fazer os movimentos do Pilates em casa

Sexo: Feminino

Signo: Peixes

Sobre mim: não se nasce mulher, torna-se... Simone de Beauvoir

Estado Civil: Solteira(o)

Formação: Superior incompleto

Atuação: Estudante

Intenção: Fazer novos amigos

Mais gosto em meu corpo: meus olhos

Paixões: família, amigas e meus estudos

Atividades Físicas: Muay Thai

Comidas: Churrasco!!!

Orgulho: fazer o que gosto

Um pensamento: Não tenho tempo pra mais nada, ser feliz me consome muito. Clarice Lispector

Windows taskbar: Iniciar, L@rinha_SP, projeto versões, qualificação V..., trabalho comp..., projeto fapes..., Adobe Re..., 14:53

Windows Media Guide... Dicionários - UOL Edu... VLAD TEPEŞ (1979 fil... Welcome to www.A4... MSN Brasil - Hotmail, ...

minha.bolsademulher.com/perfil/L@rinha_SP

atualizações

atualizações de L@rinha_SP | amigas de L@rinha_SP | toda a rede

- Estrela... geminiana deixou um comentário em 5 anos, um noivado, casa construid... há 11 minutos
- Estrela... geminiana deixou um comentário em 5 anos, um noivado, casa construid... há 15 minutos
- Estrela... geminiana deixou um comentário em 5 anos, um noivado, casa construid... há 22 minutos
- fran.bruckmann deixou um comentário em 5 anos, um noivado, casa construid... há 30 minutos
- Estrela... geminiana deixou um comentário em Como tem gente FDP nesse mundo.... há 32 minutos

álbum (5)

ver todas

- lago da Facul
- Não precisa ser homem,...
- qdo eu era mais munitaaaaaa
- outono-inverno 2011

presentes (48)

recebidos | enviados

Sexualidade

últimos comentários no fórum

ver todos

- q mi contam st????? vamos conversar????? há 11 meses
- q mi contam st????? vamos conversar????? há 11 meses
- Que livro vc me indicaria? há 1 ano
- Que livro vc me indicaria? há 1 ano

Conheça os melhores produtos e tratamentos

Estilo retrô também é tendência para os cabelos

Aprenda como fazer um coque baixo

testes de perfil

Que carro você seria

1 - Como são os seus fins de semana, normalmente?

- A - Agitadíssimos! Sempre tem uma peça de teatro, um filme, um show interessante para ir!
- B - Aqueles almoços cheios na casa da mãe ou da sogra.
- C - Uma prainha, um churrasco, um barzinho com amigos...
- D - Fim de semana é para ir pra boate, chegar de manhã em casa depois de dançar muuuito!
- E - Trilhas, esportes radicais, longas pedaladas... Não tem melhor coisa para fazer do que

Windows Media Guide... Dicionários - UOL Edu... VLAD TEPEŞ (1979 fil... Welcome to www.A4... MSN Brasil - Hotmail, ...

projeito versões qualificação V... trabalho comp... projeto fapes... Adobe Re... 14:56

minha.bolsademulher.com/perfil/L@rinha_SP

presentes (48)

recebidos | enviados

- bonsai da sorte
- Flor
- Milkshake Morango
- Pipoca
- Gira-Sol

diário (3)

ver diário completo

Na correria

01 de outubro de 2011 | 16:04

Olá pessoas queridas do Bolsa!!!Ando meio sumida daqui devido às muitas tarefas da faculdade. Esse semestre é meu último semestre de matérias e aí ficarei mais tranquila para poder estar aqui e falar com vcs!!!!

estou com saudades de tod@!!!!

um grande beijo no coração!!!

Clarice Lispector

25 de junho de 2011 | 15:03

"Sou o que se chama de pessoa impulsiva. Como descrever? Acho que assim: vem-me uma idéia ou um sentimento e eu, em vez de refletir sobre o que me veio, ajo quase que imediatamente. O resultado tem sido meio a meio: às vezes acontece que agi sob uma intuição dessas que não falham, às vezes erro completamente, o que prova que não se tratava de intuição, mas de simples infantilidade. Trata-se de saber se devo prosseguir nos meus

boate, chegar de manhã em casa depois de dançar muuuito!

E - Trilhas, esportes radicais, longas pedaladas... Não tem melhor coisa para fazer do que atividade física.

próxima

Ver testes de Estilo de Viver
Ver todos os testes

KEEPING UP WITH THE KARDASHIANS

TODA QUINTA-FEIRA AS 22h30.

NET	SKY	TVA
84	33	63
Telefônica	Via Enxerto	Oi
362	54	400

o que está rolando

no Bolsa no Bolsa TV

escreveu em seu diário Como e bom ser mãe há 16 segundos

c.o. deixou um comentário em Buclina realmente engorda? em quanto tempo +ou- ? há 1 minuto

Lady Lest deixou um

Windows Media Guide... Dicionários - UOL Edu... VLAD TEPEŞ (1979 fil... Welcome to www.A4... MSN Brasil - Hotmail, ...

projeito versões qualificação V... trabalho comp... projeto fapes... Adobe Re... 14:57

Dessa forma me misturei às demais usuárias e usuários e, aos poucos, estabeleci contato com os perfis mais atuantes, apresentando minha pesquisa e chamando para conversas via MSN. Em dezembro de 2011, um grupo de usuárias do site decidiu montar um grupo no *Facebook*, ao qual fui adicionada devido a meu contato com Luiz¹³, a “fadinha do *Bolsa*”¹⁴, um dos usuários mais ativos. Atualmente, o grupo conta com a presença de 60 usuárias e 10 usuários. Dentre estas pessoas, conversei com um total de 15, no período de dezembro de 2011 a março de 2012. Com alguns eu já havia falado anteriormente, pelo Messenger, o que totaliza um conjunto de 24 conversas de acompanhamento, sendo que dentre elas, 3 foram realizadas com homens e 21 com mulheres.

Optei por manter meu campo neste grupo, o que se formou no Facebook, apesar de saber que existem vários outros que se formam no *Bolsa* e migram para esta rede social, uma vez que o que me interessa não são os conflitos entre as pessoas do site, mas sim como as usuárias mobilizam discursos e práticas neste espaço e nos próprios ambientes criados por elas. Também devo dizer que fui muito bem acolhida por estas pessoas, sem encontrar qualquer tipo de resistência às minhas perguntas, o que me fez manter a vontade de ficar por ali.

É importante ressaltar que as integrantes do grupo ao qual fui inserida são as mais ativas na plataforma, principalmente nos fóruns, o que faz delas representantes significativas de toda a dinâmica estabelecida no *Bolsa de Mulher*. Somando-se à observação do *Bolsa* e do grupo, adicionei estas pessoas à minha lista pessoal de amigos do *Facebook*, o que me permitiu contato diário com suas postagens. Muitos bolsólatras só usam fotos e dados pessoais no perfil do *Facebook*, espaço onde elas têm maior

¹³ Luiz é o único nome verdadeiro que uso em minha pesquisa. Quando o questioneei sobre qual nome ele gostaria que eu usasse para substituir o seu, Luiz se manifestou a favor de manter seu verdadeiro nome.

¹⁴ Luiz me contou que o apelido de fadinha surgiu em meio a uma conversa com uma usuária do site, na qual ela manifestou o desejo de conhecê-lo e ele, em contrapartida, afirmou ser delicado como uma fada. Fairy ou fada, em inglês, consiste em uma gíria usada para falar sobre gays ou pessoas afeminadas.

autonomia para postar questões relativas à sua vida pessoal, ficando o perfil do *Bolsa* com figuras e fotos de famosos como avatar. No *Facebook*, elas decidem quem vai compor sua lista de amigas e amigos, organizam suas configurações de privacidade no tocante à visualização do perfil e estipulam quem vai ou não ter acesso às suas postagens diárias; já no *Bolsa*, os perfis são abertos e o único espaço onde é possível conversar de maneira privada é via Correio Eletrônico e nem todas as usuárias conhecem esta ferramenta.

Conjuntamente às conversas de acompanhamento, estabeleci observação nos fóruns do site, especificamente naqueles que levam o título ou a temática “Amor”, pois notei que este tema é central nesse universo; até o momento de elaboração deste texto este item conta com 26 mil tópicos de debate que se dividem em subitens como “Relacionamento”, “Cafajeste”, “Esoterismo”, “o que os homens pensam” e “homens”. Os fóruns são espaços mais difíceis de analisar, devido ao grande número de tópicos e assuntos, ao excesso de discussões de nível pessoal e às correntes religiosas e com conteúdo de “simpatia”. No entanto, alguns debates são passíveis de observação e merecem destaque neste trabalho, principalmente no tocante às questões de gênero. Para escolha destes fóruns, utilizei como estratégia metodológica a observação daqueles que foram citados durante as conversas com minhas interlocutoras ou mesmo dos que eram elaborados por elas próprias, o que evitou com que eu me perdesse em meio à quantidade significativa de material de análise.

O grupo do *Bolsa* no *Facebook* também é espaço constante de observação e vale ressaltar que parte das pessoas prefere o grupo ao site, devido a autonomia, já citada, no uso da plataforma, bem como aos problemas com os chamados por elas de “perfis fake”, que causam conflitos “de baixo nível”¹⁵ entre as usuárias e usuários da plataforma do *Bolsa*. Dessa maneira, ficou estabelecido entre os membros do grupo que ele seria fechado e que, para adentrá-lo, deveria haver consenso por parte da maioria

¹⁵ Tais conflitos foram citados em muitas de minhas conversas nos últimos meses. Alguns membros, que estão há mais tempo no site, chegaram a dizer que se trata de mais uma fase ruim do *Bolsa*, que é caracterizada por conflitos constantes, com xingamentos também constantes entre os diversos grupos.

que já o integra. Decidi por realizar uma observação multiplataforma, ou seja, que incluiria não só o *Bolsa de Mulher*, mas o Facebook, os perfis pessoais das usuárias e o Orkut, quando necessário, uma vez que o que mais me interessava era os usos feitos, por elas, dessas plataformas, que afetam e evidenciam tanto suas subjetividades quanto o contexto *off* no qual estão inseridas.

Tanto para o estudo das falas de minhas colaboradoras e colaboradores quanto para a análise dos fóruns, utilizei uma perspectiva foucaultiana de análise de discurso, de acordo com a qual o discurso não pode ser separado de seu contexto de produção:

Não a podemos confundir [a prática discursiva] com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada num sistema de inferência; nem com a 'competência' de um sujeito falante quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, numa dada época, e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (Foucault,1969:147).

Não se trata de uma análise estrutural, pois não se dá às estruturas o valor colocado a elas por teorias estruturalistas, mas sim de um estudo dos acontecimentos:

O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros. Daí a recusa às análises que se referem ao campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas. Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A

historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem “sentido”, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente (Foucault, 1979: 5).

Este estudo apresenta também, como fio condutor da análise, os processos de subjetivação que constituem os sujeitos em meio a uma série de dispositivos discursivos. Vale ressaltar que uma abordagem que privilegia o subjetivo de modo algum deve subestimar o impacto do que é coletivo e social. A subjetividade é necessariamente cultural, portanto, extremamente relevante para dar inteligibilidade ao mundo social como um todo e, no caso desta pesquisa, à forma como os sujeitos interagem em grupos como este.

Isto posto, o foco na dinâmica subjetiva e na experiência dos sujeitos não deve colocar esta última como origem do conhecimento, pois não são indivíduos que têm experiência, mas sim sujeitos que são constituídos pela e na experiência. Por isso me refiro aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam suas experiências. Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la (Scott, 1998: 304). Em outros termos, trata-se de ter em mente que a própria dinâmica da internet, no caso desta pesquisa, que está atravessada por uma prática coletiva de ajuda mútua, constitui os sujeitos de modo a posicioná-los em situações que podem reiterar ou romper, por exemplo, com padrões de gênero, sendo estes bastante evidentes, já que o que estou analisando aqui está intimamente relacionado às relações afetivas entre homens e mulheres. Esta dinâmica de relação, por sua vez, não está desconectada do atual momento da sociedade brasileira mais ampla, de ascensão das classes populares, de maior possibilidade de consumo, de programas sociais, como PRoUni, FIES, Bolsa Família, que permitem uma transformação nos padrões de vida, mas também de uma demanda, mesmo que frustrada, exigida das mulheres, de manutenção do par amoroso.

Entendo os processos de subjetivação tanto como a compreensão que temos sobre nosso eu quanto aqueles processos inconscientes sobre os quais não pensamos, embora estejam presentes, moldando nossas ações e relações na vida cotidiana:

Nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significado construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados aos discursos e devem eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. A subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições. A subjetividade pode ser tanto racional quanto irracional. Podemos ser – ou gostaríamos de ser – pessoas de cabeça fria, agentes racionais, mas estamos sujeitos a forças que estão além do nosso controle. O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção de identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. (Woodward, 1996:55)

A definição de processos de subjetivação e, no nível das teorias, do conceito de subjetividade como contraponto às noções fixas de sujeito se consolidou no contexto do pós-segunda guerra e dos projetos do pós-estruturalismo, do feminismo e do anticolonialismo, do anti-imperialismo e do anti-racismo. Como afirmou a teórica Avtar Brah (2006: 365) todos estes movimentos, de uma forma ou de outra, problematizaram seriamente a universalização das afirmações de verdade reivindicadas pelas grandes narrativas da história que colocam o Homem europeu em seu centro.

Neste trabalho opto por uma concepção de subjetividade que afirma não haver um sujeito que anteceda a lei ou o discurso, mas que é engendrado nele. Parto das

análises de Butler sobre as identidades de gênero e sobre o sujeito e processos de subjetivação para pensar as dinâmicas apresentadas por meu campo empírico:

O que é significado como identidade não o é num ponto dado do tempo, depois do qual ela simplesmente existe como uma peça inerte da linguagem criadora de entidades. Claramente, as identidades podem parecer substantivos inertes; aliás, os modelos epistemológicos tendem a tomar essa aparência como seu ponto de partida teórico. Contudo, o substantivo “eu” só aparece como tal por meio de uma prática significativa que busca ocultar seu próprio funcionamento e naturalizar seus efeitos. Além disso, qualificar-se como uma identidade substantiva é tarefa das mais árduas, pois tais aparências são identidades geradas por regras, que se fiam na invocação sistemática e repetida de regras que condicionam e restringem as práticas culturalmente inteligíveis da identidade [...] quando se diz que o sujeito é construído, isso quer dizer simplesmente que o sujeito é consequência de certos discursos regidos por regras, os quais governam a invocação inteligível da identidade. O sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulador de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes [...] não há eu que mantenha uma “integridade” anterior a sua entrada nesse campo cultural conflituoso. (Butler, 2009: 208,209)

É a partir desta ideia de subjetividade como algo não fixo, engendrada discursivamente e que se forma atravessada tanto por um contexto social específico de classe social, gênero, religião, em um país como o Brasil, quanto por espaços inconscientes não acessados pelos sujeitos, que pretendo dar conta dos objetivos desta pesquisa, envolvendo mídias digitais, discursos de autoajuda e, no âmbito das práticas estabelecidas no site, dinâmicas de ajuda mútua. Para ter acesso a esta subjetividade

parto das falas de minhas colaboradoras e colaboradores, do que pensam sobre si e o mundo, em um esforço constante de contextualização do que é exposto, bem como de atenção às brechas e contradições da fala.

Quando me proponho a investigar processos de subjetivação, alimento, como pano de fundo, toda uma discussão teórica e metodológica, que tem como pressuposto a ideia de que a realização de pesquisa etnográfica, bem como o desenvolvimento de teoria social, só podem ser feitos a partir do momento em que o próprio sujeito pesquisador expõe, em sua imersão no campo, sua própria subjetividade.

Em meio à pesquisa realizada com mídias digitais e com o acesso à internet, a dinâmica não é diferente. Ao estabelecer contato com as usuárias e usuários do site, tive de me esforçar para romper minimamente as distâncias sociais que se impunham entre mim e estas pessoas, em uma tentativa de entender o porquê de tais distâncias existirem, bem como realizar um constante esforço de refletir sobre o que minha presença naquele espaço causava tanto para elas quanto para mim. Em outros termos, o objetivo era o de entender os fluxos de poder que atravessaram tanto o sujeito pesquisado quanto o sujeito pesquisadora, o que inclui observar: quais os diferentes usos que são feitos da internet por mim e por elas, em que medida tínhamos algo em comum como o fato de nossas origens estarem vinculadas às camadas populares, e, por fim, de que forma eu e elas havíamos sido expostas a uma busca por acesso à mobilidade, ao consumo e à realização pessoal, todos aspectos marcados pelo fato de sermos mulheres.

Tentarei evidenciar nas páginas que se seguem um exercício metodológico que permita compreender minha posição frente a estes sujeitos num processo constante de aproximação e distanciamento, ou como diria Gilberto Velho (1978), de familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento. Para isso, usarei as histórias da trajetória de algumas das pessoas com as quais conversei via MSN, principalmente de Mel, bem como da minha própria trajetória individual.

Se das experiências etnográficas extraímos material analítico para dialogar com o campo científico mais amplo, no qual se inserem nossos trabalhos de pesquisa, este

texto, em específico, diz respeito às primeiras experiências de imersão no ambiente de pesquisa e as reflexões desenvolvidas neste momento. Dessa forma, nesta parte do trabalho, o diálogo com os pares se dará mais em âmbito metodológico e etnográfico e menos a nível teórico-conceitual, em uma tentativa de mostrar, no trabalho nascente, as pinceladas, os toques e retoques, sem a ênfase em um resultado acabado, tão bem quisto pelo *homo academicus*, Bourdieu (2009, p: 19)

(Des) encontros etnográficos: notas sobre a inserção no campo

Em uma sexta-feira à noite, do segundo semestre de 2011, recebi um SMS¹⁶ de Mel dizendo-me que Davi ainda não havia nascido, mas que ela estava bem, na companhia de sua mãe que saiu de Iguatu, interior do Ceará, para ficar com ela no Espírito Santo, nos momentos finais da gravidez. Pela primeira vez me sentia preocupada com um dos sujeitos de minha pesquisa. Mel desaparecera do *messenger* e do *Bolsa de Mulher* há alguns dias e, como a gravidez era de risco, pensei que Davi havia chegado antes da hora ou que pudesse ter acontecido alguma coisa, uma vez que ela apresentava um histórico de pressão alta durante toda a gestação. Felizmente tudo corria bem. Menos para mim que notei diminuir, ao longo dos 15 dias de desaparecimento de Mel, o chamado distanciamento que a pesquisadora deve ter em relação ao sujeito de pesquisa, com vistas a manter um trabalho acadêmico: estava inquieta com o sumiço de Mel, que mora há quilômetros de distância de mim, com quem eu havia tido, para alguns, somente uma relação virtual entre pesquisadora e “objeto” de pesquisa. Tal fato evidencia, antes de qualquer coisa, que mesmo em uma pesquisa mediada por mídias digitais, a distância física não representa a falta de interlocução e de estabelecimento de laços de afinidade entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa.

Nesse sentido, tendo a concordar com outra de minhas colaboradoras que postou no Facebook, no momento de finalização desta parte do texto, a imagem de uma

¹⁶ Mensagem instantânea enviada pelo celular.

jovem, com seu notebook sobre o colo, na qual havia a seguinte mensagem: *mesmo sendo virtual, o sentimento é real*. Para minha interlocutora, os dizeres faziam referência às amizades que ela julgava ter conquistado no ambiente virtual, o que fica evidente com o fato de ter marcado¹⁷ algumas amigas na postagem, as quais teceram comentários embaixo da imagem, concordando com a sinceridade da amizade que haviam desenvolvido na rede. Já para mim, a frase representava minha atitude metodológica no campo, ou seja, ao fato de notar não ser possível, como acreditou-se por muito tempo, separar as relações estabelecidas *online* daquelas que ocorrem com o computador desligado, como se as primeiras fossem totalmente controladas pelos sujeitos e como se estivessem isentas do desenvolvimento de relações e sentimentos, bem como de preconceitos, de manutenção de desigualdades, etc.

A preocupação com Mel havia me mostrado que já havia passado, certamente, da fase teórico-intelectual de minha pesquisa para a fase do período prático ou mesmo para um misto de fases. Só sabia que não falava mais com pessoas de papel, ou melhor, com a tela de meu computador, mas com sujeitos contextuais:

Na fase teórico-intelectual, as aldeias são diagramas, os matrimônios se resolvem em desenhos geométricos perfeitamente simétricos e equilibrados, a patronagem e a clientela política aparecem em regras ordenadas, a própria espoliação passa a seguir leis e os índios são de papel. Nunca ou muito raramente se pensa em coisas específicas, que dizem respeito à minha experiência, quando o conhecimento é permeabilizado por cheiros, cores, dores e amores. Perdas, ansiedades e medos, todos esses intrusos que os livros, sobretudo os famigerados "manuais" das Ciências Sociais teimam por ignorar. (DaMatta, 1978, p. 24)

¹⁷ A marcação é uma das ferramentas disponibilizadas pelo *Facebook*. Ela funciona da seguinte maneira: quando você quer que seus amigos vejam aquilo que você postou, ou quando você quer dizer alguma coisa a eles diretamente você "marca" seus nomes na postagem feita e eles serão avisados do recado.

Notei, com os recados deixados em meu perfil no site – *tenho que te contar uma coisa* – e com a mensagem de agradecimento no celular – *oi, obrigada pela preocupação, minha mãe está comigo, agora o Davi pode nascer tranquilo* – que Mel confiava em mim a ponto de me escrever contando as novidades e que, tal confiança era fruto de meu interesse por sua história de vida, tão peculiar e, ao mesmo tempo, compartilhada por diversas meninas de sua idade. Tal interesse, que inicialmente não passava de fruto de intenções de pesquisa, deixei transparecer a todo o momento durante nossas longas conversas. Percebia que o trabalho etnográfico não é feito no vazio, o que existe é uma troca constante. Meu papel, enquanto pesquisadora, além de produzir para os pares da Academia certa inteligibilidade sobre a ação do sujeito e sobre a dinâmica social, era também o de propiciar certo retorno, por menor que fosse, neste caso em específico, certa sensação de conforto à minha interlocutora. Respondi que ficava contente em saber que estava tudo bem e que estava torcendo por ela e pelo pequeno Davi. Na mesma sexta feira que falei com Mel pelo celular, saí pra comer pizza com umas amigas.

Dia 14 de fevereiro de 1987 nascia Mel e, dia 20, do mesmo ano e mês, nascia eu. Nossas trajetórias individuais, por se remeterem a diferentes contextos sociais e a diferentes formas de agências frente a tais contextos, se afastam de tal modo a explicar como posso comer pizza na sexta à noite, enquanto Mel repousa, navega na internet e prepara as coisas para a chegada do pequeno Davi – *sim, eu ia estudar, também queria fazer uma faculdade, mas agora só Jesus*, disse-me Mel em uma de nossas conversas. Nunca me interessei em questioná-la sobre a gravidez indesejada (e se de fato era indesejada) ou sobre contracepção, percebia que não era o tipo de coisa que deveria tirar de uma jovem de 24 anos, ansiosa pela chegada de seu filho e nervosa com o futuro incerto; o trabalho etnográfico pressupõe reconhecer os limites da interlocução que, neste caso, estavam baseados em compreender que, desejada ou não, a gravidez era um dado e, agora, além de pouco importar para ela falar sobre isso, poderia causar certo constrangimento.

Ansiedade, nervosismo e insegurança não são perceptíveis somente nas relações face a face. Surpreendi-me quão reais são as sensações diante dos escritos na tela do computador: cada palavra, frase, ponto ou letra repetida, ganha um significado passível de tradução e de compreensão. No caso de Mel, o sentimento com a chegada de Davi era visível em seu status no MSN – *“eu mal sabia que, na época de meu maior desespero, viria meu maior presente. Deus escreve certo por linhas tortas!!!”* – o garoto chegaria para recompensá-la pelos sofrimentos dos últimos meses e os pontos de exclamação evidenciavam o quão certa estava da ação de Deus em sua vida e o quão reconfortante era pensar sobre isso.

Desejada ou não, a maternidade para Mel ganhava um significado específico, talvez assumido por milhares de jovens grávidas: de trazer conforto e ser um bom motivo para esquecer os erros do passado e repensar o futuro ao lado de seu filho – *“tenho que me dar valor, antes de tudo, tenho um filho pra criar”*. Este significado era reiterado em quase todos os tópicos do fórum lançado por Mel, no *Bolsa de Mulher*, o qual chamou de *“Grávida e Abandonada, o que faço?”*: *“Lembre-se que agora você não está sozinha, agora você tem uma criança que vai depender de você, então mantenha a calma”, “cuide do seu bebê, cuide de si, não lamente por um cretino que te magoou”*. As mensagens de motivação se transformavam em mensagens que objetivavam estimular o equilíbrio e bem-estar. Ser mãe é, tradicionalmente e nos discursos do site, ter equilíbrio e transmitir tranquilidade mesmo em momentos de conflito e insegurança.

Após observar meus dados de campo, noto, assim como aponta Goffman (2009), que uma das soluções para o problema de acalmar a pessoa que passa por uma situação como esta consiste em oferecer a ela um status que seja diferente daquele que perdeu ou falhou em ganhar, mas que proporcione, pelo menos, algo ou alguém para se tornar. (Goffman, 2009: 203). No caso de Mel, ocorre a perda do status de esposa, no entanto, adquire-se o de mãe que pressupõe uma série de outras formas de conduta perante a vida e os acontecimentos passados vividos ao lado do ex-namorado – *“não lamente por um cretino que te magoou.”* Os comentários dos fóruns do site ocupam,

para Mel e para tantas outras usuárias, o espaço do terapeuta no sentido de reorientar a pessoa desorganizada, mostrando a ela um novo status.

Conheci Mel no *Bolsa de Mulher* logo nas primeiras semanas de imersão no campo. Seu perfil me chamou a atenção devido à postagem sobre sua gravidez no fórum, acompanhada da exposição do rompimento com o namorado, uma vez que isso era bastante representativo do tipo de ajuda buscada no site, ou seja, aquela voltada aos conflitos na esfera amorosa. Mesmo fazendo parte de diversas redes sociais e postando diversas frases e links diariamente, estava frente a uma realidade que até então não havia notado e que, se tivesse passado por ela um dia, não havia me despertado curiosidade nem mesmo interesse por sua dinâmica. Era distante de mim um site que se diz voltado unicamente a “ajudar” mulheres em seus mais diversos tipos de problemas, no qual era possível elaborar um perfil e adicionar as “amigas”. Também não tinha visitado com tanto afinco, em meu dia a dia, um espaço com tantas dicas sobre os mais variados assuntos: relacionamento, moda, beleza, culinária, mecânica de carros, sexo, etc. “Em *Bolsa de Mulher* cabe mesmo muita coisa”, pensava eu, fazendo referência ao imaginário que se alimenta socialmente sobre o que teria de tão secreto, desorganizado e até mesmo perigoso, dentro da *Bolsa* de uma mulher.

Nas redes sociais das quais eu fazia parte, adicionava somente os amigos que conhecia anteriormente, fora do ambiente virtual e a plataforma era útil no sentido de manter contato com eles, evitando falar por telefone. Assim como nas redes sociais que eu usava, as pessoas do *Bolsa* estavam ali também para falar de assuntos que lhes despertavam interesse, expor problemas pessoais ou questões polêmicas e esperar os comentários mais diversos. No entanto, havia algo de específico e mais intenso na dinâmica em que estavam inseridas minhas interlocutoras: “foi assim, eu tava louca pra contar minha história pra alguém, aí comecei pesquisar no Google histórias parecidas com a minha e caiu no *Bolsa*. Então me cadastrei e fiz um tópico”. “Fez um tópico sobre sua situação?” “Fiz sim, olha lá pra você ver. Está assim “grávida abandonada, o que faço? E as meninas me deram muitos conselhos” (Mel). “Eu fui fazer uma pesquisa de

como lidar com namorado que já tinha filhos, pesquisei no Google, e caí num fórum do Bolsa de Mulher e havia uma menina com a mesma situação que eu” (Thaís).

Para alguém como eu, parte do que podemos chamar de classe média, com uma escolaridade também particular, inserida em determinados círculos de amizade, não migrante, como mostrarei a seguir, talvez a internet não ocupasse papel central nos processos de sociabilidade, a não ser por adicionar à interação *online* as relações sociais já existentes. No entanto, no caso dos sujeitos com os quais falei, a dinâmica da rede não se mostrou menos intensa ou eficaz do que as comunidades físicas: *Conto muito mais da minha vida para as meninas do Bolsa com as quais eu já tenho uma amizade [...] atualmente minhas melhores amigas são as que conheci no Bolsa*(Thaís).

Dessa forma, o *Bolsa* pareceu ser, nesse primeiro momento, um espaço de resolução de conflitos e problemas pessoais onde é possível fazer “amigas de verdade”, nos termos de minhas interlocutoras, ou seja, estabelecer laços que permitem falar de problemas diversos. A figura do terapeuta ou do analista foi substituída pelas “amigas” que dão conselhos e compartilham ideias em um intenso processo de ajuda mútua: *olha, disse Lindinha, tenho amigas que ajudei de verdade. Como assim ajudou? Ah, elas pediam ajuda na minha página, ai eu dava apoio, o que for necessário para a pessoa se acalmar, algumas tem sérios casos de amor, de família e etc.* Afirmações como essa só reforçam a ideia de que existe, de fato, um grande investimento das usuárias em sites desse tipo, apesar do esforço em dizerem que o que acontece *online* não tem tanto valor ou mesmo que é possível construir uma identidade virtual, desvinculada da realidade face a face: *eu fiz esse e-mail e MSN só para o Bolsa confesso que entrei com um pé atrás, achei melhor prevenir e ser virtual* (Lindinha). Nesse sentido, concordo com Parreiras, de fato há:

Uma tensão constante entre dois universos – *on-line* e *off-line* -, bem como alguns dos usos, significações e ressignificações da internet, apropriada como meio de estabelecer relações, buscar parcerias (amizade, sexo, romances), revelar segredos e comportamentos de outro modo

inconfessáveis ou mesmo como palco para conflitos, divergências, desentendimentos, agressões, discriminações e preconceitos. (PARREIRAS, 2008. P 23)

Minha primeira conversa com Mel mostrou-me o que a motivou a procurar o *Bolsa*. Antes de dizer com suas próprias palavras, pude notar que havia nela esse forte desejo de contar às pessoas o problema pelo qual passava nos últimos meses, o que ela chamava de “minha história”. O site era o espaço onde contar “sua história”, que se resume em expor um problema específico, em um momento também específico da vida, era permitido.

Logo nos primeiros momentos de conversa, sem nem saber quem eu era e o que queria, Mel me contou sua versão de tudo aquilo que havia “enfrentado” nos últimos meses. E não poderia ser diferente. De início, eu era como uma usuária qualquer que, por estar inserida em um site com conteúdo de autoajuda e com práticas de ajuda mútua, estaria disposta a ouvi-la e expor minha opinião. Apesar de ser algo extremamente positivo para minha pesquisa, fiquei, inicialmente, um tanto quanto incomodada com a facilidade com que Mel falava de seus problemas pessoais a uma estranha como eu.

No entanto, primeiro pude notar que esta é uma das características que a dinâmica de diálogos mediados por mídias digitais proporciona, ou seja, de falar sobre questões íntimas que não seriam expostas facilmente, sem a mediação do computador, por um motivo central: o incômodo causado pelo contato face a face, corpo a corpo. Em uma conversa fora do ambiente da internet são muito mais perceptíveis reações corporais como nervosismo, raiva ou vergonha. O tom de voz, os olhares de julgamento, o desapontamento com a história de Mel, não estavam presentes na rede, onde ganhavam espaço os discursos de motivação, ponderados, pouco exaltados, de incentivo a repensar o futuro.

A etnografia com mídias digitais permite acessar, já de início, o que há de mais subjetivo no sujeito, ou seja, sua intimidade. Por outro lado, permite também manipular

mais facilmente as reações que se terá após o contato com este âmbito da intimidade. Um claro exemplo do que acabo de expor é minha própria reação ao que Mel me relatava. Quando soube da gravidez, de sua situação financeira e de seu status profissional, deixava transparecer em minha face, do outro lado da tela, certa expressão de piedade ou mesmo de desespero, ao pensar em como seria difícil criar e educar o filho Davi, tornando-se arrimo de família em épocas de crise econômica, bem como em meio a uma sociedade ainda tão preconceituosa e machista no tocante à atuação da mãe solteira. No entanto, julgo ter realizado um esforço necessário, permitido pela dinâmica de rede, de não ter deixado transparecer estes aspectos em minha escrita via MSN. Nas etnografias fora da internet, tal manipulação dos próprios sentimentos também é possível, no entanto, sem dúvida, com um nível de controle muito menor por parte do pesquisador.

Ao contrário de minha relação com as demais usuárias, demorei a expor a Mel que o *Bolsa* integrava meu projeto de mestrado e, quando disse que a temática de meu trabalho era autoajuda, Mel afirmou: *você está me ajudando*; nossa relação já se pautava em uma dinâmica de ajuda mútua, a dinâmica presente no site, consolidada também para mim, que a ajudava de alguma forma. Tal fato evidencia que já tínhamos rompido minimamente com a distância geográfica, social e cultural que parecia se colocar entre nós, particularmente, havia entendido os códigos do campo no qual havia me inserido para a pesquisa. Ela, talvez sem notar, havia me deixado tranquila e segura no tocante à relação que havíamos construído e, dessa forma, o fato de fazer um trabalho científico já não alterava o rumo de nossas conversas.

Após nossos primeiros contatos, Mel me contou sobre sua trajetória individual e sobre seu forte desejo de se dedicar aos estudos, desejo este que cruza sua narrativa exposta a mim, e que era compatível com o que eu começava a sentir em determinado momento de minha infância e adolescência. No entanto, embora tivéssemos muitas coisas em comum, fatores sociais, culturais e econômicos fizeram com que tomássemos rumos diferentes, inclusive na utilização das mídias digitais e da internet. Falarei agora desses desencontros expondo também parte de minha trajetória pessoal,

principalmente no que ela se choca com a de Mel, em um esforço constante de problematizar e entender minha posição em meu campo de pesquisa.

Mel nasceu em São Bernardo do Campo e se mudou com os pais para Iguatu, interior do Ceará. O pai é aposentado e a mãe cuida da casa e de umas cabras e vacas para ganhar a vida. Decidiu se mudar, novamente, com uma amiga, para Cariacica no Espírito Santo, onde trabalha em uma das lojas C&A¹⁸. Segundo ela, conseguiu construir uma vida independente dos pais - *moro com uma amiga, em um apartamento. Hoje já tenho minhas coisinhas*, que se trata de alguns móveis e eletrodomésticos para a casa. Os pais, durante a gravidez, ajudaram-na com algum dinheiro enquanto esperava os meses da perícia do INSS sobre sua gestação de risco.

Segundo o que postou em seu perfil no *Bolsa*, saiu de Iguatu para tentar construir sua independência financeira e também prefere ter seu filho em Cariacica, pois a cidade de sua família não oferece as condições das quais necessita para ter uma vida melhor – *sim vou ter o bebê aqui, pois não quero ir pra casa dos meus pais, lá é interior a coisa lá é muito difícil*. Iguatu é uma cidade pequena do interior do Ceará que tem por volta de 90 mil habitantes; de acordo com o site oficial do lugar¹⁹ o forte de sua economia é a agricultura, especialmente as plantações de algodão, banana, feijão, milho e arroz. Já Cariacica²⁰, no Espírito Santo, é uma cidade com população de 350 mil habitantes, com uma das áreas comerciais de maior valor econômico do estado e tem uma economia local integrada pelos setores moveleiro, de confecções e metal-mecânico.

No Espírito Santo, Mel conheceu seu ex-namorado, pai de Davi, em um barzinho do qual ele próprio tomava conta – *ele insistiu muito, eu não queria, ele ficou quase dois meses atrás de mim*. Noivaram e ela foi morar na casa da mãe do rapaz – *eu vim com uma amiga, trabalhei e tudo, mas depois decidi voltar. Quando eu ia voltar, o conheci, aí contei pra ele, ele não me deixou voltar. Aí ele foi comigo, foi pedir a minha*

¹⁸ Rede de lojas holandesa que vende vestuários a preços módicos para pessoas de classe média baixa.

¹⁹ <http://www.iguatu.ce.gov.br/>

²⁰ <http://www.cariacica.es.gov.br/>

mão em casamento para os meus pais. Então eu perguntei a ele varias vezes, se ele tinha certeza do que ele queria, se era mesmo pra eu voltar pra cá com ele. Ele falava que sim, porque me amava, que a gente ia se casar, no final do ano. Essas coisas bobas [...] morava eu, ela e o safado na casa dela [a sogra].

“Safado” aparece nas falas de Mel com frequência, quando fala do pai de Davi. Segundo ela, o rapaz rompia com as regras do casamento monogâmico que havia se disposto a viver a seu lado – ele *terminou comigo do nada, quando descobri, eu estava grávida. Ele saia todos os dias e chegava só de madrugada, eu escutava ele no celular, falando com mulheres, a gente já não estava dormindo juntos.* Mesmo assim, como ela mesma afirma no fórum do *Bolsa*, quem decidiu terminar a relação foi o parceiro, *eu era muito feliz com meu ex, chegamos a ficar noivos e tudo, só que do nada ele me pediu um tempo, e então resolvi sair da casa dele.* Sentimentos de felicidade e tristeza se misturam a todo o momento, quando fala do ex-namorado.

No relato autobiográfico de Mel, existe um esforço racional de dar inteligibilidade a sua própria narrativa. No entanto, as contradições do discurso, fruto das transformações do próprio sujeito, tanto em meio às realidades nas quais está inserido quanto sob influência de fatores não acessados por ele racionalmente, se colocam todo o tempo no que é proferido em nossas conversas. Mel relata os problemas de sua relação, mas ao mesmo tempo aponta como era feliz ao lado do rapaz e como desejava ter com ele uma família nos moldes tradicionais, composta por um casal heterossexual e filhos. Fala da maternidade com apreço e como ponto de partida para um futuro melhor e, ao mesmo tempo, expõe certo arrependimento por não ter insistido nos estudos.

No caso de Mel, mas também no de muitas outras interlocutoras de pesquisa, as contradições das falas evidenciam dois aspectos que permitem uma frutífera discussão neste momento do texto: primeiro que ela integra um contexto social de grandes transformações na esfera da intimidade e dos relacionamentos amorosos e por isso vive os paradoxos deste momento, ou seja, teve uma educação conservadora e aprendeu a sonhar com um tipo de relacionamento e projeto de vida não mais coerente

com as demandas econômicas e até mesmo culturais de nosso tempo, de individualização máxima da resolução de problemas nas mais diversas esferas; segundo que, por exemplo, no caso de Mel, as transições pelas quais passou ao longo de sua vida, a colocam como parte de duas realidades distintas, uma vez que participou de um processo migratório.

Por um lado, notam-se em suas afirmativas alguns resquícios da vida no interior com a família e da inserção em um coletivo onde a individualidade não tem tanta expressão e, por outro, estão colocados os conflitos do início da nova vida, sozinha, em uma cidade maior, com maiores possibilidades de crescimento pessoal, profissional e econômico.

O pedido formal de casamento por parte do noivo e a importância atribuída a este fato por Mel trazem a tona a forma de vida que levava em Iguatu, em meio aos costumes de uma família tradicional, formada com base na união religiosa e civil de um casal heterossexual, monogâmico e com intenções de constituir uma família com filhos. Já o fim rápido do relacionamento, a constante afirmação do arrependimento de não ter estudado e as declarações de amor do noivo – que ela passou a chamar de “estas coisas bobas” – compõem a inserção em outro diagrama e montam o cenário de conflitos com as formas de vida e de relacionamentos que Mel tinha como referência no lugar onde passou grande parte de sua infância e adolescência. Já inserida em um novo contexto, o da busca pelo sucesso individual em uma cidade de porte médio, que pressupõe novos círculos de amizade e de relações, tendo a internet um papel fundamental, alguns hábitos de seu local de moradia, com os pais, são enquadrados no conjunto de coisas que ela considera “bobas”, não relevantes e até infantis. Em suma, Mel, enquanto migrante, vivencia um processo difícil de adaptação em Cariacica e a relação com o ex-namorado, integrante do contexto urbano da cidade, não migrante, aparece como ponto de segurança em meio ao contexto hostil. Quando perde o vínculo com o namorado, a internet aparece como lugar fundamental de busca de apoio emocional, nesse mesmo espaço de insegurança.

Mel é um exemplo claro de como a subjetividade se molda e se negocia, todo o tempo, a partir das experiências históricas e sociais, no interior da linguagem e do discurso, não havendo um sujeito que anteceda o social e que seja feito de fora para dentro, mas que é totalmente engendrado nele. A constituição de Mel enquanto sujeito acontece em meio a esses dois momentos distintos, o tradicional, representado pela cidade onde passou grande parte de sua existência e o novo, característico da vida em Cariacica. Frutos de um contexto de colapso do projeto de família tradicional, decorrente da crise econômica da década de 1990, da diminuição dos empregos e do maior individualismo que penetra as classes populares e as periferias²¹, os relatos de mel apresentam um tom de paradoxo completamente compreensível, quando analisados contextualmente.

A construção do sujeito não acontece uma única vez, quando nascemos, mas consiste em uma série de atos repetidos ao longo de toda a vida, através de uma série de interpelações que podem efetivamente produzir o sujeito, e que, ao mesmo tempo, permitem-no reagir a elas. A origem social, o fato de ser mulher integrante das classes populares, a experiência da migração, a dificuldade de seguir estudando e de constituir-se dentro de um projeto de ascensão social com claros marcadores de gênero são fundamentais para entendermos a trajetória de Mel e o uso que faz da internet. E sua saída do contexto no qual foi criada, bem como o não desejo de retorno, consistem em um representante significativo de sua agência mesmo em meio a uma realidade tão rígida, representada pela vida em Iguatu. A própria atuação na internet, as discussões em grupo, a procura por amigas em uma troca de experiência constante, tudo isso torna evidente o espaço de ação de Mel, proporcionado também pelas mídias digitais.

O site, para a jovem, aparece como um ambiente de atuação onde é possível ter algum tipo de suporte emocional em meio a uma nova realidade bastante hostil, a da cidade grande, para uma mulher grávida e sozinha. Ou, de maneira mais simples, inserida em um lugar maior, com maiores possibilidades de crescimento e também com

²¹ Para acesso a um trabalho consistente sobre a temática, olhar Feltran (2011).

um conjunto de valores menos tradicionais do que os vividos anteriormente. A dinâmica de sociabilidade na internet, principalmente no *Bolsa de Mulher*, se constitui, para pessoas como Mel, enquanto uma especial zona de conforto sobretudo para aquelas e aqueles que, como ela, se chocam, por um lado, com uma nova situação de vida ou que, por outro, se mantêm em uma realidade bastante conservadora, que pensam em um futuro diferente e vislumbram uma mudança pessoal, profissional e de contexto social. Uso o termo zona de conforto para falar de um espaço onde é possível desenvolver uma espécie de sociabilidade acolhedora, mesmo que passageira, o que gera a impressão, por vezes real, de integração a um grupo de pessoas que podem ser chamadas, no caso do *Bolsa*, de amigas.

Um número significativo de pessoas de minha amostra de pesquisa é migrante. Dentre as mulheres com as quais conversei, da Baixada Fluminense, quase todas deixaram a região para habitar o centro do Rio de Janeiro ou a Zona Norte, perto do ambiente de trabalho, ambos espaços de possível ascensão social; nestes lugares, se depararam com realidades diferentes daquelas que as permeavam anteriormente. A vida em cidades grandes, a renda insuficiente para saídas à noite, para a aquisição de um carro, aspectos diminuidores de processos de sociabilidade, dão à rede a característica de ser esse espaço onde encontrar pessoas possibilita acessar o conforto e a segurança de ter a quem recorrer, mesmo que indiretamente.

O caso da internet como espaço de acolhimento também para aqueles que estão inseridos em um diagrama não desejado ficou claro pra mim após conversa com Jussara, uma jovem de 25, formada em Letras em um curso a distância oferecido pela Federal de João Pessoa. Ela me relatou sua vontade de sair da casa dos pais e da cidade onde mora, Itaporanga, interior da Paraíba, bastante pequena para seus anseios pessoais e profissionais de ser independente e de cursar a pós-graduação: *quero arrumar um emprego, fazer mestrado e sumir daqui. Por isso fico na internet, gosto de pessoas e saio muito pouco aqui na cidade.*

Luiz, antigo morador de Ilha do Governador, que acabou se mudando com a mãe para Cabuçu, pequeno distrito da Baixada Fluminense, também reclama da falta de

sociabilidade urbana que tinha quando morava na Ilha. Ele coloca a internet como fundamental para conhecer pessoas em meio às mudanças pelas quais passou com sua ida para Cabuçu e afirma que o *Bolsa* foi um “achado” em um momento em que passava por problemas com a namorada que conheceu no pequeno distrito, a qual ele diz ser machista como as pessoas de seu entorno, por não aceitar seu jeito “feminino de ser”.

Quando Mel afirma não querer voltar para Iguatu, nem mesmo para cuidar de seu filho, evidenciando que, para ela, “a vida lá é muito difícil”, está dada sua atitude de não regressar ao processo de dependência em relação aos pais e ao conjunto de valores que são os pressupostos de sua antiga vida em família. Neste caso, o sujeito individual fala mais alto que o coletivo de pessoas e costumes, no qual estava inserida anteriormente ao processo migratório.

Nestes contextos de mudança e de decisão de não retorno ao diagrama antigo, como é o caso também das meninas da Baixada, das quais falei acima, a internet ocupa um lugar de destaque no processo de sociabilidade, por se constituir enquanto um ambiente onde é possível não se sentir tão só e onde se socializa a partir de afinidades eletivas, na medida em que se escolhe o ambiente do qual quer participar e as pessoas com as quais quer se relacionar. Diferente da sociabilidade muitas vezes forçada de seu local de origem, na rede, já em Cariacica, Mel tem a possibilidade de escolher seu círculo de relações e diálogos e, a partir disso, se sentir confortável e acolhida, também produzindo discursos, integrando grupos e até mesmo ajudando outras pessoas com sua própria história de vida e de superação diária de problemas.

Ao refletir sobre tudo isso, durante a elaboração deste trabalho, anotei em meu caderno de campo o quanto admirava Mel pelas decisões que havia tomado em sua vida. E fui pensando em minha trajetória e o que havia de específico em minha história, que permitisse certa distância em relação a meus interlocutores de pesquisa em um processo em que a sociabilidade na internet não parecia ser tão fundamental quanto o era para elas.

Eu nasci também no interior, no entanto, no interior de São Paulo. Daqui não saí em nenhum momento, ao menos não da maneira como fez Mel. Cresci em Araraquara,

estudei nesta cidade e faço mestrado em São Carlos, município vizinho. Ao contrário dela não fui forçada ou não decidi, por conta própria, deixar a casa de meus parentes para construir minha vida sozinha, o que facilitou o acesso aos estudos, tão desejados por Mel – *queria estudar muitoooooo*. Quando tive a oportunidade de estudar fora, decidi ficar e continuar a viver em casa, pela tranquilidade em tocar a graduação, pela falta de dinheiro para me manter em outra cidade e por minha avó, com quem eu possuía um vínculo afetivo bastante forte. Vale ressaltar que embora pareça ser parte de uma decisão puramente individual, me manter no interior de São Paulo é fruto do fato de ser esta região uma das mais ricas do Brasil, com boas universidades e oportunidades de trabalho, contexto bastante diferente do que o enfrentado por minhas interlocutoras de pesquisa, como Mel, que, caso desejasse cursar uma faculdade ou desenvolver relações de trabalho que possibilitassem uma forma de ascensão, teria que migrar para outra cidade.

O fato de não ter saído de meu ambiente natal pode explicar, em parte, a relação que mantenho com a internet, diferentemente de minhas interlocutoras. Criei, onde moro e vivo, sólidas relações de sociabilidade que advêm em sua maioria de minha infância e adolescência, bem como dos anos de faculdade vividos também em Araraquara. Ao contrário de Mel, não tive a oportunidade de ter a experiência e os conflitos colocados em meio a uma situação de integrar dois espaços distintos, o velho e o novo, a nova cidade e os costumes e hábitos antigos do local também antigo de moradia.

Penso que em meu caso, além dos estranhamentos em relação as minhas colaboradoras decorrentes dos locais de moradia, vida em família, formação escolar, etc, o que nos leva a usar a internet de maneira um pouco diversa tem a ver, antes de qualquer coisa, com uma falta, para mim, desse momento primeiro de sociabilidade e de desenvolvimento de relações de amizade, que atravessa a rotina de quem migra, seja para o ambiente urbano seja para um espaço próximo do rural, em épocas de efervescência do consumo de mídias digitais. Para mim, tais mídias só acrescentavam um efeito a mais em relações já existentes e consolidadas fora da rede; para parte delas,

tratava-se de começar do zero novas formas de relações, com o objetivo básico de não se sentir só em meio a uma nova realidade, por vezes, hostil.

Percebo hoje que a condição de ter sido criada por mulheres que também compõem o que podemos chamar de classe média baixa coloca a mim certas particularidades enquanto sujeito, que me conduziram, vale ressaltar, à própria escolha de meus sujeitos de pesquisa – as mulheres do *Bolsa*. No site, demorei a notar e agora posso dizer com bastante convicção: havia me deparado com questões que sempre foram muito caras a mim ao longo de minha vida, por conviver com mulheres que, assim como minhas interlocutoras, ocupam uma posição subalterna tanto no tocante à classe social quanto ao status profissional.

Alguns fatores que geram esse compartilhamento de experiência são: a importância da maternidade, também para mim, devido ao fato de ser filha de mãe solteira em um contexto ainda bastante conservador de cobrança das mulheres em relação a ser ou não uma “boa mãe” sem a presença paterna; a forma como as mulheres de minha pesquisa, e também as de minha vida, desenvolviam suas relações amorosas, apesar do descontentamento com os parceiros; por fim o arranjo de classe, que trago em minha história de vida, com claros marcadores de pertencimento às classes populares. Não à toa me identifiquei com o que estava exposto na plataforma e com as pessoas que ali interagiam. Já bem mostrava Max Weber:

É certo que, no campo das nossas ciências, as concepções pessoais de mundo costumam intervir ininterruptamente na argumentação científica, continuamente a confundindo e levando a avaliar de diferentes modos o peso dos argumentos científicos, inclusive na esfera do estabelecimento de relações causais simples conforme o resultado diminui o incremento as possibilidades dos ideais pessoais, isto é, a possibilidade de querer algo determinado. (WEBER, 1979: 17)

Mais do que somente citar algumas das afinidades que noto haver entre o que vivi e aquilo que minhas interlocutoras dizem, desenvolvo aqui, rapidamente, algumas delas:

Ela [a maternidade] pôde ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da opressão das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo. Além disso, ela pôde ser compreendida como constituinte de um tipo de organização institucional familiar, cujo núcleo central articulador é a família. E, mais ainda, foi possível compreendê-la como um símbolo construído histórico, cultural e politicamente resultado das relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro. Esta abordagem contribuiu para a compreensão da maternidade no contexto cada vez mais complexo das sociedades contemporâneas. (Scavone, 2001:143)

No caso de Mel, que tomou bastante espaço neste momento de meu texto, fica evidente a importância atribuída por ela, bem como pelas amigas do *Bolsa*, à maternidade. Estes discursos são muito próximos daqueles que ouvi durante grande parte de minha infância, adolescência e vida adulta, especialmente aqueles proferidos pelas mulheres de minha família. Em ambas as falas, tanto de Mel quanto das mulheres com as quais convivi, fica clara a exposição da maternidade como um símbolo de realização feminina, capaz até mesmo de dar coesão a uma vida repleta de altos e baixos, em que ser mãe é mais importante que todos os problemas enfrentados anteriormente com o ex-parceiro. Todas as incertezas e inseguranças em relação ao futuro ganhavam novo significado, mais repleto de fôlego, com a chegada do filho.

Outro ponto de identificação entre mim e minhas colaboradoras, sem dúvida, consiste em uma clara pertença de classe e até mesmo de gênero. Venho de uma família formada majoritariamente por mulheres que exerciam funções remuneradas na área do comércio e também no setor de trabalhos gerais e limpeza. Semelhantes às minhas

interlocutoras, as mulheres que comigo conviviam, embora se esforçassem em adquirir autonomia, tinham como ideal de vida o casamento, a constituição de uma família, fundada em relações de maternidade e paternidade, mesmo após muitos insucessos e frustrações. Minha avó e mãe, por nascerem e crescerem em um contexto onde o modelo tradicional de família era possível, desejável e garantidor de maior estabilidade, não apresentavam em seus discursos e práticas o mal-estar presente nas falas de minhas interlocutoras, decorrentes de mudanças nos moldes da família pós-anos noventa, com a decadência do projeto de ascensão centrado no núcleo familiar.

Mel é um exemplo claro do descompasso que parece haver na formação de pares amorosos no interior do estrato social ao qual pertence, ou seja, embora o desejo de constituir família através do casamento apareça em suas falas como um evidente reconhecimento do sucesso feminino, a frustração desta expectativa e a necessidade de se firmar como arrimo de família são o dado da realidade disponível para essas mulheres.

Este universo aspiracional de minhas interlocutoras também é vivenciado por mim, embora de forma diferenciada. Assim como elas, eu, enquanto mulher, com nítidas origens nas classes populares, também fui direcionada ao acesso ao mundo da mobilidade, do consumo e da realização pessoal. Também está colocada para mim a necessidade de manutenção, principalmente financeira, em meio a um contexto de bastante instabilidade. Para ambas a internet aparece como espaço fundamental de atuação, apesar das diferenças de uso: para elas trata-se de um lugar onde é possível se reinventar, garantir acolhimento e agência; para mim consiste em um ambiente de sociabilidade, mas também de desenvolvimento de meu trabalho, este último ponto central em minha busca pessoal por manutenção e ascensão.

Interessante deste momento do exercício é ressaltar não somente as coisas em comum que tenho com as pessoas que acompanhei em minha pesquisa de mestrado, mas sim mostrar como duas trajetórias individuais, por mais distantes que pareçam ser, podem apresentar pontos comuns geradores de afinidade entre o sujeito pesquisador e

o sujeito pesquisado e que fazer pesquisa envolve, nitidamente, questões subjetivas que, para serem acessadas, necessitam de certo esforço, meio psicanalítico, de falar sobre si.

O fato de estar diante de um conjunto de pessoas que faz uso da internet de maneira bastante diferente de mim, em um processo evidente de ajuda mútua, acaba por me fazer atentar para outros pontos criadores de laços de afinidade, respeito e confiança e acaba por não impedir a realização da pesquisa etnográfica, uma vez que compartilho com essas pessoas experiências muito parecidas. Dentre os pontos de encontro estão, sem dúvida: a experiência da subalternidade, vivida por minhas interlocutoras, mas também pelas mulheres de minha vida, principalmente minha mãe e avó; a experiência de sermos, tanto elas quanto eu, mulheres de origens nas classes populares que têm diante de si um contexto de insegurança e instabilidade, principalmente financeiras, mas também de possibilidades de acesso ao estudo, ao mundo do consumo e à ascensão.

Como segundo ponto conclusivo deste exercício de reflexão metodológica ou, se preferirem, de autoetnografia²², devo ressaltar que observar o relato de Mel sobre sua trajetória individual exige atentarmos para o fato de que ele consiste em uma interpretação pessoal de experiências sociais. Isto fica evidente, após este percurso, ao notar como a história de vida de nosso sujeito de pesquisa, se comparada a outras histórias de vida e também à minha própria, pode ser generalizada: a necessidade de migrar de uma cidade do interior para a capital na busca por melhores condições de vida, a maternidade na juventude, a esperança de ascensão social e manutenção depositada nos estudos interrompidos, as relações de gênero que envolvem uma gravidez sem a presença do pai da criança, os processos de sociabilidade buscados em sites da internet, a vulnerabilidade em um contexto de insegurança econômica, a frustração de expectativas frente à possibilidade de casamento e de consolidação de família, etc.

²² Como exemplo do que chamo de autoetnografia, ver o texto *A Guerra Declarada contra o Menino Afeminado*, do sociólogo peruano Giancarlo Cornejo, escrito que saiu como adendo ao livro *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças* (2012), do professor Richard Miskolci.

No entanto, as generalizações não podem fazer com que desconsideremos as particularidades da interpretação de cada sujeito perante os acontecimentos da vida. Nesse sentido concordo com Suely Kofes (1994: 121) ao dizer que “esta singularidade fica mais evidente quando a estória de vida é lida como um texto, respeitando-se o desencadeamento da narrativa dado pela entrevistada.” No caso de Mel, o eixo de sua narrativa está em relatar suas vivências com o ex-companheiro; seu esforço para retomar esta temática se mostra a todo o momento na conversa, de forma a deixar evidente que as questões de gênero, que compõem a esfera afetiva, são relacionais. As expectativas depositadas na relação amorosa ainda apontam para a importância dela no reconhecimento do sucesso feminino, muito embora possam não ser alcançadas devido a um contexto social de individualização máxima das saídas para os problemas.

Com isto exposto, podemos afirmar sem medo de cometer enganos que o método etnográfico, que tem como expressão importante a história de vida, torna-se ferramenta fundamental também nas pesquisas envolvendo mídias digitais, se considerarmos que a experiência individual não deve ser analisada como origem do conhecimento, nem mesmo em espaços como estes, onde se acessa, logo de início, níveis mais elementares de composição da subjetividade:

Nesta abordagem, abre-se caminho para delinear os mecanismos pelos quais as experiências coletivas chegam aos indivíduos, e assim pensar sobre o que é estruturante preservando as especificidades da dimensão privada que também monta a ação humana. (FELTRAN, 2004: 11)

No tocante à pesquisa etnográfica em geral, trata-se de se submeter à ação, de investir sensibilidade, inteligência e cumplicidade, no esforço de compreender a vida dos sujeitos pesquisados e o que este ato de falar sobre si quer dizer:

Para tanto, nada como a imersão iniciática e mesmo a conversão moral e sensual ao cosmo considerado como técnica de observação e de análise que, como a condição expressa de que ela seja teoricamente instrumentada, deve permitir ao sociólogo apropriar-se na e pela prática dos esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos que põem em operação cotidiana aqueles que o habitam. (Wacquant, 2002: 14)

Já como ponto conclusivo no que diz respeito ao que chamo de etnografia mediada por mídias digitais, o que tentarei discutir no tópico abaixo, entender que ela deve ser contextual, de forma que as pessoas não fazem usos dessas mídias da mesma forma no mundo todo é um passo básico importante para iniciar a pesquisa e para pensar a posição do pesquisador frente a estas novas subjetividades conectadas.

Enquanto eu terminava este momento do texto, após horas de trabalho esgotante de leitura e escrita, Mel, depois de quase um dia inteiro de contrações e dores, dava a luz ao Davi.

Discutindo Etnografia Mediada por Mídias Digitais

No tocante à pesquisa de campo na internet, vale a pena retomar certa discussão em torno do desenvolvimento de métodos que permitam acessar tal contexto. Para este trabalho, a internet se mostrou uma ferramenta fundamental que dá novas configurações às relações analisadas e ao discurso da autoajuda, transformando-o em prática efetiva de ajuda mútua. Dessa forma, não poderia deixar de estabelecer contato com a bibliografia sobre ciberespaço, etnografia virtual, redes sociais, dentre outras, que abordam o papel deste tipo de tecnologia na vida cotidiana dos sujeitos.

Tem-se discutido intensamente nos últimos anos as diferenças e semelhanças entre a etnografia realizada na rede e aquela que acontece face a face, bem como as particularidades que envolvem o trabalho na internet. O desenvolvimento de metodologias para o estudo de práticas de comunicação mediadas por computador

recebeu o nome de Netnografia²³ ou Etnografia Virtual. Neste texto, não uso nenhum dos termos e opto por falar de “etnografia mediada por mídias digitais” devido a uma postura metodológica de acreditar, primeiro, que o ambiente virtual está estreitamente vinculado ao *offline*, não havendo a necessidade de cunhar uma palavra que pareça direcionada especificamente para as dinâmicas na rede, descoladas da “vida real” e, segundo, por notar ao longo do trabalho que realizar etnografia na internet ultrapassa o uso somente do computador enquanto mídia central de acesso.

De acordo com uma série de fatores como renda, classe social, acesso à internet móvel, pode-se ou não utilizar uma série de dispositivos móveis que incluem celulares, tablets, dentre outros equipamentos que mantêm as pessoas conectadas 24 horas por dia, e que modificam a forma de acesso, as relações estabelecidas e claro, os processos de elaboração subjetiva. Cito como exemplo a diferença que há em analisar um site de relacionamento voltado para o público homossexual, que é feito para ser acessado do computador, onde se cria um perfil elaborado e onde há espaço para estabelecimento de diálogos e, de outro lado, um dispositivo colocado no celular onde é possível encontrar pessoas que estão há poucos metros de distância de você, através da postagem somente de uma foto de rosto ou de corpo e de informes sobre sua localização naquele exato momento. Tanto no site quanto no aplicativo, as motivações que conduzem ao uso podem ser as mais diversas, desde o interesse em encontrar alguém para conversar quanto o desejo de ter acesso a parceiros para relações sexuais rápidas e sem compromisso.

Os aplicativos, vale ressaltar, também são restritos a quem possui dispositivo móvel o que, portanto, define um determinado tipo de classe social. No entanto, o que pretendo mostrar é que as dinâmicas de interação pressupostas para o site e para o aplicativo são totalmente diferentes, o que causa uma mudança significativa em processos de subjetivação. Usar o aplicativo, por exemplo, é se dispor a conhecer

²³ Mais usada entre os pesquisadores da área de Comunicação e Marketing. O termo foi cunhado por pesquisadores norte-americanos.

pessoas com as quais nunca se falou e sobre as quais não se sabe quase nada a não ser onde elas estão e como é alguma parte de seus corpos. Tal característica pressupõe lidar com o medo do encontro, principalmente em contexto de violência contra homossexuais.

Dessa forma, este tipo de etnografia que proponho não se limita ao uso da internet e, portanto, não pode ser chamada de netnografia. Também não diz respeito a um único meio de acesso ao processo de sociabilidade em rede, como, por exemplo, através de um computador doméstico ou de um notebook; a etnografia mediada por mídias digitais é aquela que está atenta à utilização de diversas mídias para o acesso à internet, mas também para o acesso aos meios pelos quais é possível estabelecer qualquer tipo de interação, como o caso dos aplicativos de celulares, dos tablets, dos smartphones, etc. No caso desta pesquisa, é importante dizer que o acesso à internet se dá, essencialmente, via computador caseiro ou no ambiente do trabalho, o que confirma determinados atributos de classe social.

Outra característica básica desta etnografia é a necessidade de o pesquisador compreender que na rede também existem performances subjetivas na interação entre sujeito pesquisado e sujeito pesquisador, também se pressupõe o desenvolvimento de uma relação de confiança, o que implica um processo constante de negociação, assim como nas etnografias face a face. Nesse sentido, concordo com Larissa Pelúcio et alli, no tocante ao fato de não estarmos, na rede, realizando outro fazer etnográfico:

Não se trata de um outro método, ainda estamos fazendo etnografia. Isto é, imergindo em um universo relativamente distinto daquele que nos é cotidiano, atentas/os aos códigos que por ali circulam; mapeando relações; nos envolvendo com vidas alheias e sofrendo suas influências; sendo às vezes convocadas/os a nos manifestar sobre a dinâmica local. (Pelucio, Cervi, Koga: 16)

Como ponto de partida para a realização de etnografia mediada por mídias digitais, é dado que existe uma porosidade das relações *on-off*: a internet fala da vida *off* e se estrutura com base na dinâmica da vida fora da rede, e a vida *off* fala da internet com a mesma ou maior intensidade. Como afirma Miskolci (2012:10), a cultura digital é diretamente associada à *offline*, em particular à forma como certos segmentos sociais usam as mais recentes tecnologias de comunicação.

Muitos de nós, senão a maioria, têm em mente bons exemplos de conversas, seja no ambiente de trabalho ou em uma mesa de bar, conduzidas com base no que foi explicitado, visto, postado, curtido e comentado na rede. Eu mesma, em meu círculo de amigos acadêmicos ou não, me vi inserida em conversas que começavam, muitas vezes, após comentários sobre postagens em redes sociais. Recentemente, um amigo universitário postou em seu mural no Facebook a seguinte frase: “*you perceive that you are in the hour of your life when you dream that you are updating your status on Facebook*”. Dessa forma, a dinâmica da internet é um dado presente mesmo quando o computador está desligado. Ter a dimensão desta porosidade *on-off* é somente o primeiro passo de uma conduta metodológica frente ao universo da pesquisa. Como afirma Parreiras (2008: 37) o papel do pesquisador nas pesquisas *online* é manter em mente que se trata de performances identitárias, em que a parte internauta é apenas um momento da performance.

Nesta pesquisa realizei duas formas de observação etnográfica: a chamada observação participante ou *insider*, uma vez que estabeleci contato com as usuárias do site e interagi no grupo criado por elas no Facebook, e também aquela denominada de etnografia não-obstrutiva e observacional (Kozinets, 2007), que usei na observação do *Bolsa de Mulher* e de seus fóruns, no momento inicial da pesquisa, com o intuito de entender minimamente os códigos ali expostos, antes de interagir com o grupo.

Evidentemente que a partir da inserção do pesquisador no campo, mesmo que ele não se identifique e não seja um participante previamente inserido na cultura em questão, há uma transformação no objeto [...] Assim como o pesquisador observador silencioso ou *lurker* implica limitações e benefícios para os resultados da pesquisa, o

chamado *insider* (Hodkinson, 2005) também compromete a narrativa etnográfica com a inserção de elementos autobiográficos e seu pré-conhecimento e/ou participação da cultura observada. (Amaral, 2010: 131)

Dizer que a etnografia mediada por mídias digitais não está desvinculada da chamada realidade face a face não quer dizer que ela não apresente especificidades que mereçam ser pensadas. Com base em minhas experiências anteriores com a realização de etnografia e tentando resgatar algumas lembranças nas entrelinhas de minha memória²⁴, arriscarei fazer um percurso metodológico no sentido de apontar posturas fundamentais que percebi ter tomado na realização deste trabalho com o *Bolsa de Mulher*. Ao longo de todo o procedimento de observação e análise, pude notar diversos pontos de encontro e diversas diferenças entre a etnografia com as mídias e aquela realizada face a face, o que não quer dizer que uma delas seja inferior e insuficiente. Trata-se, ao contrário, de expor as diferenças entre as duas e pensar ambas como um método legítimo de colheita de dados de pesquisa para análise.

No primeiro dia de conversa com uma de minhas interlocutoras ouvi dela uma interessante manifestação sobre como se sentia ao falar comigo, falando sobre coisas que eu não havia perguntado: *bom, eu falei até coisas que não estavam nas suas perguntas...desculpa, me senti como em um divã* (risos). Era uma tarde quente de quarta feira, quando consegui combinar com Leila nossa conversa. Ela estava em seu trabalho, em um escritório de advocacia empresarial, em Minas Gerais, onde podia ficar conectada o dia todo, desde que cumprisse com os deveres da rotina administrativa. Em outro de nossos diálogos, Leila me relatou ter tido acesso à internet sempre nos locais onde trabalhou, sendo que o primeiro uso que fez de redes sociais ou de ferramentas de bate papo se deu no ambiente de trabalho para, posteriormente, se estender à esfera do

²⁴ Falo aqui do trabalho desenvolvido em minha Graduação na UNESP de Araraquara, juntamente à equipe da Professora Lucila Scavone, em meio a casais que recorriam à esterilização e Reprodução Assistida pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Neste projeto, intitulado Tecnologias Reprodutivas: maternidade e paternidade em transição, trabalhávamos com a realização de entrevistas com roteiro semi-estruturado, com os casais que recorriam a tais métodos. Esta foi minha primeira experiência com etnografia.

lar, quando comprou seu notebook. Leila é uma das usuárias recentes da internet e não está na rede desde a década de noventa, quando o acesso chegou ao Brasil.

Resgatando a conversa que tive com Leila, bem como o trecho do divã, notei o tanto de questões pessoais que ela havia me exposto sem que eu perguntasse. A pergunta inicial fazia referência a minha intenção de saber com quem ela morava e ao afirmar que dividia a casa com sua mãe, me apontou todos os dilemas enfrentados com a figura paterna e com o atual padrasto. Nas etnografias face a face, as conversas também eram passíveis de tomarem outros rumos, mas, na rede, questões delicadas, que envolvem a esfera da intimidade, da família, da sexualidade e das relações amorosas podem vir à tona logo nos primeiros minutos de papo. Parecia me saltar aos olhos, com muito menos esforço de questionamento que nas etnografias que realizava fora da rede, uma série de assuntos delicados que envolvia até mesmo práticas sexuais, dilemas familiares sérios, desejos escondidos e trazidos à luz, sem muitos conflitos, na tela do computador.

Assustou-me também, de início, na pesquisa etnográfica realizada com o acesso à internet, o fato da conexão constante. O acesso às postagens, aos e-mails, à possibilidade do bate-papo recorrente, às fotos, aos perfis, à troca de e-mails com minhas interlocutoras e interlocutores, tudo isso se mostrou bastante cansativo, uma vez que não existe a desconexão total, o que me exigia também pensar em um método eficiente de organização de tanto material colhido. Ou seja, por mais que eu pudesse desligar o computador, eu poderia receber um correio eletrônico, uma ligação, uma mensagem inbox no Facebook, poderia ser marcada na rede social, ter minha vida exposta sem qualquer tipo de controle, pausa ou descanso e tudo isso poderia vir a se constituir enquanto dado relevante de pesquisa.

Nas etnografias face a face, para-se tudo o que está fazendo para ir ao encontro do colaborador, na rede, não. Ao abrir o e-mail com o intuito de observar somente se havia alguma resposta do orientador ou se chegou, na caixa de entrada, notícias sobre o livro requisitado há uma semana, pode-se deparar com alguma mensagem de algum interlocutor que não demora a ser aberta, conferida e respondida, rapidez típica de

quem realiza pesquisa etnográfica na rede e de quem passou a viver a dinâmica de interação possibilitada pelas mídias digitais, com sua tão estimulada ansiedade de rápidas respostas. A falta de resposta ao e-mail pode ser cobrada via Facebook, Twitter ou com ligações no celular, o que mostra que a etnografia com mídias digitais é dinâmica a ponto de não permitir ao pesquisador um total desligamento dos sujeitos de pesquisa, a não ser que se opte por passar dias de férias em uma ilha, em alto mar, onde a internet não pega, seja via computador, tablet ou smartphone.

Vale ressaltar também que as pausas no contato com os interlocutores de pesquisa são fundamentais para o processo de análise de dados em qualquer tipo de pesquisa etnográfica, no entanto, a propagação da ideia de efemeridade das relações na internet, que já compõe o senso comum, gera certo temor em relação à perda de informação ou ao afrouxamento do laço conquistado com os interlocutores. Dessa forma, me pareceu impossível, na rede, o distanciamento do campo e dos sujeitos durante a pesquisa, uma vez que o receio de afastamento é grande.

Além dessas questões, a impossibilidade de contato face a face permite tanto para o pesquisador quanto para o pesquisado realizar diversas funções ao mesmo tempo em que se fala pelo MSN ou pelo Facebook. De acordo com o ritmo da conversa, com a prontidão ou não das falas, pode-se checar e-mails, ler um texto, conferir as redes sociais e falar com uma dezena de pessoas ao mesmo tempo, o que não era possível com as entrevistas que realizava em minha graduação. Tal capacidade de realização de várias atividades no mesmo momento, ou *multitasking* no inglês, possibilitada com o acesso constante à internet em diversos ambientes, pode nos permitir problematizar se, por exemplo, o “transtorno de déficit de atenção e hiperatividade”, conhecido como TDA/H, não seria compreendido como um traço característico das novas subjetividades – perfeitamente compatível com o mundo em que vivemos, e até mesmo por ele incitado – em vez de uma estranha epidemia infantil (Sibilia, 2008: 47). Somos pesquisadores hiperativos ou as mídias digitais envolvem, dentre outras coisas, uma nova elaboração subjetiva no fazer etnográfico? Julgo que a resposta seja sim para a segunda questão, ao avaliar minha conduta em campo e mesmo ao pensar em minha rotina de estudos,

lendo textos em PDF no computador, ao mesmo tempo em que acesso as redes sociais, confiro e-mail, faço compras *online*, downloads de livros, séries, músicas e filmes.

Vale ressaltar que em épocas de expansão das mídias digitais torna-se bastante delicado não ter uma pesquisa atravessada direta ou indiretamente pelo uso da rede. O tempo todo estamos trocando e-mail com os pares, recorrendo a algum tipo de pesquisa no Google ou acessando sites acadêmicos para ler artigos. A própria avaliação de nosso trabalho se dá com base no Currículo Lattes, plataforma virtual de postagem de atividades acadêmicas e publicações, espaço que pode ser acessado por quase todo o globo.

Soma-se a estas características a cobrança emocional de se etnografar um site com conteúdo de autoajuda e práticas de ajuda mútua. Era demandada de mim uma postura de ouvinte atenta e paciente, postura esta que eu me esforçava em corresponder, fato que, possivelmente, levou-as a se sentirem à vontade para expor parte de suas vidas a mim – *Lara, é bom falar com você, me sinto a vontade* (Ana em bater papo pelo MSN). No entanto, apesar da conduta de ouvinte que decidi adotar após perceber o tom das conversas, julguei que, quando necessário, deveria também expor a elas minha vida pessoal, da forma como faziam a mim: “o fato de ter aberto aos informantes minha vida pessoal foi o que permitiu que eu fosse considerada antes como “um de nós” do que uma intrusa colhendo informações, e possibilitou o estabelecimento de um diálogo o mais simétrico possível” (Silva, 2004: 24). Foram vários os momentos em que eu era colocada no divã. Falei muito a elas nas conversas privadas de meus estudos, de minha família, de problemas enfrentados com meu pai e de meus anseios em relação ao futuro. Assim como na etnografia face a face, expor a própria vida faz parte dos processos de criação de laços de afinidade e até mesmo cumplicidade, geradores da confiança, o selo do acordo etnográfico.

No entanto, vale ressaltar que fui poupada de ter a mesma dinâmica que elas nas redes sociais do *Bolsa de Mulher* e no grupo do Facebook. Apresentar-me logo de início como pesquisadora me fez evitar contratempos como, por exemplo, que minhas interlocutoras exigissem de mim uma postura de debater constantemente nos fóruns,

enviar mensagens e figuras em datas importantes, publicar no diário, adicionar muitas fotos no perfil, expor minha opinião sobre todos os assuntos. Em nenhum momento fui questionada sobre minha conduta de constante observação e, munida do suporte do “fazer pesquisa”, aos poucos, durante o caminhar da etnografia e da criação de vínculos, pude expor minha opinião em alguns debates; pude continuar a postar em minha página pessoal do Facebook aquilo que julgasse necessário, bem como escrever mensagens em momentos que, para mim, eram relevantes no tocante à minha interlocução com o grupo.

Em dois momentos julguei que deveria evidenciar publicamente o carinho e consideração que havia desenvolvido em relação a elas, bem como os agradecimentos por sua prontidão em sempre contribuir com a pesquisa. Dessa forma, elaborei duas mensagens: uma de Ano Novo, na qual expunha o quanto havia aprendido etnografando o *Bolsa de Mulher*, e outra de dia das mães, em que abordei minha concepção de maternidade e meus votos para as mães do *Bolsa*. As mensagens foram postadas no grupo e foram curtidas e comentadas por alguns membros. Outra característica que a rede permite àqueles que etnografam sua dinâmica é o intenso processo de reflexividade, por exemplo, no momento de escrever uma mensagem. Demorei alguns minutos para compor o que gostaria de deixar como recado no dia das mães, pois tive o cuidado de não apresentar nada que fosse ofensivo ou que caracterizasse de forma pejorativa e negativa o “ser mãe”. Lembro que fiquei alguns minutos acrescentando e tirando palavras do que escrevi, o que não teria a oportunidade de fazer se estivesse em uma entrevista de pesquisa fora da internet.

Etnografar um ambiente *online* atravessado por práticas de ajuda mútua, para mim, tratou-se de ter duplamente como foco o desenvolvimento da capacidade de ouvir (ou, no caso da dinâmica mediada pelo computador, de ler) mais do que falar e escrever opiniões. Se a internet é o desdobramento mais recente do processo de transformação da esfera pública numa arena para a exposição da vida privada (Illouz, 2011), trata-se de observá-la enquanto um representante significativo daquilo que os sujeitos têm vivenciado em sua intimidade. E se a internet ajudou a transformar o eu afetivo em alvo

primário, o discurso de autoajuda *online*, bem como as práticas resultantes deste discurso em rede intensificaram esse processo. É com base em tudo o que me foi relatado, como em um divã, que abordarei os dados seguintes. Porém, não se trata de um divã atravessado por segredos ou pela confidencialidade, característicos da psicanálise, e sim de um divã sociológico na medida em que o consentimento das falas atravessa tudo o que é exposto aqui.

Sessão II - “Em Bolsa de Mulher cabe de tudo”: religião e classe social no uso das mídias digitais

Religião e dinâmicas de ajuda-mútua

O que gera muita confusão, na maioria das vezes, é a falta de conhecimento e a alienação de alguns religiosos que acham que não existem problemas psicológicos e que são todos espirituais. Os espirituais são problemas que muitas vezes são impossíveis de reconhecer aos olhos humanos. Quando tudo parece dar errado, como as portas financeiras fechadas e você entra no seu quarto e encontra forças para superar através da fé [...] e, os problemas psicológicos, os quais os livros de autoajuda auxiliam, quando você está triste com algum relacionamento, às vezes nada da certo, você não consegue arrumar um namorado, por exemplo, e acha que o problema é com você. E sua autoestima vai lá embaixo, então, você pega um livro de autoajuda e percebe que o problema não é com você, que o problema é que homens são muito diferentes de nós mulheres e que, se ainda não deu certo, é porque não chegou à pessoa certa. Então, seu ego, seu psicológico e sua autoestima vão lá em cima. Um exemplo, é claro, porque tem muitos outros temas de autoajuda, variados, para os mais diversos tipos de conflitos interiores. Gosto muito de psicologia e um dia quero cursar essa graduação. Acho muito interessante a mente humana e as reações que ela causa no ser. (Letícia, durante conversa via MSN)

Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos. Pois comerás do trabalho das tuas mãos; feliz serás, e te irá bem. A tua mulher será como a videira frutífera, no interior da tua casa; os teus filhos como plantas de oliveira, ao redor da tua mesa. Eis que assim será abençoado o homem que teme ao Senhor. Salmo 128

Atentar para como a temática da religião aparece dentro dos sites e livros com conteúdo de autoajuda não fazia parte de minhas intenções de pesquisa. No entanto,

uma das primeiras coisas que saltam aos olhos de quem penetra neste universo é o forte apelo religioso e a crença em Deus ou na figura de Jesus Cristo, bem como a utilização constante de metáforas religiosas nos diálogos desenvolvidos.

A autoajuda se popularizou através do Movimento do Novo Pensamento, manifestação que se deu no contexto norte-americano do século XIX e que tinha suas bases tanto nas ideias de pensamento positivo, da lei da atração, cura e força vital, quanto na crença em Deus enquanto supremo, universal e eterno. No entanto, mesmo tendo em mente tal histórico, só pude notar a importância da religião no universo da pesquisa e as peculiaridades do contexto brasileiro após uma observação detalhada dos perfis das usuárias e usuários do site, um diálogo constante com os mesmos e uma leitura atenta de alguns livros do gênero.

Neste momento do trabalho, pretendo abordar de que forma a religião se relaciona com a prática de ajuda mútua de minhas interlocutoras de pesquisa. Estabeleço uma discussão em torno de como a crença religiosa pressupõe uma conduta feminina calcada em uma clara hierarquia de gênero na esfera das relações amorosas; analiso rapidamente como o mercado da autoajuda tem dado espaço às discussões religiosas e como elas aparecem nos manuais analisados, citados pelas bolsólatras, principalmente aqueles do escritor Augusto Cury e, por fim, abordo rapidamente, com base no pensamento de Michel Foucault, as relações entre discurso religioso e discurso terapêutico, com a intenção de estabelecer uma genealogia desta relação, fundamental para entender as falas das usuárias e usuários do site.

Os trabalhos desenvolvidos nos últimos anos sobre a temática da autoajuda, seja no Brasil ou em outros contextos, não abordam, ou abordam de maneira ineficaz, a forma como a religião ganha espaço nos relatos daquelas e daqueles que fazem uso de tais discursos. Textos como os de Eva Illouz (2008; 2011), autora marroquina que realizou uma intensa pesquisa de campo em meio ao consumo da autoajuda por pessoas advindas da classe média alta norte-americana, especialmente na área dos negócios e dentro do ambiente universitário, não apontaram nenhuma mobilização por parte

dessas pessoas, de conteúdo religioso e da crença em Deus, o que nos faz pressupor que tal característica pode não existir ou não ter relevância naquele contexto específico.

Mesmo pesquisas nacionais, como a de Arnaldo Chagas (2002), colocam a autoajuda como representante significativo de um determinado momento da Modernidade – que pode ser chamado por diferentes autores de Modernidade Reflexiva (Giddens, 1991), Segunda Modernidade (Beck, 2006) ou Modernidade Líquida (Bauman, 2001) – sem problematizar as especificidades do contexto tratado. Em suma, para estas correntes de pensamento, essa etapa de desenvolvimento das sociedades capitalistas significou uma “ruptura completa com as crenças, tradições e pertencas e assinala, desse modo, uma nova era mediante um novo estilo de vida” (Chagas, 2002:21), no qual a religião não teria tanta força. Fruto de tais mudanças, o sujeito moderno, desamparado frente à perda de valores e a fragilidade dos laços sociais, “cerceado pela incerteza e insegurança do estilo pós-moderno” (Bauman, 1998: 220), teria a necessidade de recorrer aos chamados “especialistas em localizar problemas” (Bauman, 1998), dentre os quais, os manuais de autoajuda e autoconhecimento seriam representantes de peso.

Nesse contexto, o da Modernidade, a religião deixaria de assumir papel no pós-vida, ou seja:

A ideia de autossuficiência humana minou o domínio da religião institucionalizada, não prometendo um caminho alternativo para a vida eterna, mas chamando a atenção humana para longe desse ponto; concentrando-se em vez disso, em tarefas que os seres humanos podem executar e cujas consequências eles podem experimentar, enquanto ainda são seres que experimentam – e isso significa, aqui nessa vida. (Bauman, 1998: 213)

Não se trata de afirmar o fim da crença em Deus, mas de apontar as mudanças na relação que os sujeitos estabeleceram com a força divina. Em um ambiente onde os indivíduos seriam os responsáveis por seu caminho, e, mesmo que contraditoriamente e

de maneira sofrível, viveriam as incertezas dos novos tempos, a existência de Deus teria força dentro dos próprios sujeitos, em suas ações cotidianas e não como algo transcendental. No entanto, para a maior parte dessas teorias, a presença de Deus não seria garantia de total conforto, como nas sociedades tradicionais.

Na sociedade contemporânea, o que vale para hoje poderá não valer mais para o amanhã, já não se sabe mais o que é do bem, sagrado, ou do mal, profano. Perde-se essa orientação. Tem-se de aprender a lidar com esse sentimento de insegurança para adaptar-se a esse universo irresoluto, repleto de instabilidade (Chagas, 2002: 31)

No universo de minha pesquisa, as relações entre discurso religioso e prática terapêutica permitem um amplo diálogo com as teorias citadas acima, bem como possibilitam pensarmos as particularidades do discurso da autoajuda no Brasil e em meio às redes da internet, onde Deus ainda ocupa papel de destaque, principalmente entre mulheres de classe média baixa.

Em um país como o Brasil, que apresenta dentre seus habitantes uma maioria significativa de católicos, um trânsito considerável de pessoas entre as mais diversas seitas e religiões, e mantém forte o crescimento dos protestantes, pentecostais e neopentecostais²⁵, um site com conteúdo de autoajuda, como o *Bolsa de Mulher*, se mostrou um bom exemplar de nossa vida religiosa. Dentre as entrevistadas, somente uma delas disse estar em dúvida sobre a existência de Deus. A grande maioria é evangélica e praticante desde a infância, embora sejam comuns os relatos de momentos de interrupções da prática religiosa ou um total afastamento da Igreja por discordância em relação à doutrina e as condutas morais exigidas. Também é comum a visitação de várias igrejas diferentes ao longo da vida, bem como relatos de crença em Deus, no entanto, sem a frequência em cultos ou em missas. Outro grupo de pessoas se apresenta como católico, no entanto, para ambos, a fé em Deus é um dado inquestionável.

²⁵ Recentemente, em agosto de 2011, a revista ISTOÉ lançou matéria com base em dados do IBGE, onde consta observações sobre o trânsito dos indivíduos dentro de diversas denominações religiosas, bem como o crescimento de evangélicos não praticantes no país: http://www.istoe.com.br/reportagens/152980_O+NOVO+RETRATO+DA+FE+NO+BRASIL

“Quando eu era menor, meu pai era pastor, nós vivíamos mudando de casa, por conta disso. Sempre gostei muito de me arrumar, e na igreja que eu frequentava não podia usar brincos e eu sou muito vaidosa. Comecei a ser motivo de burburinhos, por causa dos brincos, da maquiagem, da roupa curta, de jogar bola e como eu cantava na igreja e era de liderança, de certa forma, estava causando escândalo. Lá em casa sou meio que a rebelde sem causa, eu sou a única que saiu da Igreja, que não sou praticante. Com meu primeiro salário eu comprei uma calça jeans e furei a orelha, minha mãe queria me matar. O Deus que eu creio não depende de religião, ele é maravilhoso, é Deus de milagres, é Deus do impossível. (Letícia)

“Eu nasci e fui criada no meio cristão e até os 15 anos eu ia por compromisso com a família, minha avó, mãe... mas era complicado, pois minha natureza queria conhecer outras coisas, então sai completamente do meio, mas tinha minha avó de referência e cuidando de mim espiritualmente. Vivi no "mundo" como dizemos: eu saía, namorava, o que normalmente jovens fazem, exceto drogas e sexo livre, nunca gostei ou tive interesse. Aos 21 anos conheci meu ex e primeiro namorado, com ele minha vida deu uma volta de 360 graus e quando terminamos eu estava um bagaço, literalmente. Tinha perdido a referência de mim mesma, frustrada, sem amigos (porque me afastei de todos por causa dele). Me reaproximei de minha família, tive que reconquistar tudo de novo. Como estava vazia, deprimida, solitária fui para o lugar do qual eu sentia que nunca deveria ter saído, dos braços de Jesus. (Luciana)

Dentre aquelas pessoas com crença mais forte, algumas me relataram ter tido experiências incomuns com Deus em um momento difícil da vida e ter ficado alertas para o chamado a uma missão religiosa de ajuda ao próximo:

“Tive uma experiência incomum com Ele e de lá pra cá mudei radicalmente: comportamento, forma de pensar, perdoar, ajudar as pessoas, não abrir mão de quem

eu sou pelos outros, não perder minha individualidade e amar pura e simplesmente (sobre essa parte, posso dizer que estou tentando muito)” (Luciana)

Tenho muitos milagres na minha vida e da minha família que me dão prova de que ele existe, e que quando não nos resta mais nada podemos contar com Ele, pois Ele nunca nos abandona [...] minha mãe já foi curada de dois tipos de câncer um inclusive com cirurgia marcada; nós éramos todos pequenos e ela conta que orou a Deus e pediu que ele não permitisse que ela se fosse naquele momento, que lhe concedesse a graça de cuidar dos filhos e os ver crescerem. (Letícia)

Mesmo dentre os homens entrevistados, a crença em Deus parece existir fortemente, embora eles tenham mudado de igreja com frequência ou, apesar de não as frequentar, continuam acreditando em uma força divina. Luiz me relatou ter sido salvo pela igreja em um momento de dificuldade:

A igreja só teve boas colaborações [...] me deu vontade de estudar de novo, depois de haver parado por causa das crises²⁶. Sempre acreditei, por causa dos meus estudos históricos, que o protestantismo era a crença mais moderna do mundo. E tenho razões para crer nisso.

Rodolfo, embora não tenha o hábito de frequentar os encontros religiosos, é muito crente em Deus, sendo Este, em sua concepção, uma forma de energia presente em cada ser: *“hoje tenho um escritório modesto, mas lucrativo. Deus me ajudou demais, tudo para mim dá certo, porque faço tudo certo, não aceito erros nem falcatruas.” “Você*

²⁶ Luiz me relatou ter feito terapia desde a infância por ter sido uma criança muito quieta e pouco sociável, além de ter uma sociabilidade e sexualidade considerada anormal para alguém do seu sexo. São estes momentos, de idas e vindas ao consultório terapêutico e do consumo de medicamentos psiquiátricos como Haldol e Akineton, que ele chama de crise. Tais medicamentos, segundo ele, causavam reações adversas e mal-estar.

fala bastante de Deus...vc é bastante religioso Rodolfo?” *“Por incrível que pareça, não. Simplesmente sei que Deus é aquilo de bom que existe dentro de cada ser, é uma energia invisível, ninguém conhece Deus.”*

Quando adentra nas redes sociais da internet, o discurso da autoajuda se transforma em prática de ajuda mútua, ou seja, o sujeito responsável por sua própria vida e pela resolução de seus problemas e dilemas emocionais não está sozinho frente a um livro com mensagens positivas, nem divide a companhia com o profissional da terapia ou com o psicanalista e psicólogo, ambos possíveis estimuladores do autoconhecimento. Ele está perante uma grande plateia bastante disposta a opinar sobre seus problemas e a criticar sua tomada de posicionamentos e atitudes. Como tentam afirmar as próprias usuárias e usuários do *Bolsa*, quem ali adentra deseja também ajudar e debater questões das mais diversas. O individualismo anglo-saxão presente nos discursos de autoajuda do século XIX aparece ressignificado no ambiente desta pesquisa, apresentando-se como uma prática de ajuda mútua, atravessada pela crença religiosa.

O discurso de ajudar ao próximo, no universo do *Bolsa de Mulher*, é mobilizado juntamente com aquele calcado na constante afirmação da fé em Deus – *“Estou na torcida por você, desde que nos conhecemos no Bolsa de Mulher e fico imensamente feliz por cada vitória sua. E sei que você tem força de vontade pra superar tudo que ainda estiver por vir, porque Deus está contigo. ELE não nos dá uma cruz que não possamos carregar”* (Rosana, em resposta à postagem de Rita, que abriu o texto deste trabalho); *“fé, força e continue acreditando em DEUS”* (comentário frequente tanto nos fóruns quanto no grupo do Facebook); *“eu mal sabia que, na época de meu maior desespero, viria meu maior presente. Deus escreve certo por linhas tortas”* (Mel, grávida e separada do namorado, criou um fórum no site contando todos os problemas que vinha enfrentando com a gravidez de risco, longe da família e do ex-namorado).

As teorias da modernidade ou mesmo aquelas que compartilham da ideia de rompimento total com a tradição, embora não estejam de todo equivocadas, necessitam ser problematizadas com vistas em contextos particulares como o assinalado por esta

pesquisa. O primeiro ponto a ser discutido trata-se da expansão do termo modernidade e do conjunto de ações individuais e coletivas que ele pressupõe, para a análise de todas as regiões do mundo, como se estas tivessem passado pelos mesmos processos de desenvolvimento de países euro americanos. Tal atitude teórico-metodológica impede-nos de ver as relações estabelecidas em plataformas *online* específicas, como o *Bolsa de Mulher*, em âmbito de países como o Brasil, onde o forte apego religioso serve para questionarmos tanto o total rompimento com a tradição quanto pensarmos de que tradição falamos quando tratamos de contextos particulares.

Pude notar que longe de haver uma ruptura com a tradição ou entre sujeito e crenças, o que existe em meio à autoajuda consumida e praticada na plataforma do *Bolsa* é uma retomada constante de valores religiosos que podem confirmar atitudes e comportamentos baseados em uma moralidade específica, inclusive de gênero: “*a própria bíblia sagrada nos ensina que a mulher sábia edifica sua casa mas a tola com suas próprias mãos a destrói, então, eu acho que a mulher como esposa é um alicerce familiar*” (Letícia). Soma-se a isto o fato de que, por mais que a busca por Deus, na suposta atual fase da modernidade, possa se aproximar de um individualismo religioso em alguns contextos, a crença no poder divino se mostra como chave para um intenso processo de sociabilidade, intensificado com o uso de tecnologias de mediação digital, com acesso à internet, principalmente entre as mulheres. Deus está também *online*.

Segundo Chagas, “o homem moderno ou pós-moderno pode relacionar-se então, individualmente com (seu) Deus – aliás, pelo livre arbítrio, pode escolher ou desenvolver novos deuses – “cada um tem o seu”. Em suma, hoje se vive diante de um pluralismo de deuses e de anjos, cada qual pronto para orientar sobre os mais diferentes problemas enfrentados pelos indivíduos” (Chagas, 2002: 39). Tal afirmação não seria tão nova quando adentrarmos universos particulares de pesquisa, nem mesmo seria fruto do processo da modernidade ou pós-modernidade capitalista. Em um país como o Brasil, com a multiplicidade cultural e religiosa que possui, a pluralidade de deuses e crenças seria um dado concreto, capaz de ser observada pelo mais distraído dos pesquisadores, em épocas anteriores à modernidade tardia. No entanto, como aponta o ambiente

analisado por mim, longe de haver um individualismo religioso, o *Bolsa* é representativo de uma prática de ajuda mútua também religiosa e da busca coletiva por amparo na resolução de questões cotidianas, principalmente, por parte das mulheres que ali estão.

O discurso terapêutico ou de autoajuda que adere à religião parece ter feito sucesso também no mercado editorial brasileiro. Um exemplo de autor que se dedica a unir estes dois discursos é Augusto Cury, psiquiatra, médico e psicoterapeuta, que já vendeu mais de 10 milhões de livros no Brasil e é traduzido mundo afora. Os livros do autor são carregados de pensamentos que auxiliariam a entender a mente humana e treiná-la para uma vida melhor. Cury, utilizando a relação de sucesso entre religião e discursos psi, faz uso constante de metáforas religiosas, inclusive aquelas relacionadas à imagem de Jesus Cristo. Em seu site, quando fala do livro *O Segredo do Pai Nosso*, consta o seguinte texto:

“Investiguei a personalidade de Jesus como um pesquisador da psicologia e o mais cético dos ateus. Esperava encontrar uma pessoa imaginária, portador de ideias menores ou um herói religioso fabricado na mente de alguns galileus. Mas fiquei assombrado com esse homem, é impossível o intelecto humano fabricá-lo. Jesus oxigenava suas emoções e relaxa em situações extremamente tensas. Conseguia pensar antes de agir em ambientes em que qualquer intelectual reagiria instintiva e agressivamente. Como o Mestre dos mestres, era capaz de brindar a vida e estimular a arte de pensar mesmo enquanto o mundo desabava sobre ele. O resultado dessa pesquisa foi a Coleção Análise da Inteligência de Cristo. Escrevi mais de mil páginas, o que é muito pouco para abordar a personalidade do mais famoso e menos incompreendido dos homens.”²⁷

Pelo fato de misturar um discurso científico advindo de sua formação em medicina psiquiátrica com aquele colhido em meio a análises de material religioso

²⁷ <http://augustocury.com.br>

cristão, seus livros se apresentam como famosos entre as usuárias do site, universitárias e religiosas. Não são somente as usuárias e usuários do *Bolsa* que dão inteligibilidade à relação do discurso terapêutico com o discurso religioso, oferecendo a cada um deles a parte que lhe cabe na resolução dos problemas humanos. Em seu livro *O Mestre dos Mestres*, Cury se propõe a uma análise psicológica da inteligência de Cristo (1999: 8) e afirma que tal empreendimento foge aos limites da investigação científica. De acordo com o autor “a ciência não tem como investigar o que é a fé, pois ela tem raízes no cerne da experiência pessoal” (Cury, 1999:8). Ou seja, da mesma forma que os problemas espirituais fugiriam ao reconhecimento por parte dos olhos humanos e necessitariam da fé, preferivelmente, da fé em Deus, a fé não seria explicada pela ciência, como também apontou minha interlocutora. Ainda retomando Cury, “apesar de Cristo falar da fé como um processo de existência transcendental, ele não anulava a arte de pensar; pelo contrário, era um mestre excepcional nessa arte. Cristo não discorria sobre uma fé sem inteligência”. Similarmente, os discursos presentes no site apontam que a fé em Deus não seria uma fé cega, ou seja, para os problemas que a espiritualidade não resolve, deve-se recorrer à terapia, à autoajuda e ao que mais for necessário - *O que gera muita confusão, na maioria das vezes, é a falta de conhecimento e a alienação de alguns religiosos que acham que não existem problemas psicológicos e que são todos espirituais.* (Letícia)

Após estas considerações, posso dizer que no universo analisado por esta pesquisa, o discurso da autoajuda continua vinculado àquele que busca em Deus a força para enfrentar parte dos problemas que afligem os indivíduos; a crença no poder divino, característica do Movimento do Novo Pensamento, disseminador do discurso de autoajuda, se mantém forte na autoajuda contemporânea e também, no caso deste trabalho, nas práticas de ajuda mútua.

Não há nenhuma incoerência ou conflito entre aquilo que pode ser resolvido por profissionais da terapia e as questões espirituais, consideradas inacessíveis pelos mesmos; o que existe é um livre trânsito das mulheres entre essas duas esferas. A busca racional e individual das soluções para os dilemas da vida seja no trabalho, na esfera

amorosa ou na família, não significa rompimento com a crença religiosa, pelo contrário, esta última aparece bastante consolidada.

Assim, no Brasil, o discurso e a prática terapêutica que culminam, nas redes sociais, em uma prática de ajuda mútua, longe de serem representantes de uma sociedade que busca, a todo o momento, a autossuficiência, eles consistem em um exemplar de sociabilidade que depende, dentre outros fatores, da fé. Tal característica, como apontarei neste momento, faz parte de um contexto histórico que extrapola os limites desta pesquisa e mesmo da nação brasileira.

A passagem do discurso religioso para o discurso terapêutico

Quem arranjar uma mulher virtuosa é como se tivesse encontrado um tesouro de alto valor. O seu marido tem confiança nela, e os recursos materiais nunca lhe faltarão. Nunca se tornará um empecilho para o seu esposo; pelo contrário, sempre o ajudará a vida toda.

Provérbios 30:10-31

Citei rapidamente acima a fala de uma de minhas interlocutoras sobre o que ela considera ser uma boa esposa – “a própria Bíblia sagrada nos ensina que a mulher sábia edifica sua casa mas a tola com suas próprias mãos a destrói, então, eu acho que a mulher, como esposa, é um alicerce familiar”. Colhi esta afirmação em uma conversa com Letícia, na qual falávamos sobre casamento, sobre seu desejo em se casar e sobre a dedicação que esperava ter com as coisas do lar, quando de fato concretizasse seu sonho. Quando questionada sobre o que julgava ser o ideal de esposa, Letícia citou a Bíblia. Letícia é uma jovem de 25 anos, que trabalha em uma concessionária de veículos; formada em um curso particular de Direito, não conseguiu até o momento atuar na área de formação e decidiu iniciar um MBA em Gestão Estratégica de Negócios. A jovem noivou-se recentemente, mesmo em meio a um turbulento relacionamento com diversas discussões e desentendimentos e, agora, se dedica a guardar dinheiro,

juntamente ao noivo, para mobiliar uma casa e, posteriormente, comprar o próprio imóvel.

As passagens da Bíblia que se destinam a falar da mulher e de seu comportamento ideal, com base no esperado por Deus, são numerosas. E quando ouvi de minha interlocutora sua inspiração na Bíblia para fazer referência a seu próprio comportamento, procurei no livro alguns trechos que cito abaixo, com o intuito de mostrar ao leitor um pouco mais do universo religioso de minhas interlocutoras. Embora nem todas elas acessem a Bíblia de maneira sistemática, as religiosas têm contato constante, mesmo que através dos discursos de pastores evangélicos, com esta imagem de mulher ali apresentada.

Começo com os provérbios escritos pelo Rei Salomão, que consistem em um resumo de leis morais em frases breves. Os provérbios são a parte mais requisitada do livro sagrado, por se tratar de pequenas frases que podem ser lidas aleatoriamente, sem haver a necessidade de compreensão do todo. É comum, como tenho notado em minhas observações cotidianas – mais atentas aos discursos religiosos após o contato com minhas interlocutoras de pesquisa –, adentrar a casa de um cristão e perceber a Bíblia aberta nestes trechos. Também são muitas as compilações de provérbios vendidas nas livrarias ou livros que reúnem frases para serem lidas diariamente, que têm os provérbios como parte central de sua composição.

A leitura dos provérbios fala, muitas vezes, sobre a filiação religiosa dos indivíduos, bem como sobre a forma como se utilizam da religião em seu cotidiano. Dentre as usuárias do *Bolsa* que se filiam às vertentes cristãs mais tradicionais como, por exemplo, à Igreja Anglicana, Batista, Metodista, é perceptível em seus discursos um conhecimento mais aprofundado da Bíblia, o entendimento das passagens, fruto de um estudo mais sistemático que tem origem na infância, na atuação, por exemplo, em escolas dominicais. Já dentre as usuárias das Igrejas da chamada Renovação – da qual fazem parte as Igrejas Pentecostais e Neopentecostais como, por exemplo, de um lado, Assembleia de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Congregação Cristã e, de outro, a Universal do Reino de Deus, a Renascer em Cristo – são comuns suas postagens

com o uso de provérbios, ou a exposição de trechos da Bíblia que podem ser lidos de forma desconectada do todo do qual fazem parte.

Provérbios 18: 22

Aquele que encontra uma esposa acha o bem e alcança a benevolência do Senhor.

Provérbio 19: 14

A casa e os bens são herança dos pais; porém do Senhor vem a esposa prudente.

Provérbio 21: 9, 19

Melhor é morar num canto de umas águas furtadas, do que com a mulher rixosa numa casa ampla. Melhor é morar numa terra deserta do que com a mulher rixosa e iracunda.

Provérbio 11: 16, 22

A mulher aprazível guarda a honra, como os violentos guardam as riquezas. Como joia de ouro em focinho de porco, assim é a mulher formosa, que se aparta da razão.

O trecho abaixo foi tirado de Gênesis, escrito por Moisés e consta no Pentateuco judaico, que consiste nos cinco livros principais que relatam a história do povo judeu, suas leis e costumes:

Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea. Da terra formou, pois, o Senhor Deus todos os animais o campo e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem, para ver como lhes chamaria; e tudo o que o homem chamou a todo ser vivente, isso foi o seu nome. Assim o homem deu nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea. Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou-lhe, então, uma das

costelas, e fechou a carne em seu lugar; e da costela que o senhor Deus lhe tomara, formou a mulher e a trouxe ao homem. Então disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; ela será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão uma só carne. Gênesis 2:18-25

Retomo neste momento do texto os trechos da Bíblia, pois eles jogam luz sobre as práticas das usuárias e usuários do *Bolsa de Mulher* sobre o tipo de conduta moral que permeia suas ações cotidianas, bem como me permitem pensar as relações estabelecidas entre discursos religiosos e aqueles expostos por sites deste tipo. Ou, de maneira mais geral, as vinculações entre religião e discurso terapêutico, especificamente, aqueles embasados na psicologia ou em um discurso psicológico específico, fruto de uma popularização dos chamados saberes psi, cujo caráter prescritivo é o mais visível.

Como afirmei diversas vezes, grande parte do público que compõe este espaço é evangélica, tantos os ligados a vertentes mais tradicionais quanto aqueles que compartilham das ideias do movimento de renovação. Os não evangélicos são católicos ou cristãos que apresentam em suas falas e postagens no site a crença em Deus como caminho para superação de problemas. Diferenças no tocante à intensidade da crença ou no que diz respeito à vinculação religiosa, uma coisa todas essas pessoas parecem ter em comum, que é o fato de que a religião, para elas, não consiste unicamente em um espaço de aprisionamento, mas sim um meio que elas acessam, como uma referência em suas vidas, que é passível de ressignificações.

No caso dos trechos bíblicos citados acima, fica claro o ideal de mulher que confronta essas jovens: uma mulher que sustente seu casamento, que esteja ao lado de seu marido, que não discuta, que não seja propensa a ira, que controle suas vaidades e, em suma, que tenha como característica principal a temperança, que, nos termos do próprio cristianismo quer dizer a busca pelo equilíbrio e o controle e domínio dos

prazeres, da vontade e dos instintos ou, nos termos de minha interlocutora que seja o “pilar do lar”.

As exposições dos trechos bíblicos, insisto, embora representem um tipo de discurso que estas mulheres acessam, são passíveis de ressignificações e mesmo de questionamento, como o caso de Letícia, que deixou de atuar diretamente na igreja e no grupo de jovens por conta de desenvolver uma série de práticas e comportamentos considerados inapropriados para aquele espaço. Tal afastamento, no entanto, não a impede de manter a fé, frequentando os cultos e retomando os escritos bíblicos.

O *Bolsa*, por sua vez, também consiste em um espaço onde se busca certo tipo de referência, seja por meio das matérias ali expostas, seja através da própria prática de ajuda mútua estabelecida entre as usuárias e usuários e, um dos temas centrais, também como já foi dito, é o comportamento da mulher na esfera das relações amorosas, principalmente, no cotidiano do casamento, seja ele um dado presente, ou algo almejado para o futuro.

Em meio a meus questionamentos de pesquisa, um aspecto que muito me intrigava estava, sem dúvida, em compreender de que forma, historicamente, havia se estabelecido certa afinidade entre o discurso religioso e aquele discurso psicológico ou terapêutico, de forma que minhas interlocutoras de pesquisa pudessem fazer uso de ambos de maneira não conflituosa ou complementar. Como afirma ainda Letícia, nas frases que abrem este capítulo da dissertação, ao fazer referência ao modo como considera que as pessoas podem recorrer tanto à religião quanto à autoajuda.

Em *História da Sexualidade*, Michel Foucault (2007) se dedica a romper com a hipótese repressiva em relação aos discursos sobre o sexo, afirmando que, ao contrário de uma dedicação a reprimir tudo aquilo que fazia referência ao sexo e à vida íntima, o Ocidente, durante séculos, estimulou uma verdadeira explosão discursiva a este respeito. Essa administração do sexo, fruto da colocação dele em discurso, teve como ponto central a evolução da pastoral católica e os procedimentos de confissão após a Contrarreforma, que se dedicou, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual:

O sexo, segundo a nova pastoral, não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações: uma sombra num devaneio, uma imagem expulsa com demasiada lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito, tudo deve ser dito [...] o sexo é açambarcado e como que encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir obscuridade nem sossego [...] este projeto de colocação do sexo em discurso, formar-se-á, há muito tempo, numa tradição ascética a monástica. O século XVII fez dele uma regra para todos. Dir-se-á que, de fato, só poderia se aplicar a uma elite mínima; a massa dos fiéis que só frequentavam a confissão raras vezes por ano escapava a prescrições tão complexas. Sem dúvida, o importante é que esta obrigação era fixada, pelo menos como ponto ideal para todo bom cristão. (Foucault, 2007: 25-26)

Nos procedimentos de confissão católica, expor o pecado da maneira mais explícita possível, reconhecendo sua existência constante e falando sobre ele, é um dado claro nos textos bíblicos e este falar está estreitamente ligado a possuir a verdade sobre si:

Todos nós pecamos, e aqueles que dizem que não pecam não têm a verdade, e fazem Deus parecer mentiroso (1Jo 1:8-10); O que encobre as suas transgressões, jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará a misericórdia (Prov.28:13)

Compreendo neste texto, vale ressaltar, por discursos sobre o sexo, não só aqueles direcionados estritamente à prática sexual, mas tudo aquilo que pode ser dito sobre a esfera da intimidade. Na mesma obra, mais adiante, Foucault estabelece uma longa discussão em torno de como o falar sobre o sexo, com o intuito de controlá-lo ou administrá-lo, esteve presente em diversas instituições e práticas que vão além dos

ambientes religiosos e que se expandem para a demografia, biologia, medicina e, principalmente, para a psiquiatria e psicologia.

A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder. Em todo caso, além dos rituais probatórios, das cauções dadas pela autoridade da tradição, além dos testemunhos, e também dos procedimentos científicos de observação e de demonstração, a confissão passou a ser, no ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade. Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se o passado e os sonhos, confessa-se a infância; confessa-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros (Foucault, 2007: 68)

Foucault afirma como marco histórico do Ocidente uma ruptura com a *ars erótica* e a constituição de uma *scientia sexualis* que tem como tarefa produzir discursos verdadeiros sobre o sexo e a intimidade. Esta *scientia*, desenvolvida a partir do século XIX, guardou como núcleo os ritos de confissão do Ocidente cristão, no entanto, pouco a pouco se desvinculou do sacramento da penitência e emigrou para a pedagogia, para as relações entre adultos e crianças, para as relações familiares, a medicina e psiquiatria. Ou seja, em outras palavras, o que houve foi um longo processo de consolidação de um dispositivo que abarca amplamente a história, pois cria um vínculo entre a confissão e os métodos de escuta clínica. Dentre tais métodos Foucault coloca a psicanálise e suas modalidades técnicas de confissão por excelência. Confissão esta que tem como cerne a

família, especificamente a relação pais e filhos, centrais para o que o autor chama de Dispositivo de Aliança²⁸ e para a relação deste com o Dispositivo de Sexualidade.

Em outros termos é possível concluir que as relações entre religião e discurso terapêutico são muito mais estreitas do que podemos imaginar à primeira vista. Tanto um quanto o outro fazem parte de um dispositivo discursivo de administração da sexualidade e também das relações de gênero, tidas como tudo aquilo que envolve o sujeito em sua intimidade. Retomando, dessa forma, a genealogia destas relações, deixa de ser estranho, mesmo que atualmente, num ambiente tão específico como as redes sociais no Brasil, que estes discursos convivam nas alocações dos sujeitos que deles se utilizam em suas práticas de ajuda mútua. O sofisticado controle da sexualidade, por meio de estimular a produção de discursos sobre ela e sobre a vida íntima, encontrou representantes significativos tanto na confissão religiosa quanto na confissão terapêutica, fazendo do sujeito ocidental alguém que fala sobre si aos padres, psicanalistas e psicólogos, e esta fala contém, por sua vez, a verdade do sujeito.

O que Foucault não tinha condições de notar, por questões óbvias de tempo e contexto, é de que forma ambos os discursos se relacionariam, nos dias de hoje, de maneira que a religião possa fazer uso constante dos discursos advindos de uma popularização da psicanálise²⁹ e vice-versa. Também era impossível para o autor observar como os sujeitos passaram a articular ambos os enunciados como parte da condução de sua vida, especificamente as mulheres, foco dos manuais comportamentais de autoajuda e do enquadramento a uma conduta adequada na esfera dos relacionamentos, exigido pela esfera religiosa. O *Bolsa de Mulher* é bastante útil para um

²⁸ Para ver mais detalhes sobre o dispositivo da aliança e sobre como ele se relaciona com o dispositivo da sexualidade, ver *História da Sexualidade*, especificamente o capítulo intitulado O Dispositivo da Sexualidade.

²⁹ Em meio à apresentação de um painel no Encontro Anual da ANPOCS em 2012, pude ter contato com a fala do pesquisador Emílio Nolasco de Carvalho, sobre sua pesquisa envolvendo psicologia e psicanálise nos movimentos evangélicos brasileiros. Procurando na internet, notei uma série de sites religiosos que se dispõem a oferecer cursos de prática terapêutica a seus pastores e estes, por sua vez, afirmam não haver contradição alguma entre o discurso religioso e a psicologia ou a própria psicanálise.

esforço de pensar de que forma as mulheres parecem estar mais expostas a este processo de falar sobre si, quase confessional, no qual o ato de expor a verdade sobre sua vida íntima, sobre seu casamento e sobre seu sexo, é central no processo de sociabilidade.

Procurar direcionamento religioso ou em meio a plataformas virtuais como o *Bolsa* aparece, para essas mulheres, como uma maneira de recorrer a métodos de adequação a um contexto de classe e gênero, respectivamente, instável e tradicional, como apontarei nas páginas seguintes.

Dinâmicas de Classe Social nas práticas de ajuda mútua feminina *online*

“No Bolsa tem de doutora a faxineira cada qual com seu rolo” (Neu).

Quando entrei no site, acreditei que essa diversidade pudesse ser real. Aparentemente, as pessoas vinham de todos os lugares do país e possuíam as mais variadas posições de classe e nível de escolaridade. No entanto, adentrando com mais atenção no universo da pesquisa pude notar que o *Bolsa* é composto majoritariamente por mulheres, parte do que podemos chamar de classe média baixa, dentro da qual eu coloco aquelas e aqueles que, embora tenham formação universitária e estejam empregados, possuem uma situação financeira familiar não tão confortável, além de ocuparem funções dentro da área do secretariado, do auxílio administrativo e mesmo na esfera doméstica.

Tal fato faz pressupor que a internet se mostrou um espaço palpável de exposição de problemas dentre as camadas populares, o que possibilita uma disseminação de conteúdos de autoajuda, motivação, autoestima e de ajuda mútua, substituindo as formas convencionais de terapia, ou seja, aquelas em que existem somente duas figuras centrais, a do terapeuta ou do psicanalista e a do sujeito que necessita de “tratamento”. Na rede, espaço mais acessível às classes populares nos

últimos anos, todos são passíveis de serem “ajudados” e todos podem também exercer a função de terapeuta. Os papéis são móveis e quem expôs palavras de conforto na semana anterior, pode necessitar delas na semana seguinte, em um intenso processo que passa da autoajuda para uma dinâmica de ajuda mútua.

Trabalhar com o conceito de classe dentro de um universo *online* como o *Bolsa de Mulher*, apesar de fundamental, me impôs certos desafios. O primeiro dizia respeito a definir “classe” de maneira que o conceito não engessasse a dinâmica das relações estabelecidas, o segundo tratava-se da dificuldade de colher informações que me permitissem delimitar uma possível condição financeira de minhas interlocutoras e, por fim, notei que falar de classe não poderia estar desvinculado de uma discussão que culminaria na forma como se usa as redes sociais *online*, principalmente no tocante ao discurso de autoajuda e ajuda mútua. Dessa forma, tive em mente a todo o momento que não seria possível utilizar as divisões simplistas advindas da economia, que baseiam as coletas de dados feitas por agências, como por exemplo, o IBGE³⁰. Tal forma de lidar com classe enquadra os sujeitos de acordo com a renda mensal recebida, o que eu não gostaria de fazer neste trabalho. Também notei que os discursos celebrantes em relação ao surgimento de uma nova Classe C deveriam ser problematizados:

As classes, os estratos ou qualquer outra forma de denominar as diferentes posições existentes na hierarquia social são construções dos pesquisadores. Algumas dessas construções desfrutam de uma unidade ou consenso maior na sua aceitação, dada a sua capacidade de conceituar objetos de pesquisa mais precisos ou homogêneos. Assim é com a classe operária ou com a burguesia. No que se refere às posições intermediárias da estrutura social, a sua complexidade e heterogeneidade interna estimulam a discussão e a polêmica no meio acadêmico, favorecendo a

³⁰ De acordo com o IBGE as classes são definidas da seguinte maneira:

Classe A: quem tem acima de 30 salários mínimos, Classe B: de 15 a 30 salários mínimos, Classe C: de 6 a 15 salários mínimos, Classe D: de 2 a seis salários mínimos, Classe E: até dois salário mínimos

coexistência de diversas construções que contém um certo “quê” de subjetividade do pesquisador. (Bonelli, 1983: 14)

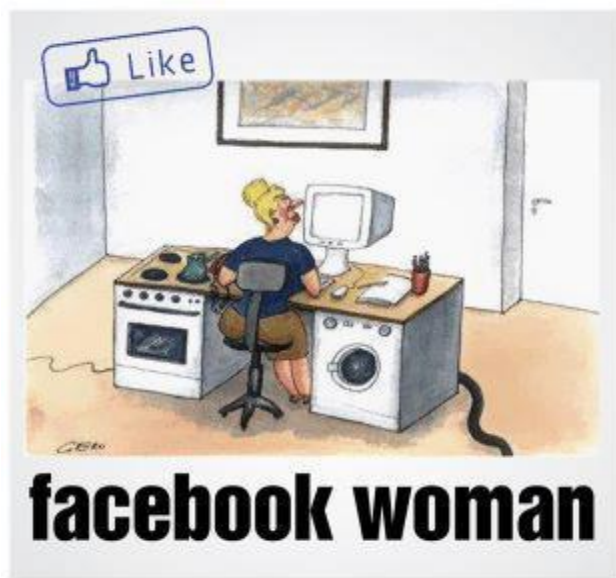
Tendo como base a ideia de que para definir o que entendo por classe média baixa, neste texto, dependeria mais de uma atitude subjetiva perante o campo, optei por um estudo que atentasse para as maneiras através das quais os indivíduos se percebem na estrutura social e vivenciam sua classe. Para isso, tive como foco questões como status ocupacional, quantidade de membros da família, presença ou não de problemas financeiros, nível educacional, local de moradia e estudos, acesso à internet, expectativas em relação ao futuro, etc. A partir disso, poderia compreender o universo da pesquisa de maneira mais ampla, sem me limitar unicamente ao indicador da renda e evitando desconfortos com perguntas diretas sobre o salário mensal dos sujeitos e de suas famílias, aspectos bastante simplificadores de uma dinâmica mais complexa de vivências e experiências.

Trata-se de pensar classe social como parte do dinamismo das relações entre os sujeitos, orientados por suas experiências de vida, sem um reducionismo à mecânica das determinações econômicas. O conceito de classe, analisado via experiência, como algo dinâmico, histórico e não restrito à estratificação por renda tem, neste trabalho, inspirações na obra de E. P. Thompson, para quem as determinações objetivas não simplesmente se impõem sobre uma matéria prima vazia e passiva, mas sobre seres históricos, ativos e conscientes:

As formações de classe surgem e se desenvolvem à medida que homens e mulheres vivem suas relações produtivas e experimentam suas situações determinadas, no interior do conjunto das relações sociais, com a cultura e esperanças que herdaram, e à medida que trabalham de formas culturais suas experiências (WOOD, 2003, p. 76).

A partir disso, penso classe neste trabalho como algo que se vivencia em uma relação e não como uma estrutura que se impõe aos indivíduos. A experiência de integrar um estrato de classe envolve, para fins desta pesquisa, tanto fatores objetivos e relacionais quanto subjetivos e de experiência. Por isso meu foco está sempre em observar como os sujeitos se agrupam em estratos sociais compartilhando uma mesma forma de lidar com questões econômicas, integrando um grupo que divide uma mesma exposição a bens de consumo e a discursos de ascensão social, que enfrentam problemas muito próximos relativos à manutenção dentro deste estrato, etc.

Figura 4: Facebook woman



Esta imagem foi postada por uma das usuárias do grupo criado no *Facebook*. Jussara, 52 anos, mora com marido e filhos, é dona de casa e se identificou com a mulher representada pela figura, colocando como legenda de sua postagem um “sou eu” acompanhado de gargalhadas³¹. As mulheres que não exercem atividade remunerada constituem um significativo número dentro do *Bolsa de Mulher*. Notei da parte delas

³¹ Na linguagem da internet as gargalhadas são representadas por letras “K” seguidas uma da outra: “kkkkkkkkk”

uma tentativa de me explicarem o porquê de tal condição ou mesmo de tentarem mostrar que estão felizes com os afazeres do lar. Quando perguntava o que faziam, logo obtinha como resposta um “*sou uma feliz dona de casa*” (Valquíria) ou “*sou dona de casa, pois não quis colocar meus filhos na creche*” (Lucila), afirmações que evidenciam receio da parte delas de haver, de minha parte, algum tipo de julgamento, devido ao fato de terem optado pelo trabalho do lar. Fica claro em seus discursos o esforço constante de realizar todos os afazeres do cotidiano doméstico, que envolve desde atividades como cozinhar, limpar, cuidar dos filhos e do marido, e ainda arrumar tempo para estar *online*, sendo que, em muitos momentos, a prioridade é acompanhar as dinâmicas das redes sociais em detrimento do trabalho doméstico, como postou Paloma, integrante do grupo do Facebook, com a qual não tive a oportunidade de conversar.

Figura 5: Casa arrumadinha é sinal de internet com problemas



Acompanhando o acesso dessas mulheres à internet, pude notar que sua presença tanto no *Bolsa* quanto no *Facebook* é constante e o ambiente *online* é uma forma de ocupar o tempo ocioso entre os afazeres da casa, bem como sustentar um processo de sociabilidade que pode não ser tão intenso fora da rede, tendo em mente que os demais moradores do lar, como por exemplo marido e filhos, passam o dia no

trabalho - *“minha filha e marido trabalham e chegam em casa só meia noite”* (Nádia, 45 anos, casada, dona de casa e mãe de 2 filhos), *“eu não sei viver na solidão não, e o marido chega cansado não quer conversar, a filha some com o namorado”*. (Nádia).

Soma-se a isto o fato de que tamanha frequência na internet é algo que nem sempre pode ser compartilhado com os demais membros da família:

Lindinha: amiga as obrigações me chamam, viu? Até breve, se cuida, um beijo

L@rinha diz: mas já Lindinha?

Lindinha diz: marido vindooooo kkkkkkkkk, ele é ciumentooooo que só!

A sociabilidade virtual, como meio através do qual é possível espantar a solidão também aparece nas falas de Rita, usuária com história de vida bastante peculiar. Rita, 44 anos, moradora da capital de São Paulo, usa o computador há 15 anos. No entanto, o único contato com a máquina, que segundo ela era útil para o estudo dos filhos, se dava por meio de jogos, como por exemplo, Paciência. Nesse período, Rita trabalhava em uma empresa de Buffet e passava o dia todo fora de casa. Recentemente, há cerca de dois anos, a usuária desenvolveu uma séria doença que tirou parte dos movimentos de seu corpo e após este acontecimento, além de parar de trabalhar devido à impossibilidade de fazê-lo, passou a utilizar, na internet, as redes sociais como forma de distração: *O primeiro PC que tive em minha casa tem uns quinze anos; eu só jogava "paciência", era pros filhos. Eu só passei a usar depois que fiquei doente, pra descontrair, isso faz três anos. Hoje acho isso "inacreditável (risos)"* (Rita, 44 anos, dona de casa, casada e mãe de dois filhos). Atualmente Rita divide a casa com o marido que trabalha como garçom e com a filha que deixou a faculdade para cuidar da mãe.

Além das donas de casa, uma parte significativa das mulheres que frequentam o *Bolsa* exerce trabalho remunerado em setores administrativos, de venda e de recepção. A execução deste tipo de trabalho apresenta um claro marcador etário, uma vez que quem o realiza são as mais jovens. Algumas trabalham em escritórios de advocacia, outras em escritório de contabilidade, e outras ainda trabalham no setor de comércio,

seja em um micro negócio próprio ou para terceiros. O fato de passarem o dia em meio à jornada administrativa facilita o acesso à internet e às redes sociais, e, às vezes possibilita o primeiro contato com o ambiente virtual.

Comecei a usar computador acho que em 2000, para o trabalho. Tinha acesso ao ICQ. Passado os anos, nas empresas onde trabalhei sempre tive acesso, alguns mais limitados outros menos. Mas a partir de 2005, mais ou menos, a cada surgimento de uma nova ferramenta de internet (MSN, Gmail, Orkut, Facebook) eu aderiu, mas a utilização era só em computadores de trabalho, lan houses e terceiros. Em 2009 entrei aqui no escritório onde trabalho e tenho acesso livre e liberado a qualquer site ou rede social. Adquiri o meu computador (notebook) em 2010 com objetivo de facilitar minha vida escolar e ter mais liberdade para navegar. Como sempre gostei de redes sociais, descobri o Bolsa em 2011. (Leila, 29 anos, assistente administrativo, mora com a família)

Embora muitas de minhas entrevistadas tenham nível superior completo e estejam empregadas, a baixa renda familiar, a necessidade de ajudar em casa ou mesmo pagar a faculdade não lhes garante total autonomia, tampouco uma excelente situação financeira. Muitas trabalham e estudam, fazendo dupla ou tripla jornada, o que prejudica a dedicação total aos estudos:

Eu não era a melhor aluna da sala, mas sempre estava da média pra cima, mas juntou problemas financeiros (entrei num balaio de gato de dívidas com banco), estava muito cansada com a rotina que eu fazia (aqui no trabalho das nove horas da manhã às seis e meia da tarde, na PUC das 19h as 22h30 e estágio plantonista em um hospital infantil aos finais de semana). Fiquei muito esgotada, sem motivação e contando com esse fator financeiro, resolvi dar um tempo [na faculdade] pra recuperar as forças e me organizar de novo e só concluir quando eu realmente estiver pronta, porque só ir à faculdade e “passar cuspidá” como dizem, pra mim não dá, meu aproveitamento estava muito baixo e eu não conseguia contribuir direito pro meu grupo de pesquisa TCC (Leila)

Para elas, o núcleo familiar acaba se constituindo como espaço onde é possível juntar as rendas e garantir o sustento de todos ou mesmo onde é possível pagar a faculdade sem ter que dispor de um montante para contas como aluguel, água, luz, telefone, etc.: *“meus pais trabalham vendendo caldo de cana na rua [...] não da pra tirar muito, mas é o que eles sabem fazer né? Eu também não ajudo muito em casa porque ainda não ganho muito bem e tive que pagar minha faculdade pelo FIES³² então ainda pago a faculdade até hoje, mas a gente se vira como pode [...] Lá em casa todos trabalhamos, então, acaba que meus pais ficam mesmo só com a despesa de casa. Roupa, calçado, higiene pessoal, remédio, tudo é por nossa conta”* (Letícia, 26 anos, assistente administrativo, mora com a família).

Muitas me relataram exercer trabalho remunerado desde a idade permitida para isso por conta da baixa renda de todos os membros da casa. Junto a isso, ouvi alguns relatos que evidenciavam o forte desejo de independência mesmo dentro da esfera da família, ou seja, algumas disseram trabalhar fora para não “ouvir desaforos” de quem sustenta o lar, seja pai, padrasto, mãe ou irmãos:

“com 19 anos comecei a estudar (técnico), arrumei estágio, ganhando meu dinheiro, minha independência e não parei...fiquei livre das afrontas dele [do padrasto]... ele sempre foi uma pessoa difícil, sempre trabalhou com transporte (caminhoneiro), vida solta, viagens longas e etc...quando chegava em casa era sempre o carrasco porque tudo que sabia fazer era reclamar de tudo e de todos, e julgava o fato de colocar as coisas em casa e nos dar uma vida confortável como suficiente para sermos perfeitos e felizes [...] e eu sempre fui uma criança observadora e atenta, sabia das coisas que minha mãe passava com ele, das traições, das amantes que ligavam pra ela, do sofrimento em geral, e com isso fui criando revolta e resistência contra ele...fui buscando meu caminho” (Leila)

³² O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em instituições não gratuitas. Com esse programa, o estudante pode pagar o curso depois de formado.

Embora a amostra colhida nesta pesquisa seja pequena em relação ao montante de pessoas que consomem e produzem os discursos do site e que entram e saem da plataforma diariamente, ela é bastante representativa dos grupos que se formam ali dentro e de como são mobilizados os marcadores de classe neste universo composto por mulheres. Em um contexto nacional onde se tem falado da expansão da chamada Classe C e que apresenta um estímulo ao consumo voltado para este público, ficam evidentes as características que a internet tem assumido nos últimos anos no país.

A popularização tanto do acesso à internet quanto da compra de computadores, celulares e diversos aparelhos que podem ser conectados em rede tem possibilitado uma inserção maior de pessoas de baixa renda no ambiente virtual, e as redes sociais com conteúdo terapêutico e com um processo de sociabilidade marcado pela ajuda mútua aparecem como um espaço onde é possível falar dos problemas mais diversos sem a necessidade de pagar altos valores pela intervenção dos chamados experts nos problemas emocionais e da intimidade. Além disso, existe neste caso um desconforto que diz respeito ao afastamento cultural e de classe, dessas pessoas, da hierarquia colocada pela relação com o especialista ou doutor, o que faz com que a busca pelo *Bolsa de Mulher* seja algo mais próximo, parte de um mesmo universo cultural e simbólico.

Pesquisas de mercado na área da comunicação e das mídias digitais³³ têm apontado como o Brasil se consolidou, em 2011, como o terceiro país no ranking de venda de computadores no mundo, ficando atrás somente da China e dos EUA. Do total de equipamentos vendidos, 70% foram destinados ao uso doméstico e apenas 30% ao segmento corporativo que inclui o Governo e a educação. De acordo com as mesmas pesquisas, a tendência para os anos de 2012 e 2013 é de um aumento ainda mais considerável no número de vendas, principalmente de aparelhos móveis com acesso à

³³ http://www.idclatin.com/news.asp?ctr=bra&year=2012&id_release=2200

internet como os smartphones³⁴. Estes tiveram um crescimento de venda de 84% em relação ao ano de 2010, quando foram comercializados 4,8 milhões de aparelhos³⁵.

Segundo Bruno Freitas, analista de mercado da IDC Brasil, empresa de consultoria e eventos para as indústrias de tecnologia da informação e telecomunicações, *“hoje existem aparelhos com preços mais acessíveis, oferta de pacotes de dados até para celulares pré-pagos, e uma demanda muito grande ligada às redes sociais e a mobilidade. Isso impulsiona as vendas e a migração de telefones celulares convencionais para smartphones”*. A Copa do Mundo de 2014 consiste em um evento que intensificará o compartilhamento via internet 4G, como completa Freitas: os investimentos em 4G que devem ser realizados em 2012 e 2013 provavelmente contribuirão para o desenvolvimento deste mercado no Brasil, especialmente a partir de 2014, onde algumas capitais passarão a oferecer 4G e a troca de informações será muito mais rápida. Além disso, o governo estuda incluir os smartphones no programa de incentivo fiscal, o que deve atrair o interesse dos fabricantes e estimular a produção local destes dispositivos, assim como acontece com os PCs e Tablets³⁶.

Soma-se a estes dados a expansão do que os economistas chamam de Classe C, na internet, principalmente nas redes sociais *online*. Segundo matéria lançada pelo UOL³⁷, em julho de 2011, o Facebook contava com a presença de 21 milhões de usuários brasileiros, o que representou um aumento de 133% nos últimos seis meses. Em matéria

³⁴ Smartphones são telefones móveis com funcionalidade avançadas que podem ser estendidas com um sistema operacional. Geralmente um smartphone possui características mínimas de hardware e software, sendo as principais a capacidade de conexão com redes de dados para acesso à internet.

³⁵ http://www.idclatin.com/news.asp?ctr=bra&year=2012&id_release=2213

³⁶ O Ministério da Fazenda discutiu no início do ano de 2012 a inclusão dos Smartphones na Lei do Bem (nº 11.196), que dá isenções fiscais a projetos de inovação tecnológica. O objetivo é dar o mesmo benefício que já é concedido aos computadores pessoais e que passou a ser dado no ano de 2011 aos tablets (computadores móveis em forma de prancheta e sem teclado). A isenção aos smartphones foi celebrada, pois garante uma queda nos custos dos telefones celulares que possibilitam o acesso à internet, já que a procura por esse tipo de aparelho só vem crescendo no país.

³⁷ <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2011/07/07/classe-c-ja-esta-no-facebook-dizem-analistas-de-mercado.jhtm>

lançada pelo G1³⁸, no dia 16 de junho de 2012, constatou-se que os internautas brasileiros são os que mais acessam as redes sociais, ultrapassando italianos e espanhóis. De acordo com associado da Bites³⁹, empresa que atua na área de estratégias de repercussão de Imagem Pública nas Redes Sociais, *"quando a versão em português entrou, muito mais gente aderiu (ao Facebook) e concluiu: "Algumas empresas que pretendem se dirigir à classe C já estão indo direto para o Facebook e para o Twitter, sem passar pelo Orkut"*.

De acordo com dados recentes colhidos pela Fundação Getúlio Vargas, o Brasil chegou aos 99 milhões de computadores, um para cada dois brasileiros e a projeção para 2017 é que haja um computador para cada brasileiro. O atual aumento do número de pessoas das classes populares a usar a rede seria fruto de uma conjuntura favorável que inclui o barateamento dos preços das máquinas e maiores facilidades no acesso à internet. Este processo tem se dado já desde os anos 2000, com o surgimento da internet banda larga e do fim dos caros provedores no Brasil⁴⁰.

Tal fato influencia diretamente esta pesquisa, pois constatamos que parte do público que consome os discursos da autoajuda e da ajuda mútua na internet, especificamente no *Bolsa de Mulher*, integra o que podemos chamar de classe média baixa e, por isso, teve acesso à rede mais recentemente, neste contexto de barateamento de uso das mídias digitais. Devo ressaltar que a distribuição geográfica das pessoas do site se mostrou um dado bastante interessante que aponta também para o acesso à internet e para marcadores de classe social. De acordo com a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), realizada sobre as regiões metropolitanas do país, feita em 2009, a Região Sudeste se manteve com a maior proporção de usuários da

³⁸ <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2010/06/internautas-brasileiros-sao-os-que-mais-acessam-redes-sociais.html>

³⁹ <http://bites.com.br/#quem-somos>

⁴⁰ Para um histórico mais completo, ver artigo a ser publicado na Revista Cronos, por Richard Miskolci: *Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais*.

internet em relação ao ano de 2005 (48% em 2009, contra 26,5% em 2005), seguida pelo Centro Oeste (47% em 2009, contra 23% em 2005). As Regiões Norte (34% em 2009, contra 12% em 2005) e Nordeste (30,2%, em 2009, contra 11,9% em 2005) apresentam as menores proporções nos três anos analisados, entretanto foram também as que registraram maior aumento proporcional no contingente de usuários.

Intensificando o trabalho de campo, notei que existe no *Bolsa* uma presença massiva de usuárias do Norte e Nordeste do país, o que possui relação direta com a expansão do número de internautas nessas regiões, como mostram os dados da pesquisa citada acima. Mesmo apesar de a maioria ainda continuar em regiões como o Sudeste, grande parte das pessoas não está na cidade e no Estado de São Paulo e sim nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro – no Rio, especificamente na Baixada Fluminense – e Espírito Santo. Tal observação pode evidenciar o que tem ocorrido com algumas regiões do país no tocante ao acesso à internet como, por exemplo, o Norte e Nordeste e a Baixada Fluminense. Essas usuárias que adentraram a rede recentemente são *newcomers* no mundo *online* por chegaram após aqueles sujeitos de classe média alta que estão na rede, no Brasil, desde seu surgimento, considerados, nos termos de Nancy Baym (2010), *netcitizens*.

A Baixada, que abrange uma região considerável do Estado do Rio de Janeiro, englobando desde a área da Baía da Ilha Grande até Campos dos Goytacazes, no limite com o Espírito Santo, teve como impulsionadora de sua economia a produção de café, o transporte ferroviário e a localização próxima a um dos principais portos de navegação da história do Brasil. A região, com intenso recebimento de imigrantes por conta da cultura cafeeira e, mais recentemente, no século XX, devido à expansão do comércio e da indústria, foi ocupada por um contingente populacional de baixa renda. A grande especulação imobiliária na cidade do Rio de Janeiro, somada à incapacidade de recebimento de imigrantes, principalmente nordestinos que vinham tentar a vida em terras cariocas, levaram à ocupação da população de baixa renda de áreas periféricas próximas ao Rio de Janeiro, como a Baixada Fluminense, o que fez muitos municípios da região se tornarem cidades dormitórios, ou seja, de passagem de trabalhadores. Apesar

da intensificação da expansão do comércio e indústria regional, a Baixa Fluminense permanece tendo como característica a presença massiva de pessoas de classe média baixa, o que marca a presença recente dessas pessoas na internet. De acordo com o site oficial da baixada⁴¹, o acesso à internet, fenômeno atual, mas intenso na região, ainda é digno de investigação, pois evidencia transformações significativas na cultura local e na forma como a região é vista pelo entorno:

*A Internet na Baixada é um fenômeno cultural que ainda precisa ser pensado com profundidade pelos pesquisadores. Ela assinala que já vai longe o tempo em que o tubo da TV preto e branco, a tela do cinema de cadeiras sem estofamento e o sanguinolento jornal de domingo eram os únicos canais de contato com outros mundos para aqueles que achavam que havia algo no ar além das nuvens infernais de mosquitos. Toda essa experiência deglutida volta refinada no mundo das redes digitais, num processo de antropofagia cultural: devorar o outro para absorver suas qualidades e poderes. É assim, antropofagicamente, que hoje a Baixada pode falar para o mundo.*⁴²

Em 2011, a Embratel, empresa de telefonia, TV e internet, declarou os altos investimentos na expansão da internet com baixo preço nas cidades da Baixada⁴³, destinados claramente à população de baixa renda, o que evidencia a consolidação, ou a tentativa de consolidação, do acesso à internet nessa região. Em encontro realizado com minhas interlocutoras, em julho de 2012, ex-moradoras da Baixada relataram a dificuldade do acesso à internet e o fato de ela não estar disponível em todos os lugares da região

⁴¹ <http://noticias.sitedabaixada.com.br/>

⁴² <http://www.baixadafacil.com.br/editorial-baixada-facil>

⁴³ <http://portal.baixadaon.com.br/cidades-da-baixada-fluminense/duque-de-caxias/ja-esta-disponivel-internet-banda-larga-popular-da-via-embratel-na-baixada-fluminense/>

A Baixada Fluminense é somente um exemplo de território nacional com população majoritariamente pertencente à classe média baixa que tem penetrado na internet e nas redes sociais nos últimos anos de forma intensificada. O *Bolsa de Mulher* pareceu-me um excelente exemplar da realidade digital do Brasil, pois ele permite-nos observar esta dinâmica de perto. Tanto a internet nos últimos anos quanto dentro dela, os discursos de autoajuda e ajuda mútua, em nível de Brasil, se mostraram um fenômeno composto pelas camadas populares, ao contrário do que apontam pesquisas realizadas em outros contextos nacionais.

A pesquisa da socióloga marroquina Eva Illouz aponta que:

“quando encaramos os sentimentos como personagens centrais na história do capitalismo e da modernidade, a divisão convencional entre uma esfera pública desprovida de afetos e uma esfera privada saturada deles começa a se dissolver, a medida que se evidencia que, ao longo de todo o século XX, homens e mulheres da classe média foram levados a se concentrar intensamente em sua vida afetiva, tanto no trabalho quanto na família, usando técnicas similares para trazer o eu e suas relações com os outros para o primeiro plano.”(Illouz, 2011:11)

A autora deixa claro no decorrer de seu trabalho o contexto dos dados colhidos: Illouz fez uma intensa pesquisa de campo em meio a pessoas advindas da classe média alta estadunidense, especialmente na área dos negócios e dentro do ambiente universitário, com o intuito de compreender a disseminação do discurso de autoajuda em território norte-americano, especificamente no ambiente familiar heterossexual e no universo empresarial. Em *Saving the Modern Soul – Therapy, Emotions and the Culture of Self-help*, ela estabelece um interessante paralelo entre as classes trabalhadoras e a classe média alta, de forma a apontar como elas não possuem uma linguagem comum de organização do eu, sendo que as primeiras não trariam consigo um ethos terapêutico:

“O individualismo do homem e da mulher da classe trabalhadora é caracterizado por narrativas de luta com a adversidade. Trata-se de um individualismo rude que enfatiza a desconfiança, a resistência e a força física. Em contraste com o individualismo da classe média e média alta que pode ser caracterizado como um “individualismo psicologizado e suave”, enfatizando um sentido de singularidade, individualidade e autoconfidência, bem como as emoções, necessidades e desejos do eu psicológico.” (Illouz, 2008: 235)⁴⁴

Em meu trabalho, especificamente, pude observar que o discurso da autoajuda está de tal forma disseminado que possui um correspondente de peso nas camadas populares que adentraram, nos últimos anos⁴⁵, a internet, no Brasil. No entanto, classe social aqui não pode aparecer desvinculada de gênero, raça e também de aspectos geracionais, uma vez que as pessoas que compõem minha amostra são mulheres, em grande medida negras e jovens. Dentre as entrevistadas, nenhuma delas pode ser considerada de classe média alta e seus discursos também são caracterizados fortemente por uma reflexividade advinda de um consolidado *ethos* terapêutico somado a uma possível psicologização dos problemas enfrentados, ressaltada pela dinâmica da internet. Dessa forma, tais características não consistem em uma exclusividade de pessoas de alta renda. Não se trata aqui de importar o conceito de classe abordado na obra de Illouz, e sim de trazer à tona os dados, como fiz acima, que permitem pensar a situação financeira dessas pessoas no ambiente desta pesquisa, compreendendo que a reflexividade que permite pensar, principalmente as relações amorosas, também está colocada entre minhas interlocutoras.

⁴⁴ Tradução livre. No original: The individualism of the working-class men and women is characterized by narratives of struggle with adversity; it is a rugged individualism that emphasizes distrust, toughness, and physical strength. In contrast, middle and upper middle-class individualism can be characterized as “soft psychologized individualism”, emphasizing a sense of uniqueness, individuality, and self-confidence as well as the emotion, needs, and desires of the psychological self.

⁴⁵ Quando falo em “últimos anos”, penso especificamente na última década. Parte considerável de meus interlocutores adentrou a internet nos anos 2000.

As vidas destas mulheres de minha pesquisa são forjadas a partir de uma articulação complexa de diversos fatores e, dentre eles, está sem dúvida a pertença a um estrato social específico. Elas não são unicamente mulheres, mas são mulheres engendradas nas classes populares, que encontram na internet e também nos discursos religiosos ferramentas de reflexão para suas vidas, em um contexto que exige delas tanto a manutenção da própria existência dentro desse estrato econômico quanto uma busca por adequação a padrões de gênero historicamente hierárquicos baseados no modelo de família nuclear.

Sessão III: Vasculhando a Bolsa da mulher: Intersecções entre gênero, sexualidade e raça nos discursos da plataforma e d@s usuári@s

Obviamente, o cérebro feminino também é extremamente sensível a toda sorte de estímulos, mas com um viés bem diferente do cérebro masculino. Ele responde de forma instintiva a qualquer estímulo que traduza risco para sua família. Essa é a prioridade. O cérebro feminino foi estruturado para assegurar a sobrevivência da espécie a qualquer preço e toda a mulher que tem filhos irá concordar com isso sem muita dificuldade. Os demais estímulos, inclusive os sexuais, que levam os homens a cometer desatinos capazes de aniquilar rapidamente o que construíram ao longo de toda uma vida, devem estar para as mulheres em um segundo plano absolutamente desprezível em relação à segurança e ao bem-estar dos seus filhos.⁴⁶

Quando acessamos a plataforma do *Bolsa* na internet, não só sua missão⁴⁷, seu nome e logotipo, mas suas cores, assuntos e chamadas estão claramente direcionados a um público específico, as mulheres que compõem a maioria dos usuários do site. Dentre os assuntos em destaque no espaço aparecem: relacionamentos amorosos, moda, culinária, maquiagem e cabelo, família e maternidade, sexo e corpo. E as atitudes que devem ser esperadas pelas usuárias e pelos próprios responsáveis pela plataforma consistem em: *desenvolver sensibilidade, otimismo e solidariedade que são características que definem a mulher e por isso todas as nossas estratégias, produtos e*

⁴⁶ <http://blog.Bolsademulher.com/neymario/>

⁴⁷ A Missão consta no próprio site: http://www.Bolsademulher.com/quemsomos/?utm_source=bdm&utm_medium=footer&utm_campaign=sobre: “fazer a vida das mulheres mais fácil e mais feliz. Nós precisamos sempre ouvir suas vontades e entender suas necessidades, para então oferecer uma solução”

*ações de marketing. Nós trabalhamos por um mundo melhor e mais feminino, muito mais sensível, otimista e solidário.*⁴⁸

Os espaços com conteúdos ditos “masculinos” se mostraram bastante diferentes do *Bolsa*, ou seja, embora tenham também como foco o aconselhamento emocional e as relações afetivas, apresentam uma outra forma de expor esses discursos, como se a esfera amorosa consistisse em um território totalmente compreendido e controlado pelos homens. Cito abaixo o trecho de apresentação do *Papo de Homem*⁴⁹, plataforma com considerável número de acessos e comentários nos posts:

*Falamos de cerveja, brochada, gravatas, whiskey, piercing, videogames, colesterol, liderança, truco, guitarras, orgasmo, caipirinha, carros antigos, arroz, dança de salão, café e meditação [...] desviamos do óbvio, miramos lá em cima. Se todos falam em bater na bunda durante o sexo, nós falamos em tapa na cara; se descrevem as preliminares e listam as 69 posições para “esquentar a relação”, criticamos esses dois mitos. Enquanto alguns sugerem pensamento positivo e ambição, nós aceitamos os fracassos e mostramos como a generosidade é o melhor caminho, mesmo quando tudo o que se quer é muito dinheiro.*⁵⁰

O site, como o próprio nome diz, é um espaço de sociabilidade direcionado ao público masculino onde contém um grupo fechado de discussão, chamado *Cabana*. De acordo com o recente trabalho de Do Prado (2012) existe, por parte dos componentes da Cabana – pessoas que são, em sua maioria, homens de classe média alta – uma recusa a serem confundidos com leitores de autoajuda, gênero que de acordo com eles se difere do objetivo do grupo, de não apontar soluções para problemas. Tal postura pode se tratar de um preconceito classista, uma vez que a recusa pelo rótulo de

⁴⁸ <http://www.bolsademulher.com/quem-somos/>

⁴⁹ Recente trabalho de Juliana do Prado (2012), a ser publicado, analisa em detalhes a dinâmica do site.

⁵⁰ <http://papodehomem.com.br/nossa-historia-antiga/>

“autoajuda” parece evidenciar, principalmente, uma recusa também a aproximação das classes populares. Já as mulheres de minha pesquisa são leitoras declaradas dos livros e compõem este estrato social.

As pesquisas que discutem o fenômeno contemporâneo da autoajuda, seja aquele disseminado pelos livros ou presentes na internet, trazem importantes, mas insuficientes considerações sobre como os marcadores de gênero e sexualidade aparecem neste universo, permeando processos de subjetivação e elaboração de identidades. O trabalho de Rebecca Hazleden é um exemplar no tocante à forma como os manuais expõem as mulheres como aquelas responsáveis por criar respostas emocionais capazes de alterar os rumos de um relacionamento amoroso:

A leitora (supostamente) compra um manual de relacionamento porque ela tem dúvidas sobre sua relação (ou falta dela) [...], no entanto, outro problema lhe é fornecido [...] é a sua identidade como um eu autêntico que é a questão, ela tem a obrigação ética com o seu eu [...] a aquisição do autoconhecimento consiste no trabalho a ser executado, a fim de criar uma nova identidade ética, novos padrões de comportamento e respostas emocionais mais adequadas. (HAZLEDEN, 2003, p. 416)⁵¹

A autoajuda impressa no formato de livros e manuais consiste em um representante significativo da construção da subjetividade feminina vista, ao longo do tempo, como passível de receber conselhos de adequação, uma vez que o universo ao qual as mulheres são julgadas por pertencer é aquele voltado aos aspectos emocionais

⁵¹ Tradução livre: The reader (presumably) purchases a relationship manual because she has concerns about her relationship (or lack thereof), but the authors commonly ‘shape up’ the issue (Hodges, 2001), and begin by providing the reader with a new problem. The reader is therefore provided with a new ethical identity: where she had mistakenly thought that her relationship was the problem, she is persuaded that it is her identity as an authentic self that is the issue, and that she has an ethical obligation to this self [...] the acquisition of self-knowledge are the work to be performed, in order to create a new ethical identity, new patterns of behaviour and more appropriate emotional responses.

da subjetividade, da intuição, dos sentimentos e, por isso, estão mais sujeitas a “perder a cabeça”.

Apesar das reivindicações dos livros de se preocupar com a possibilidade do leitor encontrar um parceiro e/ou sustentar um relacionamento romântico, a maioria do material contido neles está interessada não com o amor, nem com o encontro e a atração de parceiros potenciais, mas com a preocupação com o cuidado próprio (HAZLEDEN, 2003, p. 415)

Frases como “se desmerecer impede uma relação saudável e divertida”, “conheça seus pontos fracos e fortes e goste da própria companhia” (ARGOV, 2009: 8) e “uma mulher que se recuperou de amar demais é protetora de si mesma e de seu bem-estar” (NORWOOD, 2009: 289), aparecem com frequência em obras com conteúdo de autoajuda voltadas para o público feminino. Observei até o momento que esse cuidado de si, embora se traduza na tentativa de reprimir qualquer desejo que prejudique o eu e que cause sofrimento, está, em sua totalidade, voltado para adequação ao que é esperado pelo parceiro: “os homens precisam de um desafio mental”, (ARGOV:14) e tal desafio não tem relação alguma com um conhecimento especializado e racional e sim com o comportamento de não permitir que o homem tenha domínio sobre a vida de sua parceira.

Além de apontarem para uma personalidade feminina confusa e complicada, que deve ser repensada todo o tempo com vistas a não prejudicar o relacionamento amoroso, essas obras mostram uma mulher que deve se desdobrar para conquistar e manter o parceiro. Ou seja, além de imprevisível e instigante, a parceira deve ser, na cama, uma prostituta, sem, no entanto, deixar de atuar como uma boa dona de casa, uma vez que os homens, de acordo com este discurso, buscam mulheres que sejam parecidas com suas mães e que exerçam também as atividades do lar:

Embora o homem se excite com a mulher independente que não pode ter, ele faz tudo para que ela fique parecida com sua mãe. Ele quer que cozinhe, limpe e lave a roupa dele. O que uma mulher boazinha precisa saber é que, mesmo que ela faça um grande esforço para ser uma dona de casa exemplar, o homem sempre vai querer uma prostituta na cama. As duas coisas estão relacionadas. Porque? Cuidados materiais constantes tendem a acabar com o desejo sexual. É verdade quando dizem que o homem está sempre à procura da própria mãe. Essa é uma teoria interessante, mas não significa que você deva se exaurir lavando e cozinhando pra ele ou tratá-lo como se você fosse uma babá desvelada.⁵²

Discursos como estes transferem para o âmbito dos relacionamentos amorosos a dinâmica presente no ambiente do mercado de trabalho, onde existe a chamada múltipla jornada do trabalho feminino, que caracteriza tanto o trabalho do lar como o cuidado com a casa, filhos e marido; quanto o de fora dele, que inclui além do trabalho com carteira assinada algumas atividades extras que contribuem para o orçamento doméstico. Dessa mesma maneira, exercendo uma série de tarefas e funções, as mulheres devem se comportar no domínio afetivo: como mães, prostitutas, pessoas independentes que, no entanto, desejam ser amadas acima de todas as coisas e que visem sempre o sucesso da relação amorosa. É a lógica da produtividade do mercado, no interior da vida íntima.

Outra ideia exposta pelas obras de autoajuda, voltadas especificamente para a temática dos relacionamentos amorosos, que são consumidas majoritariamente por mulheres, consiste em reforçar constantemente a necessidade de a mulher não deixar de viver sua vida por conta das vontades do parceiro:

A poderosa não para de dançar no seu próprio ritmo. Essa postura, por si só, evita que ela perca o equilíbrio, como acontece com a boazinha, que abdica da própria

⁵² Trecho de “Porque os Homens amam as mulheres poderosas”

rotina [...] a boazinha acha que está abrindo mão de alguma coisa para receber algo melhor. Ela entrega o controle da própria vida, quando chega a hora de receber o que esperava, ela se decepciona [...] Já a poderosa prioriza a si mesma antes de “se derreter” por outra pessoa. Por isso, quando ela diz não significa não, quando diz sim significa sim.⁵³

De acordo com Illouz, a constante exposição da autonomia como algo a ser buscado pelas mulheres passa a ser forte no discurso terapêutico, como fruto da explosão de discursos feministas durante todo o século XX. Para a autora ambos os campos (feminismo e discurso terapêutico) trocavam características recíprocas, mais do que se estranhavam:

Na tentativa de compreender a relação entre psicologia e feminismo, a maioria dos analistas atentou para a história de hostilidade recíproca entre as duas. No entanto, é igualmente fácil encontrar pontos de convergência entre elas. Com o desenrolar do século XX, o feminismo e a psicologia revelaram-se aliados culturais supremos, porque as mulheres passaram a ser as principais consumidoras do aconselhamento terapêutico, assim fazendo com que a terapia compartilhasse cada vez mais com o feminismo alguns esquemas comuns, isto é, categorias básicas de pensamento diretamente derivadas das experiências das mulheres. Por outro lado, visto que a segunda onda do feminismo situou-se muito densamente na família e no campo da sexualidade, e posicionou sua narrativa de emancipação dentro dessas esferas, ela teve afinidades naturais com a narrativa terapêutica [...] no discurso terapêutico e na segunda onda do feminismo, a família proporcionou a metáfora fundamental para a compreensão das patologias do eu, além de ser o

⁵³ Trecho de “*Porque os Homens amam as mulheres poderosas*”

lócus primário da transformação de si mesmo, exigidas por esses dois credos. (Illouz, 2011: 40)

Illouz aponta neste texto para dois fatos inegáveis: o primeiro é a exposição dos avanços do movimento feminista e, o segundo consiste na tentativa de mostrar como o discurso terapêutico aderiu àquele produzido através dos questionamentos feitos pelos movimentos de mulheres, ou seja, o debate em torno da sexualidade e da autonomia feminina. No entanto, em um contexto como o brasileiro, em que o feminismo não desfrutou do mesmo espaço que teve entre as classes altas do centro europeu, trata-se de observar de que forma se processam, dentro do discurso terapêutico, as demandas de autonomia em um ambiente específico como o desta pesquisa. E mais, como o público que consome tais discursos consegue, por um lado, articulá-los, ponderá-los e ressignificá-los de acordo com suas próprias demandas e, por outro, usá-los para manter padrões hierárquicos de gênero. Vale ressaltar que o movimento feminista brasileiro teve como característica básica o fato de ser um movimento da elite de mulheres letradas, que tinham acesso ao que se discutia na Europa e nos EUA e, dessa forma, não se disseminou da mesma maneira, no contexto nacional, principalmente entre as camadas populares e não brancas da população.

Os discursos terapêuticos de motivação e voltados para as relações amorosas que chegam ao Brasil advêm, em sua grande maioria, dos EUA e dessa relação da autoajuda com este feminismo, que podemos chamar de “feminismo do norte” e de classe média alta. No entanto, é necessário dizer que as práticas dos sujeitos são muito divergentes desses textos.

Pude observar que embora as usuárias do site analisado tenham aderido ao discurso de autonomia, exposto também pelas obras de autoajuda e pela imagem da mulher empreendedora divulgada na plataforma do próprio *Bolsa de Mulher*, em suas práticas diárias tal autonomia se mostra difícil de ser alcançada devido, principalmente, às suas posições no interior de uma classe média baixa. O discurso burguês da “mulher poderosa”, totalmente “dona de seu nariz”, que se tornou popular após a explosão de

um movimento feminista de classe média alta, não encontra correspondente na vida cotidiana de minhas interlocutoras, atravessada por longas jornadas de trabalho que geram, muitas vezes, salários insuficientes, que as mantêm na casa dos pais ou, no caso das mais velhas, na esfera do trabalho doméstico, dependentes de seus maridos.

A obra que marcou a expansão da autoajuda direcionada especificamente ao público feminino é *Complexo de Cinderela*, da jornalista americana Colette Dowling, publicado no início dos anos 80, logo após a explosão da Segunda Onda do Movimento Feminista. No livro, a autora retoma o clima de mal-estar que haveria entre as mulheres, que de um momento a outro foram bombardeadas pelos discursos sobre autonomia, questionamento do casamento e da maternidade, baseados em um estímulo a total emancipação. A tese central era a de que décadas de debate feminista não haviam libertado as mulheres de seu "medo da independência" e do desejo de encontrar o famoso "príncipe encantado" que as conduzisse para a fortaleza do casamento, onde estariam protegidas do mundo externo; a isto, Dowling deu o nome de Complexo de Cinderela.

Os manuais recentes continuam apontando uma centralidade da relação amorosa na vida das mulheres, no entanto, em um contexto onde a maioria delas tenta se adequar ao fato de que o casamento pode não ocorrer e, quando ocorre, pode não ser sinônimo de estabilidade e conforto. Dessa forma, essas obras, atentas à realidade, apontam para a necessidade de autonomia e de manutenção de uma vida independente da do parceiro. Em minha pesquisa, embora uma parte considerável das mulheres mostre um forte desejo de estabelecer laços afetivos duradouros, consolidando-os com o casamento e com a chegada de filhos, elas não apresentam, em seus discursos, nenhum conflito entre isso e a busca por autonomia profissional:

Eu pretendo me casar, mas estou há tanto tempo sozinha que aprendi a lidar com a solidão. Espero alguém aparecer sim, mas pra ser de uma vez, não tenho muita paciência para testes e tentativas desnecessárias. Sempre tive muito definido o que não gosto ou não quero em um homem, e quando identifico saio fora porque não gosto de

perder tempo. Então espero arrumar sim, e no tempo certo constituir minha família, mas agora não, tenho muito a fazer solteira. (Leila, 29 anos)

Sempre quis me casar! Acredito em contos de fadas e historia de princesas (rs), cresci me empenhando em aprender tudo que fosse me tornar uma excelente dona de casa no futuro, mas trabalho e sei da importância de ter o meu dinheiro [...] se meu namorado não tomar jeito, tenho um ano pra decidir se caso ou não. (Larissa, 26 anos)

Não tenho muito o desejo de casar, mas posso mudar de ideia, por isso não digo não. Vai depender se eu conhecer uma pessoa que me faça ter desejo de casar. (Fátima, 32 anos)

No entanto, a prática não se relaciona de maneira linear e harmoniosa com os discursos proferidos por elas. A própria procura pela internet como meio onde se consegue ajuda para as questões cotidianas, principalmente na esfera amorosa, evidencia grande dificuldade de conciliação entre a autonomia, principalmente emocional, e o estabelecimento de vínculos afetivos. No caso dos fóruns sobre a temática “relacionamentos”, é comum as mulheres reclamarem de seus namorados e maridos, até mesmo no que toca à estupidez e humilhações às quais estão submetidas, sem, no entanto, cogitar a separação ou mesmo afirmando que pensaram nela, sem sucesso em sua concretização. As reclamações sobre as condutas dos parceiros aparecem, com frequência, conjuntamente ao desejo de “dar a volta por cima” ao lado deles sem, no entanto, colocar um fim à situação a dois:

Meu namorado vive me humilhando, como faço para dar a volta por cima? Sempre que brigamos, eu que tenho que correr atrás dele pra pedir desculpas, quando eu tento dar um gelo nele ele fala que eu não o amo mais, sempre eu que estou errada em tudo, ele só coloca a culpa em mim, ele nunca admite que está errado. Eu faço de

tudo por ele e ele me trata assim. (postagem no fórum do Bolsa, feito por uma jovem de 17 anos)

Meu namorado sempre me tratou super bem, com carinho, respeito, amor, compreensão. Só que de uns tempos pra cá (bastante tempo na verdade) ele está um grosso, estúpido! Tudo é motivo pra brigar, até grita comigo! E eu como não sou de aturar desaforos calada, revido tudo!! A questão é: Tem um meio de reverter esse jogo e fazer com que ele pare de me torrar a paciência? Algum meio de eu me controlar quando ele tem acessos de ignorância? Tem algum jeito de coloca-lo no seu devido lugar quando ele começa com essas brigas sem cabimento? Terminar seria a solução? Penso muito nisso, mas ainda não tive coragem. (postagem no Fórum do Bolsa, feito por uma jovem de 24 anos)

O fato de as rupturas serem mais temidas na esfera de subordinação dessas mulheres explica o desejo de manutenção da relação a qualquer preço. A cultura da conciliação, típica de determinados contextos, como pode ser o caso brasileiro, coloca o rompimento, a separação e a divergência sempre como algo ruim ou negativo, mesmo que a continuidade do namoro ou casamento represente sofrimento. Especificamente no tocante às dinâmicas de gênero, no interior das relações amorosas, alimenta-se, nos discursos do senso comum e que chegam a estar presentes nos órgãos de defesa da mulher contra, por exemplo, a violência doméstica, a ideia de que tentar a conciliação pode ser mais vantajoso para o casamento, para a manutenção da família e, principalmente, para o bem-estar dos filhos.

Soma-se a isto o contexto de dificuldade de manutenção e conquista do par amoroso entre as mulheres desse estrato da população, decorrente de um histórico de queda do ideal de constituição da família nuclear, bem como de escassez de parceiros. Embora eu trate disso nas conclusões do texto, vale a pena refletir sobre este ponto, principalmente no que diz respeito ao que constatei, ou seja, uma permanência da relação amorosa apesar dos problemas trazidos com ela. As frustrações decorrentes da

dificuldade de conquista do parceiro justificam o esforço de manutenção do namoro, quando ele acontece.

Concluo, após essas considerações, que a imagem da mulher maravilha – competente em exercer as mais diversas funções – aparece como chave para a manutenção de um relacionamento afetivo saudável, discurso este absorvido por minhas interlocutoras. Mesmo quando o assunto em pauta não são as relações amorosas, a mulher capaz de se desdobrar tem espaço de destaque nos diálogos estabelecidos. Certo dia, ao compartilhar no Facebook meu cansaço em relação às várias atividades a serem desenvolvidas na pós-graduação, somadas às responsabilidades com minha família e vida pessoal, uma de minhas interlocutoras comentou: *Querida, você é mulher, você consegue!*

Já os discursos de autonomia, principalmente emocional, tão ressaltados pelos livros de autoajuda e representados pela imagem da mulher poderosa desaparecem na prática cotidiana dentro da esfera amorosa das mulheres do site. E isto fica evidente quando elas buscam o *Bolsa de Mulher*, expondo sua vontade de manter o relacionamento, apesar dos diversos problemas trazidos com ele, que podem ser resumidos em conflitos constantes.

A demanda por adequação dessas mulheres, exposta pela plataforma do *Bolsa*, que encontra correspondente, muitas vezes, em suas falas e ações nas redes sociais, evidencia também um processo que liga as questões de classe e gênero, já tratadas neste texto, às dinâmicas organizadas em torno da raça e de processos de racialização.

As pesquisas que abordam o consumo da autoajuda, principalmente em países como os Estados Unidos, não nos permitem observar algumas particularidades desta prática no Brasil, especificamente no tocante às questões raciais, nas redes sociais da internet. Abordar a forma como estas mulheres de classe média baixa recorrem à rede no sentido de procurar orientação para os problemas enfrentados em seus relacionamentos amorosos e, a partir disso, desenvolvem uma série de comportamentos que as permitem transitar com maior facilidade em meio ao que é esperado delas enquanto mulheres, ou seja, que casem, que tenham filhos, que trabalhem fora, que

mantenham seus relacionamentos e que cuidem de seu corpo e aparência, aparece relacionado com o estímulo a uma estética branca. O discurso que deixa evidente, nas entrelinhas, a suposta capacidade do sujeito de realizar qualquer coisa consiste em um enunciado de classe média, branca, absorvido por minhas interlocutoras, embora não seja condizente com sua classe social e com os valores que as constituem como sujeitos.

As matérias lançadas pelo *Bolsa*, principalmente aquelas que apresentam dicas sobre beleza, maquiagem e moda, comumente exibem como referencial de estética feminina mulheres brancas, magras e de cabelos lisos ou alisados. É frequente a exposição de textos que apontam, por exemplo, como usar cores que realçam o tom da pele, que vêm acompanhados de uma série de fotos de mulheres famosas, brancas, o que deixa evidente, nas entrelinhas, que o único tom de pele que de fato merece destaque é o do corpo não negro.

Mesmo as reportagens que se colocam direcionadas a “ajudar” a mulher negra a entender sua pele, usando a maquiagem apropriada em meio a um mercado que ainda não dispõe de produtos para a pele e cabelos negros, acabam irrompendo na exposição de fotos de mulheres negras embranquecidas. Em recente conteúdo sobre como esconder espinhas na pele negra, a foto de chamada para a íntegra da matéria tratava de expor uma mulher com cabelos pretos nitidamente alisados e que se apresentava com um tom de pele quase branco.

Figura 6: Espinhas na pele negra



Também nas matérias que se dedicam a apontar como os cabelos enrolados estão em alta nos desfiles de moda, as mulheres usadas como referência são brancas e algumas tiveram seus cabelos enrolados artificialmente. Ou seja, nem a pele negra e nem o cabelo crespo fazem parte, nos discursos do *Bolsa*, de um padrão de beleza que deva ser desejável. Ser bonita, nos termos do site, é ser branca.

Como dado relevante de pesquisa, vale ressaltar que a ausência de negras nas matérias divulgadas no site não encontra correspondente em meio às usuárias. Grande parte das mulheres com as quais tive contato no decorrer desta pesquisa com o *Bolsa* é negra ou parda. Em seus perfis no site ou mesmo através da observação de suas fotos no Facebook notei um esforço, de algumas delas, de corresponder a este modelo de beleza exposto pelo *Bolsa*. Muitas alisam o cabelo com frequência e optam por apresentar como foto de perfil um retrato com o cabelo alisado. Pude presenciar a exposição de fotos do processo de alisamento dos fios com a divulgação de um “antes” e “depois” da química, no próprio Facebook, acompanhada de comentários diversos com elogios às novas madeixas.

Dentre as mulheres que mais se esforçam em corresponder a estes padrões hegemônicos de beleza, é comum também o uso de tinta para deixar os cabelos mais claros com a realização de mechas, ou as chamadas “luzes”, ou seja, usa-se toda forma de recursos que as afastem daquilo que as associe à estética negra. Ressalte-se que tal esforço pode estar diretamente marcado por um claro afastamento da própria posição de classe. Sabemos que se apresentar como negro ou negra em um país com marcas coloniais e com um passado escravocrata, como o caso brasileiro, é se apresentar também como membro integrante das camadas populares.

Dessa forma, existe por parte dessas mulheres um grande esforço por fazer frente à própria cor, enquanto algo que deve ser escondido ou maquiado através do alisamento do cabelo, da tintura, e da publicização de fotos embranquecidas, que realçam um ângulo do rosto ou um tipo de iluminação que deixa a pele mais branca. Essa conduta, embranquecedora por excelência, expõe uma recusa nítida a ser associada com uma estética que aproxime os sujeitos da pobreza ou de sua real posição de classe.

Estas reflexões servem também para problematizarmos os discursos celebrantes em torno da chamada nova Classe C, ou de acordo com Jesse Souza (2012), da classe batalhadora; especialmente aqueles com foco na ideia de que a ascensão deste grupo é responsável por impulsionar a economia do país, através de um novo *ethos* do trabalho e de novas condutas de vida, muito mais flexíveis. Verdadeiro ou falso, o consumo destes brasileiros, ou, no caso, destas brasileiras, embora possa de fato aumentar as cifras da economia nacional, está direcionado a um esforço de afastamento da própria classe que integram, que pode ser percebido com o desejo de embranquecimento em meio a suas ações cotidianas, especificamente aquelas direcionadas à estética e ao cuidado com o corpo e aparência. Em termos mais explícitos, longe de representar uma flexibilidade nas ações cotidianas, questionadora de modelos hegemônicos de gênero e questões de raça, as classes populares no Brasil se mostram, de certa forma, conservadoras destes mesmos valores e modelos.

Esta tentativa de aproximação de um significante de dominância, no caso, o branco ou a mulher branca, também consiste em uma dinâmica de racialização do próprio corpo branco, tido como ideal de beleza a ser alcançado, no entanto, claramente marcado pelo gênero, uma vez que é representado pelo corpo feminino, magro, sem pelos, delicado e com traços finos. Trata-se dessa forma, de um duplo processo de racialização do gênero e da generificação da raça, sendo gênero e raça categorias que se constroem mutuamente de acordo com o contexto. Nos termos de Avtar Brah:

É necessário, portanto, analisar o que nos constroem como, digamos, “mulher branca” ou “mulher negra”, como “homem branco” ou “homem negro”. Tal desconstrução é necessária se quisermos decifrar como e por que os significados dessas palavras mudam de simples descrições a categorias hierarquicamente organizadas em certas circunstâncias econômicas, políticas e culturais. (Brah, 2006:345)

Vale ressaltar também que existe um silêncio no discurso de minhas interlocutoras no que diz respeito às questões de raça. Enquanto está evidente na plataforma, nas matérias do site e mesmo no comportamento delas, não aparece em suas falas este esforço de aproximação a uma estética branca. Tanto nos diálogos sobre relacionamentos amorosos quanto naqueles em que se discutiam questões pessoais e profissionais, o fato de grande parte delas não ser branca não aparecia como dado impeditivo no tocante a conseguir e manter um namorado ou mesmo na busca por um emprego, o que pode evidenciar, dentre outras coisas, o fato de serem estes pressupostos racializadores mais naturalizados e, por isso, tidos como não existentes.

Por fim, mas não menos importante, no processo de adequação desses sujeitos às normas de gênero que lhes são dadas, consta, em suas práticas cotidianas e no site, uma inserção à matriz heterossexual na qual está posta uma inteligibilidade de gênero, ou seja, a manutenção de relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual, desejo (Butler, 2010) e, eu arriscaria dizer, condutas na esfera afetiva. Em outras palavras, tanto nos discursos dos livros quanto nos discursos do site, o que está exposto é o reforço de uma relação binária entre masculino e feminino como dois opostos assimétricos, sendo que a existência de um está estritamente ligada à manutenção do outro.

Das mulheres, de acordo com o que é debatido em diversos fóruns e com o que é exposto na plataforma, espera-se que cumpram com o pressuposto estabelecido, ou seja, o direcionamento de seu desejo ao sexo oposto, prática colocada como inquestionável, uma vez que não é passível de discussão e questionamento em nenhum espaço do site.

A partir do dado da heterossexualidade, exige-se da mulher o desenvolvimento de uma conduta afetiva e sexual específica calcada na ideia da “necessidade de se dar o valor”, com o intuito de manter a relação ou, mesmo no momento da conquista, de despertar o interesse do “homem ideal” através do equilíbrio, do desejo sexual contido e disfarçado e da passividade.

Em um fórum lançado no site em outubro de 2012, um dos homens do *Bolsa* expôs as seguintes observações sobre o comportamento feminino que considera inadequado para as mulheres em suas relações com os homens e, em seguida, apresentou em que medida elas deveriam “se valorizar”:

É impressionante a quantidade de tópicos nos quais uma mulher se submete a ser 'objeto' masculino... e o mais curioso é que estão sempre pedindo ajuda... "namoro homem casado", "ele ainda gosta da ex", "amante vai virar a principal", "ele mente pra mim" e diversos outros exemplos que vocês sabem bem melhor que eu. Se você se valoriza, é claro que só vai se envolver com alguém que também reconheça estes valores em você. Se você não o faz, passa a ser uma mulher para alguns momentos. Mulheres se desvalorizam quando correm atrás de homem, se subordinando a qualquer tipo de situação, aceitando qualquer coisa, sem serem nada seletivas. Um dia, você vai se perguntar porque seus relacionamentos nunca deram certo e a resposta será óbvia.

Junto a isso, Mário afirmou que para estas mulheres, as que “correm atrás de homem” e “não se valorizam”, a busca por ajuda no site ou através de outros meios, estaria justificada:

É óbvio que qualquer um que se contenta com uma vidinha assim, vai estar sempre precisando dessa ajuda, seja de amigos, família, terapeuta, líderes religiosos, conselheiros e até de fóruns na net (Bolsa, por exemplo).

As afirmações de Mário tiveram repercussão positiva no fórum, até o momento no qual o analisei e todas as mulheres que leram sua postagem e se dispuseram a comentar concordaram com suas colocações.

Eu acho que você está certo se a mulher não se banalizasse tanto poderia ter casamentos melhores! (Keyla)

Parabéns pelo tópico, Mário. E não se desculpe não, você falou o que muita gente anda precisando mesmo ouvir. (Nina)

Vou indicar esse tópico nos próximos pedidos de "ajuda" que com certeza ainda vão aparecer aqui! Parabéns Mário. (Mariana)

Graças a Deus não tenho esse tipo de problema sou muito feliz e muito bem tratada! Mas vemos que aqui tem mulheres com muitos problemas em relacionamento; costumo dizer para meu marido que cada mulher merece o marido ou namorado que tem porque teve a opção de escolher um homem de verdade, que goste dela de verdade ,que a trate como uma princesa e, mesmo assim, ficam escolhendo esses lixos que tem por ai. Quem sabe depois desse tópico essas mulheres aprendam a se valorizar um pouco mais. Como diz a nina: “melhor sozinha que mal acompanhada”. Parabéns pelo tópico! (Blackcat_SP)

Nas entrelinhas de seu discurso, bem como nos comentários das mulheres do site, está exposto, de forma binária e relacional, o tipo de comportamento esperado pelo oposto masculino da relação, qual seja o da atividade, no sentido de oposição à passividade feminina, especialmente na esfera das relações amorosas. Em outras palavras, aos homens seria permitido qualquer tipo de envolvimento afetivo e sexual, na medida em que, por exemplo, no caso de traição, exposta pelas frases citadas por Mário, que apontam para mulheres que namoram homens casados, a culpa para tal situação recai sobre o feminino. A “atividade” masculina também faz referência, neste contexto, à suposta necessidade de o homem tomar as rédeas da relação, pois nas afirmações que censuram as mulheres que “correm atrás de seus parceiros”, estabelece-se, por outro lado, a permissão masculina para tal trânsito.

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo. (Butler, 2010: 46)

A manutenção desta estrutura binária aparece também nos textos lançados na plataforma, escritos pelas pessoas que são responsáveis por manter o site ativo, como é o caso de Ney Mário Brasil do Amaral, médico, empresário e escritor, de acordo com o próprio *Bolsa*. Procurando maiores informações sobre Amaral observei que ele ministra palestras com conteúdo também voltado para público feminino de diversas faixas etárias, mas com foco principal na terceira idade. De acordo com anúncio de uma palestra ministrada no Rio de Janeiro, “cérebro, hormônios e a lógica feminina” são assuntos debatidos pelo profissional, sendo que o médico atribui as diferenças entre homens e mulheres como frutos de fisiologias diferentes, de diferenças genéticas, da composição e movimentação específicas de hormônios e de estruturas cerebrais não parecidas. Em seu blog também consta:

Esse ínfimo 1% que constitui a diferença entre machos e fêmeas é de tal forma importante que qualquer alteração na sua logística colocaria em risco a própria sobrevivência da espécie. Em resumo, estamos falando dos cromossomos sexuais, responsáveis por grande parte da bagunça afetiva que tomou conta do mundo contemporâneo.

O século XX foi marcado por inúmeros acontecimentos notáveis, mas nada que se compare ao resgate do feminino para um patamar de equivalência com o masculino. As mulheres são seres superiores em todos os aspectos e mudaram o rumo de sua

história tornando-se independentes do jugo masculino por méritos próprios. Em tese, essa nova realidade deveria tornar as coisas mais fáceis para todo o mundo, mas não é o que se vê por aí. As mulheres se queixam cada vez mais da falta de homens que entendam suas almas libertas, e os homens, da falta de mulheres que aceitem sua lógica machista sem muita argumentação. Na prática, os cromossomos não foram devidamente informados das mudanças e continuaram a trabalhar de forma metódica, induzindo as mulheres a gostar de homens que as carreguem no colo, como criaturas desprotegidas que não são mais, e os homens, a procurar por mulheres que cuidem deles como adolescentes rebeldes que nunca deixarão de ser.

Em nome do feminismo politicamente correto, talvez tenha chegada à hora de dar um basta nas maldades do par 23. O amor na sua forma hormonal parece ser uma página virada no mundo moderno e precisaria ser reinventado dentro de um viés mais equilibrado. E se a igualdade fosse mesmo para valer, faltaria ainda ajustar a morfologia das pelves, suprimindo ou incorporando detalhes anatômicos dentro da conveniência para que, finalmente, homens e mulheres pudessem esgrimir suas espadas de igual para igual. Com alguma sorte, as mudanças ficariam prontas nos próximos cinco ou oito milhões de anos, talvez um pouco menos, se o par 23 fosse devidamente informado e se dispusesse a colaborar com alguma sugestão.

É comum nos discursos de autoajuda, seja no site ou nos livros, o reforço da diferença entre homens e mulheres com base em desigualdades anatômicas, sexuais ou hormonais⁵⁴. E o trecho acima consiste em um exemplar de tal discurso, uma vez que reduz a suposta necessidade que teriam as mulheres de se sentirem protegidas ao genital e ao conjunto de DNA que acompanha a fisiologia feminina. Ou seja, por mais que as mulheres tenham ganhado espaço nos mais diversos âmbitos da vida, a manutenção da diferença biológica não permitiria o total avanço da igualdade, de acordo com este discurso. Como afirma Lauretis ao tratar das próprias limitações do

⁵⁴ Ver *Sexing the body*, de Donna Haraway.

pensamento feminista, se optamos por uma perspectiva que trabalha no limite da diferença sexual, não haveria absolutamente qualquer diferença e todas as mulheres seriam ou diferentes personificações de alguma essência arquetípica de mulher, ou personificações mais ou menos sofisticadas de uma feminilidade metafísico-discursiva. (Lauretis, 1994: 208)

Tal discurso generificante, com base em saberes especializados como a medicina e a biologia, é fruto de um contexto específico no qual impera o que Foucault chamaria de biopolítica (1976; 1997; 1999). A biopolítica enfatizava especialmente as noções de sexualidade, raça e degenerescência, cujo objetivo era a otimização da qualidade biológica das populações. Ela estava historicamente vinculada à constituição e ao fortalecimento do Estado Nacional, à consolidação do poder da burguesia, assim como à formação de um dispositivo médico-jurídico visando à medicalização e a normalização da sociedade (Ortega, 2010:31). No caso dos discursos do site, e mesmo dos livros de autoajuda, é interessante observar a mobilização de saberes da área de medicina e biologia na tentativa de explicar sucessos e fracassos no âmbito dos relacionamentos amorosos, atribuindo isto à biologia de homens e mulheres. Predicados sociais e situações de desigualdade ainda são constituídos, por estes discursos, enquanto fruto da matéria corporal.

A crítica de Butler a esta linearidade da produção binária dos gêneros pode ser usada também para pensar esta pesquisa, na medida em que entendo, ao contrário do doutor Ney, que o sexo não exige, necessariamente, um dado gênero, como construto social e cultural, como se houvesse um sexo biológico, anterior a este gênero inevitável, marcado pela fisiologia dos corpos.

O sexo é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. O fato de que esta reiteração seja necessária é um sinal de que a

materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória. (Butler, 2010:164)

Um claro exemplo de que a lei de materialização dos corpos nunca é completa e de que há sempre uma possibilidade aberta de rearticulações que rompem com essa inteligibilidade de gênero pode ser também encontrado no *Bolsa*. Luiz mora atualmente na Baixada Fluminense, tem 39 anos, é cristão protestante e professor de matemática. Apelidado de fadinha do *Bolsa* por conta de sua delicadeza expressa por ele próprio durante as conversas comigo e com as usuárias da plataforma, o carioca não traz em seu corpo as marcas de uma masculinidade de sucesso em termos dos padrões dominantes de um gênero rude, distanciado do feminino, não delicado.

Luiz me chamou a atenção nos primeiros dias de incursão etnográfica pelo site por diversos motivos. Primeiramente por conta de seu perfil fora do comum que me fazia ficar em dúvida sobre seu sexo e gênero. Criada em um contexto de gênero de certa forma conservador, eu percebia a necessidade de entender se Luiz era homem ou mulher. Em seu perfil constava sempre, como avatar, a imagem de uma mulher, especificamente de uma fada, acompanhada dos dizeres “nenhuma união vale o preço de minha liberdade”, frase que faz referência ao que diz ter aprendido com as relações amorosas que desenvolveu ao longo da vida. Segundo aspecto que sem dúvida me fez querer conversar com Luiz foram suas afirmações constantes sobre ser o feminista do site. Eu pensava em como podia, naquele espaço, haver alguém feminista.

As conversas mais íntimas que tive com Luiz começaram quando o adicionei no Facebook. Em certa ocasião, durante uma de nossas conversas, Luiz me relatou ter feito análise por muitos anos e fiquei curiosa em saber por quê. O usuário sugeriu-me

mandar seus relatos sobre o assunto por e-mail. Acredito que seria uma oportunidade de escrever sem as interrupções de minhas perguntas. Escrever um texto corrido se mostrou prazeroso pra ele, e quando eu respondia perguntando maiores detalhes, ele logo se prontificava detalhar seus relatos. Disse que desde o final da última terapia não falava com ninguém sobre estes assuntos. Mais uma vez, me senti do outro lado do divã. Antes de prosseguir na compreensão da forma como Luiz se posiciona frente ao ambiente do qual faz parte, o *Bolsa de Mulher*, como membro que permite problematizarmos noções estáticas de gênero, vale a pena retomar parte de sua narrativa exposta a mim, a qual o próprio usuário chamou de “minha terapêutica” na medida em que parte de seus relatos está focada em apresentar os anos que fez de terapia. Tal processo consistiu em um longo esforço de ressignificações em meio a tentativas de normalizações e adequações de seu desejo ao próprio sexo biológico, no entanto, exporei neste texto somente o que julgo central para a compreensão da posição de Luiz na dinâmica do *Bolsa*. Trata-se de uma caminhada bastante complexa que culminou também na utilização do site e que evidencia de que forma existe, ao longo da vida dos sujeitos, uma reiteração constante das leis de gênero no sentido de produção, neste caso, de um homem masculino.

Luiz começou as sessões de terapia aos 12 anos, quanto cursava a sexta série do Ensino Fundamental em um colégio militar do Rio de Janeiro. Seu pai atuava como militar, fato que explica sua presença neste espaço. De acordo com seus relatos, a indicação para a terapia decorreu da coordenação pedagógica da escola e a justificativa inicial se centrava em sua apatia perante a vida escolar, no não desenvolvimento de amizades masculinas, em sua aproximação constante das meninas da escola e em suas escolhas de leitura por contos de fada. A coordenação exigiu de Luiz um atestado psicológico para que pudesse continuar os estudos, apesar de suas notas serem altas.

De acordo com seus relatos foram vários os anos de terapia, que chegaram a atravessar toda sua adolescência. Em meio a eles, Luiz desenvolveu alguns relacionamentos afetivos, um deles com uma de suas amigas de infância, no entanto, não de forma espontânea. Luiz me relatou que um dos passos para ter alta na terapia

seria desenvolver uma relação amorosa, como parte de sua integração na vida adulta masculina, dessa forma acabou se submetendo a tal exigência devido à pressão da psicóloga e da família, somada à vontade de deixar as sessões do “tratamento”. Enquanto namorava, Luiz conheceu um rapaz durante seu curso de inglês, sua primeira amizade masculina, que segundo ele era “totalmente desprovida dos venenos” que cresceu vendo. Quando o conheceu, separou-se de sua namorada e colocou fim à terapia. Luiz afirma não saber explicitar que tipos de sentimentos eram aqueles desenvolvidos em relação ao amigo, sentimentos que não culminaram em nenhum contato sexual, mas que possibilitaram a permanência da amizade e da admiração, a ponto de afirmar várias vezes ter sido a relação mais sincera que conquistou ao longo da vida. Percebi no tom dos e-mails enviados a mim certo saudosismo de Luiz em relação àquele tempo e em relação à figura de Fernando. Luiz também me relatou parte de sua infância na Ilha do Governador, suas brincadeiras isoladas com as roupas e maquiagens da mãe e irmã, hábitos que voltariam em sua adolescência, após o término do primeiro namoro, com saídas na noite carioca, vestido de mulher. De acordo com seus relatos, o uso de vestimentas femininas fazia parte de um conto de fadas e não levou a nenhum contato sexual com homens. As saídas à noite durante o fim da adolescência o conduziram novamente à terapia, no entanto, psiquiátrica e com a manutenção de medicamentos. De acordo com o que me foi relatado, o grande rompimento com os anos de terapia malsucedida se deu quando Luiz decidiu parar de tomar os medicamentos. Neste período conheceu doutora Ivone, uma psicóloga que o incentivou na interrupção dos remédios e, em seguida, com a partida dela para o exterior, Luiz encontrou sua última terapeuta, doutora Rosinice, adepta do método Gestalt do cientista Wolfgang Köhler. Tal método ele afirma ter sido o mais vantajoso de todos os experimentados, uma vez que estava baseado no autoconhecimento e no descobrimento dos processos de identificação.

Em meio às retomadas e interrupções da terapia, Luiz manteve contato com Fernando e foi com ele para a Igreja, onde permaneceu atuando por três anos. De acordo com suas observações, a Igreja só teve boas colaborações em sua vida, pois o

incentivou a voltar a estudar com afinco a Bíblia, fato que o direcionou a outros estudos históricos, que mantém até hoje como hobby. Em 1996, o carioca interrompeu de vez as terapias, pois se mudou para a Baixada Fluminense, especificamente para Cabuçu, pequeno distrito de Nova Iguaçu. Lá o usuário afirmou passar por experiências que o distanciaram de seus problemas. Luiz atribui seu amadurecimento à vida neste lugar, onde mora até o momento de finalização deste trabalho:

Morando aqui no interior eu pude descobrir necessidades muito mais básicas do ser humano. São tantos problemas que essa gente nem tem tempo de ter crises pessoais [...] houve muito amadurecimento sim, mas não foi só devido a Rogéria e sim devido a esse lugar bucólico. Aqui aprendi que muitas reclamações da zona urbana perdem o sentido de ser.

Rogéria é a atual namorada de Luiz. Ele a conheceu durante um curso que ministrou a ela com vistas a prestar concurso público. Foram muitas as conversas nas quais Luiz reclamava de sua relação a mim, devido à rigidez com a qual era tratado, por seu comportamento distanciado do esperado pela namorada, que também envolvia sua aproximação com um suposto universo feminino. Em meio a uma busca no Google por fotos de bonecas Barbie, Luiz encontrou o *Bolsa de Mulher* e se interessou pela dinâmica dos fóruns de debate; disse-me que resolveu permanecer ali, pois encontrava suporte para os problemas enfrentados no relacionamento amoroso com Rogéria e em seu atual local de moradia. Quando mudou para a Baixada afirmou se sentir deslocado e a internet, meio que sempre usou para fazer pesquisas sobre assuntos que lhe interessavam, serviu também para conhecer pessoas e fazer cadastros em redes sociais, primeiro no Orkut e mais recentemente no *Bolsa* e no Facebook.

No *Bolsa* conheceu um grupo de cinco amigos que, de acordo com suas falas, lhe deu suporte nos problemas enfrentados na relação com a “namorada machista”, bem como o fez entender que suas reivindicações em relação à própria delicadeza, expressa em seu corpo, faziam “sentido para com o mundo moderno”.

A história de Luiz é bastante particular embora possa ser útil no sentido de compreendermos amplas questões de gênero, especificamente, de falhas corporais da reiteração de normas e de produção de sujeitos. Quando conheci Luiz pessoalmente, em meio a uma viagem ao Rio de Janeiro, tinha a impressão de estar frente a um homem tímido e sensível. Sua forma de sentar, seu tom de voz baixo, o jeito como olhava para as pessoas, sua maneira de se vestir, que incluía uma meia calça da qual se livrou rapidamente devido ao calor e uma bolsa feminina, mostravam como as convenções de gênero falham no sentido de conseguirem concretizar aquilo que nomeiam em um processo performativo.

As terapias às quais Luiz se submeteu, embora o usuário se esforce em dizer que se deram unicamente por conta de sua dispersão em relação às atividades escolares, apontam claramente para uma tentativa de enquadramento de seu gênero e prática sexual ao próprio sexo, que culminasse com sua composição enquanto homem, masculino e heterossexual. Tais reiterações de gênero, embora tenham tido sucesso no sentido de direcioná-lo a uma vida heterossexual, falharam no tocante à construção de seu corpo enquanto um corpo masculino. Luiz é delicado, não sei se como uma fada, mas está longe de corresponder aos padrões dominantes de uma corporalidade masculina, bruta e distanciada do feminino, o que evidencia as falhas destas reiterações.

No *Bolsa*, os efeitos deste não enquadramento total às normas de gênero geram certo desconforto por parte das usuárias em relação à figura de Luiz. Em muitas conversas ou mesmo em discussões em fóruns de debate, ficou clara nas entrelinhas dos discursos uma não compreensão do comportamento de Luiz, principalmente no tocante à forma como ele afirma se relacionar sexualmente com sua namorada, chamada por ele de “coelha”. A falta de inteligibilidade entre sexo, gênero, desejo e corporalidade gerou algumas interrogações sobre quem seria Luiz, qual seu tipo de problema, etc. Manifestações de carinho, que o aproximam do polo feminino da relação ou que o colocam em uma posição de submissão ou passividade, foram questionadas pelas usuárias com certa censura. Quando afirmou, diversas vezes, querer ser abraçado com

carinho durante o ato sexual, gerou polêmica devido à ausência de masculinidade que este desejo representaria, para alguém do sexo masculino.

Não questiono neste texto se o que me foi afirmado durante as conversas consiste em verdades ou mentiras, o que se trata de notar, neste caso, é que a performance *online*, tanto de Luiz quanto das demais usuárias que censuram sua suposta sensibilidade, esperada como parte somente de um universo feminino, mostra o que é aguardado desses sujeitos dentro das normas de gênero que os enquadram e os compõem enquanto sujeitos gendrados, especificamente no interior das classes populares no Brasil. Isto é, que na infância já demonstrem certo tipo de masculinidade agressiva e rude, que trabalhem desde muito cedo sendo os estudos algo complementar e não central ao processo de busca por ascensão, que a ideia de constituição de família atravesse o começo da vida adulta e não tarde a se realizar, todas exigências não correspondidas por Luiz.

A plataforma do *Bolsa*, com todo o seu aparato de matérias e manuais de conduta, bem como algumas falas das próprias usuárias, aponta para uma performatividade de reiterações de normas de gênero que estabelecem o que é esperado do polo masculino e do polo feminino da relação e que nomeiam e dão forma a essas práticas. Luiz é um exemplo de como tais normas podem ter sucesso por um lado e fracassar por outro, principalmente no tocante ao objetivo de construir um sujeito masculino. Sua corporalidade evidencia como todo este processo de permanências e rupturas é muito sutil. No caso do *Bolsa de Mulher*, a própria presença de homens no espaço exhibe-nos certa subversão, na medida em que nem sempre se passa, na plataforma, o que é esperado dela enquanto um lugar de sociabilidade unicamente feminino, como se propõe.

Tentei tornar evidente, até o momento, todo o aparato discursivo que permeia o *Bolsa de Mulher*, em meio ao qual os sujeitos estão inseridos e que são úteis no sentido de fornecer a eles uma série de instrumentos de adequação, tanto ao que é esperado de suas ações no tocante a padrões hegemônicos de gênero e sexualidade

quanto no que diz respeito a questões estéticas e de manutenção de uma postura que os afasta de sua posição de classe, aproximando-os de um corpo branco.

No entanto, como exercício de pesquisa, trata-se de notar não só as falhas na reiteração performativa de gênero e sexualidade, representada por Luiz. Vale a pena ressaltar, ainda dentro do objetivo de vasculhar a *Bolsa da mulher* com o intuito de entender todas as facetas que atravessam sua dinâmica, possíveis processos de ressignificações por parte das próprias usuárias, ao menos nos discursos, na forma como pensam suas relações amorosas.

Quando confronto os discursos produzidos pelo *Bolsa de Mulher* e pelos livros, com aquele resultante de diálogos com minhas interlocutoras de pesquisa noto que, muitas vezes, a dinâmica de reflexão em torno das diferenças de gênero caminha em um sentido oposto ao que foi exposto acima, quando apresentei o texto do doutor Ney, sobre um suposto embasamento das diferenças de gênero, em funções fisiológicas.

Não se trata de simples consumo intenso de discursos de autoajuda e de mera reprodução de produtos da Indústria Cultural, como diriam alguns frankfurtianos, trata-se de uma interessante dinâmica de reflexão onde pensar papéis de gênero é possível e desejável. As frases abaixo foram colhidas em conversas via MSN, com Tatiane e Liliane.

Tatiane tem 26 anos, é formada em Direito e trabalha em um escritório de advocacia. Namora há 4 anos e mora com os pais, apesar do desejo de “ter sua própria vida”. Tatiane me relatou observar o casamento como uma oportunidade de independência:

Lara diz: Você e seu namorado discutem às vezes como todo casal, como você me disse...

Você nota alguma diferença prática em vocês quando brigam...ou mesmo a forma como resolvem os problemas de vocês?

Tatiane diz: Eu sou bem mais compreensiva e ele bem mais agitado e nervoso. Pra eu resolver problemas de discussões tenho que pensar muito como agir, o que não acontece quando estamos bebendo, os dois ficam com os nervos a flor de pele...o que na

maioria das vezes causa rompimento. Nossos problemas mais sérios, na maioria das vezes, só se resolvem depois de uma briga e um rompimento momentâneo. Onde ele sente minha falta e reflete melhor sobre o que aconteceu, aí conversamos, e como ele gosta muito de mim e tem medo de me perder ele também cede um pouco. Fora isso, pra eu resolver qualquer problema, tenho que ser muito cautelosa e inteligente, pra contornar as situações, para que possamos ficar bem

Lara diz: ele então é mais cabeça dura? Quem pensa mais é você? Ou ambos refletem bastante sobre a relação?

Tatiane diz: ele é mais cabeça dura, bem mais... só reflete quando vê a possibilidade de me perder...aí fica com medo e para pra pensar.

Lara diz: e por que você acha que tendemos a ser diferentes deles, nesse aspecto?

Tatiane diz: eu acho que é por que homens não nasceram pra pensar muito, desde novos eles são educados pra serem práticos e resolverem as situações de imediato, sem ser sentimentalista. Por exemplo, quando um menino pequeno cai de bicicleta, na maioria das vezes, os pais falam "levanta, tenta novamente você é homem, não doe nada". Já se a situação é com uma menina, os pais correm e perguntam se ela ta bem, se se machucou, pegam no colo, dizem q vai passar. Os pais em sua maioria já educam os meninos pra serem duros e práticos e as meninas como peças frágeis, o que as tornam mais sentimentais...bom, esse é meu ponto de vista.

Liliane tem 29 anos, trabalha como assistente administrativo em um escritório de advocacia empresarial e interrompeu o curso de Recursos Humanos na PUC de Minas Gerais devido à falta de dinheiro para manter os estudos. Soma-se a isto o excesso de atividades desenvolvidas por ela como trabalho em tempo integral, faculdade no período noturno e outros serviços aos fins de semana, que a impediram de se dedicar à faculdade. Leila namorou por muitos anos, mas atualmente está solteira em busca de

uma relação que seja duradoura e que não a faça cometer o mesmo erro do namoro anterior, quando ela disse ter se anulado em prol da relação.

Lara diz: você concorda que existem diferenças no comportamento de homens e mulheres em uma relação amorosa?

Leila diz: engraçado, ontem assisti aquele filme brasileiro Pequeno Dicionário Amoroso e hoje cedo estava conversando com um amigo sobre isso, e o que comentei em um tópico do Bolsa sobre esse assunto. Tenho meio que preguiça de certas coisas que as pessoas apontam em relacionamentos amorosos, do tipo: o homem é o culpado, a rotina, acomodação e tal. Os gêneros realmente se comportam diferente, mas isso é provocado por uma má educação q temos ao longo da vida, assim percebo eu, porque se não existisse a guerra dos sexos e cada um “egoistamente” querer ter a razão sobre a sua razão, evitaria, pra mim, uns 70% de problemas

Lara diz: e você já estava algum problema ou desentendimento em relacionamentos, que apontam pra essa má educação?

Leila diz: claro...quando namorei eu ã enxerguei assim, eu vivi a ignorância, sem saber lidar com a situação, permiti que o outro definisse o relacionamento e afundou, e depois de longos anos após o termino, entendi um monte de coisas. O que pequei na relação, o que provoquei de atitudes, essas coisas...a medida que passava o tempo, eu fui reavaliando as coisas, as ações e reações de tudo, tenho isso pra mim sabe [...] e até hoje avalio situações em que aconselho dessa maneira, olhando o lado de ambos e a postura de cada um, o que levou as consequências.

Lara diz: e que tipo de atitude você acha que tomou errado?

Leila diz: eu ter me anulado.

Enquanto existe um apelo por justificar diferenças culturais com discursos biologizantes, por parte do blog citado, as usuárias refletem sobre seus relacionamentos como resultados de relações sociais mantenedoras de desigualdades de gênero. Apesar de a primeira usuária apontar, inicialmente, para um discurso com justificativas

biológicas - *eu acho que é por que homens não nasceram pra pensar muito* – em seguida, apresenta uma frutífera discussão sobre a forma como considera que tais diferenças são construídas, fruto da forma como os sujeitos são educados. A todo o momento em que estive em diálogo com minhas interlocutoras, a justificação da diferença pelo discurso biológico aparece caminhando *pari passu* com aquele que a apresenta como resultado de relações sociais e de poder.

A diferença entre a forma como são expostos os discursos de gênero na plataforma ou através dos livros de autoajuda e a maneira como eles são articulados pelas usuárias e usuários permite uma frutífera discussão em torno das noções de subjetividade e identidade. Notei, no decorrer das conversas estabelecidas, que a fixidez dos discursos da plataforma não encontra, necessariamente, correspondente naquele proferido por quem acessa tais conteúdos, vide a história de Luiz e as reflexões de minhas interlocutoras sobre seus relacionamentos. “A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito em processo ganha significado” (Brah, 2006: 371). No entanto, “enquanto as identidades pessoais sempre se articulam com a experiência coletiva de um grupo, a especificidade da experiência de vida de uma pessoa, esboçada nas minúcias diárias de relações sociais vividas, produz trajetórias que não simplesmente espelham a experiência do grupo” (Brah, 2006: 371).

Dessa forma, por mais que os livros consumidos e a plataforma do site se esforcem em expor, com base em discursos biologizantes, fixas identidades de gênero, perante os grupos que ali se formam e que consomem estes materiais, a discussão sobre a forma com que as mulheres pensam esses papéis e os exercitam em seu dia a dia evidencia contradições e instabilidades da subjetividade e da forma como estes sujeitos se relacionam e pensam o ambiente que os rodeia. Isto posto, trata-se de pensarmos que os processos de formação da subjetividade não são meramente sociais, mas também individuais.

A dinâmica de gênero também evidencia a forma como as pessoas de minha amostra usam as mídias digitais e dentre os principais pontos de aprendizado que obtive

em minha pesquisa, relacionados ao trabalho de campo, certamente o central está em ser capaz de observar como os sujeitos são perspicazes na compreensão da dinâmica na qual estão inseridos, em determinada realidade social. De uma forma simples, direta e coerente, uma de minhas usuárias expôs, no formato de figura, a frase “*Quando uma mulher sofre em silencio é porque ela está sem internet*”, faceta da dinâmica do site, a qual aos poucos eu ia descobrindo e entendendo, de acordo com o caminhar de muitos meses de pesquisa.

No grupo do Facebook, as mulheres se mantinham conectadas o dia todo e falavam de problemas pessoais, de confusões do site, de seus relacionamentos amorosos, faziam brincadeiras e piadas, enquanto os homens, por mais que estivessem *online* no MSN ou mesmo no Facebook, não postavam coisas desse tipo. Marcos, um dos homens do grupo, apesar de ter me relatado muitos de seus problemas com o casamento, postava somente vídeos de música para as chamadas “amigas” do site. O usuário contou-me ter um escritório de contabilidade, o que facilita o acesso constante à internet; certa vez disse-me que se quisesse contatá-lo deveria mandar um e-mail, que ele logo entraria no MSN, o que aponta sua frequência na rede, apesar das postagens restritas, bem como para seu desejo de não expor sua vida privada ao grupo, ficando ausente dos debates, o que pode evidenciar uma resistência por parte dos homens, heterossexuais, ao processo de performatização da intimidade, nos termos de Illouz (2011), nos meios *online*.

Guilherme, outro bolsólatra, mantinha constância no bate-papo do grupo, todos os dias, durante a pausa para seu horário de almoço no trabalho e, mesmo assim, não conversava com ninguém. A maneira como as mulheres usam a rede aponta para o tipo de relação que elas mantêm com o grupo que integram, como sendo mais intensa no sentido de mobilizarem constante atenção a ele, numa também constante troca de mensagens. Acredito que este importante dado de campo aponta para sociabilidade mais intensa entre as mulheres do que entre os homens, ao menos no universo dessa pesquisa. O discurso de autoajuda, que quando penetra a rede se transforma em práticas de ajuda mútua, cria uma espécie de *sisterhood*, ou seja, uma sociabilidade

entre mulheres, similar à camaradagem masculina, que não existe no ambiente *offline* das moças do *Bolsa* ou que existe de maneira pouco intensa.

Vale dizer também que em um site e em um grupo direcionados claramente às mulheres – o que fica evidente tanto em seus títulos quanto em suas matérias e anúncios – aos homens caberia uma atitude de maior observação do que de fala e, nesse sentido, fazendo um trocadilho com o que afirmam muitas usuárias, em *Bolsa de Mulher* não cabe tanta coisa assim. Tal fato ressalta a possível falta de diálogo entre dois mundos que, de acordo com estes discursos e práticas, são opostos e não dialógicos, como já apontado na análise dos enunciados do site.

Embora as redes sociais se apresentem como reconfortantes frente à sociabilidade restrita fora da internet, concordo com o que afirma a pesquisadora Sherry Turkle sobre tal sentimento ser, em grande medida, aparente: “as declarações *online* podem não ser verdadeiras, mas são suficientes para que aquele que escreveu se sinta aliviado e para que os leitores se sintam parte de uma comunidade” (Turkle, 2011:208).

No entanto, a autora se esquece de como os marcadores de gênero influenciam esta dinâmica fazendo com que mulheres e homens se relacionem de formas diferentes com as plataformas virtuais, sendo elas, ao menos no ambiente desta pesquisa, aquelas que mais interagem, de forma a expor suas vidas pessoais em uma dinâmica mais intensa no que diz respeito às questões emocionais.

O fato de as mulheres do *Bolsa* falarem de si e de seus problemas não significa que estejam constituindo umas com as outras um verdadeiro e duradouro laço de comunidade. Embora o investimento emocional em espaços desse tipo seja grande entre as mulheres, é característico das relações em rede a entrada e saída dos ambientes virtuais e um trânsito que permite romper rapidamente com os laços construídos.

Ainda de acordo com a pesquisa de Turkle, ao contrário das relações estabelecidas fora da internet, as confissões *online* não fazem a pessoa estabelecer diálogo com aqueles que a prejudicariam, nem mesmo tentar fazer as pazes após um desentendimento. Nas comunidades *offline*, as pessoas são obrigadas a se relacionarem umas com as outras apesar das diferenças, enquanto na rede, com sua dinâmica

caracterizada pela construção de relações mais flexíveis, é possível escolher, tanto com quem se constituirá laços de qualquer tipo, optando a hora e o momento de fazê-lo, quanto deletar e excluir uma pessoa indesejada do seu círculo de “amigos”. Ou seja, pode-se evitar entrar no *Bolsa de Mulher* para ver as duras respostas de outras pessoas àquele seu problema com o marido, com o chefe ou com a família, no entanto, é certo de que terá que lidar com as opiniões de vizinhos e vizinhas sobre seu dia a dia, no bairro onde mora. Constatei o mesmo em minha pesquisa, quando ouvi de uma das usuárias sua preferência pelas amigas do site, frente àquelas de seu cotidiano de trabalho e pessoal. Segundo ela, as primeiras não se intrometiam em sua vida, o que abria espaço para eleger o que falar e mostrar para as “amigas” bolsólatras, no momento que julgasse mais adequado.

O *Bolsa de Mulher* é carregado de exemplos como este, que situam a internet como um espaço regido por regras de convívio distintas daquelas do face a face. Vi muitas postagens relativas à decisão de usuárias e usuários de deixar o site por conta de não concordarem com a atual dinâmica dele, nem mesmo com as opiniões de muitas pessoas que ali interagem:

Às vezes quero sair do Bolsa, por causa destes homens, não sei o eles vem buscar no site. Desculpa a sinceridade, eles ofendem as mulheres. Tomo cada susto quando recebo convite, penso que é mulher e é um homem. Por exemplo, quando adicionei a fadinha, pensei que era uma mulher, depois que li o perfil, percebi que ele é homem. Pense no susto, quando ele ligou pra mim a primeira vez. (Jussara)

A mesma usuária continua, ao falar de um dos homens do *Bolsa* e de sua conduta de constantes questionamentos em meio as postagens no site: *ele (Everton) é muito crítico nos fóruns, não gosto muito dele (Jussara)*. Ou seja, o fato de haver no site pessoas com pontos de vista divergentes pode se tornar um problema e gerar conflitos que culminam, muitas vezes, não no diálogo e no entendimento, mas na desistência de participação ou na manutenção de um longo período distante do site. Tal atitude, de

afastamento do espaço *online*, consiste em um resultado das próprias regras do convívio por meio das mídias digitais, ferramentas que permitem criar microcosmos a partir dos próprios valores pessoais dos sujeitos. Dito de outra forma, se o sujeito não encontra, no site, o que era buscado previamente, a partir de sua bagagem sociocultural, é possível sair do espaço ou excluir pessoas, atitudes comuns e totalmente aceitas do processo de sociabilidade em rede.

Também é comum a simples atitude de diminuir o acesso à plataforma e as discussões do grupo com a justificativa de ter coisas mais importantes a fazer no dia a dia:

Passo por aqui para justificar minha ausência, de repente sentida por alguns e mal notada por outros. Preciso dar um tempo de redes sociais, e isso com urgência. Quem me conhece sabe o quanto fui relutante a me cadastrar no Facebook, o fiz com o intuito de manter contato quase que 'tête-à-tête' com vocês, não nego é uma delícia, mas vicia um 'bocadinho', e assim acaba me prejudicando. Preciso me dedicar única e exclusivamente aos estudos, fato que sempre ocorreu, mas o tempo que antes usava para isso (as madrugadas) agora é ocupado ativamente com o namorado (não estou reclamando), dessa forma, o tempo disponível tornou-se escasso. A princípio pensei em excluir face e Bolsa, mas limitaria demais o contato ficando apenas com MSN, assim, deixarei 'ativo na moita' e sempre que for possível e objetivando uma "desestressada" básica regada a risadas e 'fofocas' passarei por aqui. (Milena).

A própria dinâmica de funcionamento do grupo do *Bolsa*, criado no Facebook, evidencia a necessidade de utilizarmos outra maneira de pensar os laços virtuais que não pelo conceito de comunidade, usado para caracterizar relações face a face, com proximidade física, preocupações compartilhadas e responsabilidades comuns (Turkle, 2011): para adentrar o grupo, as pessoas devem passar pelo processo de votação de quem o integra com o intuito de não causar conflitos com a inclusão de um membro indesejado e tal membro é definido a partir da relação que as pessoas alimentam,

anteriormente, no *Bolsa de Mulher*. Ou seja, no site, qualquer pessoa pode entrar e não há controle rigoroso, por parte da produção, sobre o conteúdo postado e discutido ali, já o grupo criado no Facebook é fechado e formado por um grande grupo de usuárias e usuários do site.

Até o momento, pude notar que os membros inoportunos para o grupo são aqueles que possuem mais de um perfil no site e que manipulam situações nos fóruns, os que discutem e não concordam com aqueles que integram o grupo, além dos que falam constantemente em sexo. O descontentamento com as falas sobre sexo pode evidenciar os limites morais de um grupo composto majoritariamente por mulheres casadas ou compromissadas, mães e donas de casa, funções consideradas, nos discursos dominantes, como o oposto daquelas de mulheres com vida sexual ativa.

Dessa forma, a internet se mostrou um espaço que nos permite questionar ou repensar o conceito de comunidade; não realizarei isso aqui, embora possa fazê-lo em pesquisas futuras. E longe de ser um ambiente neutro, livre de conflitos e de marcadores da diferença, a rede se mostrou atravessada por eles, principalmente no tocante à discussão de gênero, sexualidade, raça, todos marcadores fundamentais para os objetivos desta pesquisa, o de compreender as dinâmicas de ajuda mútua em rede, bem como as subjetividades envolvidas neste processo.

Sessão IV - a Bolsa de dinheiro: Capitalismo em ambientes virtuais de ajuda mútua

Demorei um pouco a entender todos os aspectos e etapas de produção de um site como o *Bolsa de Mulher*, talvez por simples ingenuidade, uma vez que as próprias usuárias compreendem e resumem muito bem sua dinâmica – “*a gente dá muito dinheiro pra elas*”, disse-me Joice, ao reclamar da produção do site que, segunda ela, nada faz para manter a qualidade do espaço, evitando as falhas de carregamento da página e os problemas com os chamados perfis *fakes*, bem como com a falta de privacidade da plataforma, etc. O *Bolsa* é uma rede social que apresenta como missão “fazer a vida das mulheres mais fácil e mais feliz. Nós precisamos sempre ouvir suas vontades e entender suas necessidades, para então oferecer uma solução”⁵⁵. A frase mostra que se trata de um site claramente voltado para o público feminino, público este que, de acordo com esse discurso, necessita de respostas para seus problemas. E dar estas respostas é algo bastante lucrativo, como mostrarei adiante.

Segue abaixo a apresentação que consta no site em relação à empresa responsável pelo *Bolsa*:

Controlado pela Ideiasnet – única empresa de venture capital⁵⁶ listada na Bovespa –, o Bolsa de Mulher é o maior grupo de mídia digital feminina da América Latina. Líder do segmento no Brasil (fonte: IBOPE NetRatings) e com presença na Argentina, no Chile e no México, o grupo é detentor de 16 propriedades, que juntas somam 9,5 milhões de

⁵⁵ <http://www.bolsademulher.com/quem-somos>

⁵⁶ Procurando o que significa ser uma empresa *venture capital*, achei em um site do governo (http://www.venturecapital.gov.br/fm/cadastro_empresarios.asp) a definição mais simples: O capital de risco ou *venture capital* é um tipo de investimento privado, através do qual se compra participação societária em empresas que apresentem possibilidades de crescimento exponencial. Os investidores participam diretamente dos riscos e da alavancagem do negócio, agregando valor ainda através de orientação administrativa, comercial e financeira. Após o ciclo de expansão da empresa, o investidor se desfaz de sua participação no negócio, vendendo-a a outros investidores ou empresas.

usuárias cadastradas e 14 milhões de visitantes únicos por mês, o que representa aproximadamente 30% de todas as mulheres online no país. Nos últimos três anos, o Bolsa de Mulher apresentou um CAGR⁵⁷ de receita líquida de 363%, muito superior ao crescimento da sua principal fonte de receita – a publicidade digital – no país. De um simples portal feminino, tornou-se o maior grupo de comunicação feminina multiplataforma da América Latina. Mais de 250 grandes marcas passam pelos nossos portais todo ano. Elas estão no Bolsa de Mulher.

Não posso afirmar com convicção tamanho lucro do site. Tentei estabelecer contato com pessoas da produção, mas não obtive resposta. No entanto, ao observar com afincamento a plataforma pude notar a dinâmica de patrocinadores do espaço e, certo dia, procurando maiores informações sobre sua manutenção, seus lucros e investidores, encontrei um link⁵⁸ explicativo sobre como anunciar no *Bolsa*, que apontava também para os supostos aspectos positivos de fazê-lo. Deter-me-ei em alguns desses pontos, pois acredito ser fundamental dar atenção a como o site se apresenta para seus futuros anunciantes, tanto para compreender as relações econômicas que ali estão colocadas bem como para entender como e de que forma as mulheres são expostas como um público promissor no sentido do consumo massivo de produtos dos mais variados.

O primeiro gráfico destrincha o suposto público do *Bolsa*: nossas usuárias são modernas e independentes, buscam sucesso profissional, estão preocupadas com corpo e beleza, são ligadas à família, possuem ensino superior (75 % delas) e são da classe A e B. Em seguida surge uma tabela com números percentuais dos perfis etários e geográficos das mulheres que usam o site: São Paulo, de acordo com o gráfico, é o estado com maior número de usuárias, seguido do Rio de Janeiro e do estado de Minas Gerais. Quanto à idade, a maioria das mulheres tem de 21 a 35 anos.

⁵⁷ A Sigla CAGR significa Compound Annual Growth Rate, que pode ser traduzida para o português como Taxa de Crescimento Anual.

⁵⁸ As imagens que mostrarei nesta etapa do trabalho foram tiradas deste link: <http://www.Bolsademulher.com/anuncie/>, direcionado aos futuros anunciantes e patrocinadores do site.

Figura 7: gráfico de audiência



O grupo de pessoas ao qual tive acesso mostra-nos algo menos homogêneo no tocante à utilização da plataforma. Não são somente as mulheres que se utilizam do espaço, nele encontramos um significativo público masculino e homossexual, que movimenta o *Bolsa*, publicando diariamente nos fóruns e diários e que não é contabilizado ou que é colocado sob o rótulo “mulheres”. Também é grande, como já foi dito no capítulo II, o número de pessoas de classe média baixa, que exerce atividade remunerada na área de auxílio administrativo e secretariado, bem como de mulheres que não são tão independentes como mostra a chamada: existem na plataforma muitas donas de casa, mulheres que optaram por deixar o trabalho para cuidar dos filhos ou que passaram por algum tipo de problema, como acidentes ou doenças e, por isso, tiveram que se afastar da profissão, fatos que intensificam o uso da internet. O site

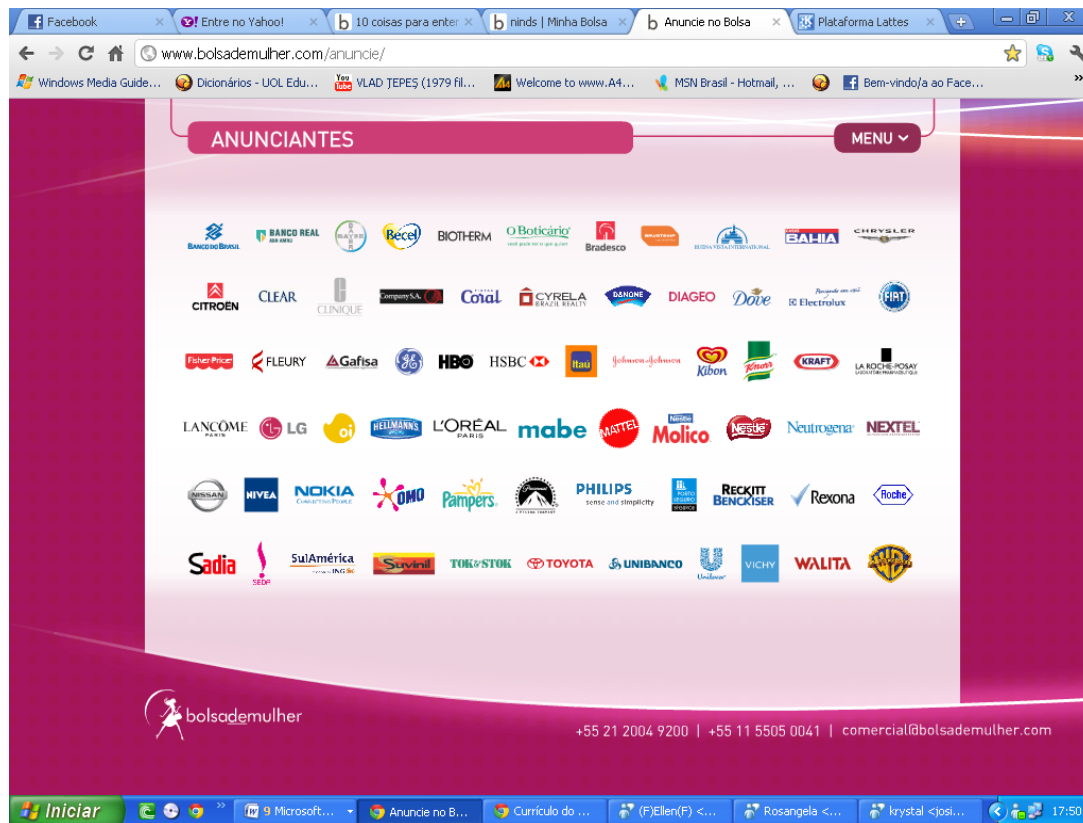
também possui a presença considerável de jovens que embora tenham feito curso superior e exerçam atividade remunerada, ainda não têm condições de sair da casa dos pais, devido ao baixo salário. Além disso, uma grande parte das pessoas que compõem minha amostra de pesquisa não é de São Paulo, e sim do estado do Rio de Janeiro, especificamente da baixada fluminense, de Minas Gerais e do Nordeste e Norte do país.

Vale ressaltar que o público desta pesquisa consiste em uma pequena parte do todo que compõe o site, muito embora seja representativo do perfil de usuárias e usuários, bem como da dinâmica do espaço. Não realizei nenhuma pesquisa quantitativa que tornasse possível fazer frente aos dados expostos nos gráficos e divulgados no site e, dessa forma, falo a partir de conversas que tive com um pequeno universo de usuárias e usuários, bem como de uma perspectiva qualitativa de análise.

Dentre os produtos oferecidos pelo site, alguns são gratuitos, como por exemplo, o acesso ao *Bolsa TV* onde é possível ver vídeos sobre os mais variados assuntos – gourmet, moda, casa e família, amor e sexo, etc – e a Universidade Feminina, que disponibiliza cursos de finanças, gastronomia, moda, beleza, fotografia, decoração e relacionamentos, patrocinados e definidos juntamente com o anunciante. No entanto, outros são pagos, como é o caso do Estrela Guia, que para consumir na íntegra os produtos, a usuária necessita pagar uma taxa de R\$44,70 por uma assinatura de três meses. De acordo com a propaganda do site, com o Estrela Guia a pessoa teria acesso a “astrologia, ao autoconhecimento e ao esoterismo”, que a ajudaria a “buscar a resposta para as questões mais relevantes de sua vida”.

Em seguida, o arquivo expõe um quadro com todos os anunciantes do site, que certamente atuam também no patrocínio.

Figura 8: Anunciantes/Patrocinadores



E em uma matéria lançada no site <http://www.mundodomarketing.com.br> consta que Bradesco, O Globo e Unilever estão entre os patrocínios principais recebidos pelo *Bolsa*. No mesmo texto inclui-se que a demanda para anunciar no site tem sido tão grande que, no Dia Internacional da Mulher, várias empresas acabam ficando de fora. Ao todo, contabilizei em torno de 70 anunciantes/patrocinadores de empresas variadas que vão desde fabricantes de produtos de beleza até instituições bancárias, indústrias automobilísticas e alimentícias. Todas as empresas que anunciam/patrocinam o site são empresas de grande porte e, apesar de não ter os dados, julgo que o montante de verba cedido no processo é grande. Dentre os bancos nacionais de maior relevância no mercado financeiro, o único que não consta na lista de patrocinadores é o Santander; dentre as empresas de celular, duas delas contribuem com o site; dentre as marcas de produtos de beleza, estão as mais populares do país e também as que mais vendem

como, por exemplo, Nível, L'Oréal, Dove, O Boticário, Seda; existe também em meio aos anunciantes, empresas de caráter mais sofisticado no que toca à produção de tais produtos, sendo que algumas delas são estrangeiras, como Lancôme e La Roche-Posay, ambas empresas francesas; as marcas do setor alimentício também estão em peso nos anúncios do site e todas são conhecidas em âmbito nacional, são elas Nestlé, Hellmann's, Kibon, Danone, Knorr e Molico.

Adiante, para confirmar a lucratividade de se investir no público feminino, é lançada uma série de dados retirados da Harvard Business Review, do ano de 2009, que aponta para o consumo anual das mulheres do mundo: elas gastam anualmente 20 trilhões em compras e devem gastar 28 trilhões em cinco anos. Encontrei a matéria⁵⁹ usada pela produção do *Bolsa* em que é exposta a necessidade de o mercado se focar em produtos específicos, produzidos somente para as mulheres. A delimitação de uma identidade feminina bem estabelecida, como sendo aquela representada pela “mulher maravilha”, capaz de desenvolver um inúmero conjunto de atividades como trabalhar fora, se dedicar aos negócios e ainda ter tempo para cuidar do corpo e da família, garante a elaboração de nichos lucrativos de mercado, basta a empresa ter olhos atentos para o que esse público promissor deseja, é o que está apresentado nas entrelinhas destes textos e imagens direcionados aos patrocinadores. Para isso, as indústrias não poderiam cometer o equívoco de expor somente papéis tradicionais de gênero:

As empresas continuam a oferecer as mulheres, produtos e serviços mal concebidos e narrativas de marketing desatualizadas que promovem estereótipos femininos. Olhe para a indústria automotiva; os carros são projetados para a velocidade e não para ter utilidade, que é o que realmente importa para as mulheres. Ou considere um anúncio recente das toalhas de papel Bounty, em que o marido e filho ficam assistindo a um derramamento atravessar a sala, até que a mãe vem e alegremente limpa a bagunça.⁶⁰

⁵⁹ <http://hbr.org/2009/09/the-female-economy/ar/1>

⁶⁰ Tradução livre: Companies continue to offer them poorly conceived products and services and outdated marketing narratives that promote female stereotypes. Look at the automotive industry. Cars are designed

Este trecho, apesar de criticar a promoção de “estereótipos femininos” por parte das empresas, aponta que as mulheres continuam querendo produtos diferenciados por estarem mais atentas a utilidade das mercadorias que adquirem. Ou seja, reproduz-se a ideia de que, no caso das indústrias automobilísticas, a velocidade e potência estariam ligadas ao universo masculino e a utilidade ao feminino.

Seguindo a propaganda do site destinada aos investidores, o arquivo aponta dados sobre o uso da internet pelas mulheres. A fonte dos dados apontados é o site do grupo Sophia Mind, empresa de pesquisa de mercado vinculada ao próprio *Bolsa de Mulher*. Em link⁶¹ para a íntegra da pesquisa realizada consta que “foram feitas 1120 entrevistas por meio de questionário *online*, entre os meses de setembro e outubro de 2009, com mulheres entre 15 e 60 anos, de todas as regiões brasileiras. A pesquisa dividiu a Internet em três categorias: e-mail, websites e redes sociais/blogs. A televisão também foi dividida em duas categorias: TV aberta e TV paga”. Constatou-se que “somando o tempo total de Internet, a dedicação das mulheres é de 39 horas semanais”, sendo que as redes sociais, como o *Bolsa*, são utilizadas pelas mais jovens. Finalizando a matéria, apontam que a publicidade da internet atinge as mulheres quase da mesma forma que a televisão e que a procura de produtos para consumo aparece como segundo tópico na lista de motivos que levam as mulheres a usar a rede, sendo o primeiro, o contato com a família e os amigos. Este trecho encerra a exposição que persuade o patrocinador a investir em um espaço *online* voltado para o público feminino. As mulheres, estes seres considerados “sensíveis, otimistas e solidários”,

for speed—not utility, which is what really matters to women. Or consider a recent ad for Bounty paper towels, in which a husband and son stand by watching a spill cross the room, until Mom comes along and cheerfully cleans up the mess.

⁶¹ <http://www.sophiamind.com/pesquisas/consumo-de-midia-pesquisas/internet-e-a-midia-com-maior-tempo-de-uso-entre-as-mulheres/>

termos usados pelo próprio site na definição de sua atitude frente a este público⁶², aparecem como sujeitos passíveis de exercerem duas funções nesta rede social: expor seus problemas e necessidades, bem como consumir os produtos ali expostos.

Pelo que pude observar ao encontrar matérias *online* sobre o grupo responsável pelo *Bolsa*, os dados de lucratividade parecem que só tendem a aumentar. Em notícia publicada no site da Revista Exame, da Editora Abril⁶³, consta que após fusão do *Bolsa de Mulher* com a e-Mídia, companhia detentora dos sites Vila Mulher, Cyber Cook e Cyber Diet, espera-se um aumento da audiência do site em 40%, bem como a elevação de seu faturamento para 40 milhões de reais até o ano de 2013.

Os números de aumento de anunciantes e investidores do site e a elevação da porcentagem de lucratividade se devem, ao contrário do que eu ingenuamente imaginava, à atuação de uma mulher na gerência do *Bolsa*. Anotei em meu caderno de campo, antes de encontrar informações sobre quem estava no controle do site, que tamanho foco no público feminino, de maneira bastante conservadora, limitada e que resumia um suposto universo das mulheres a uma série de fatores emocionais, incluindo produtos, deveria vir de um homem ou de uma equipe formada majoritariamente por eles. No entanto, eu havia me enganado.

“Aos 15 anos, em vez de festa ou viagem para a Disney de aniversário, pedi a meus pais um computador, uma impressora colorida e um escâner, que, na época, em 1994, valia o mesmo que um carro popular. Com o brinquedinho em minhas mãos, o colégio onde eu estudava ganhou o primeiro jornal, em formato tabloide, editado e diagramado. Detalhe: o jornal virou revista em quatro cores. Nem bem eu fazia 18 anos

⁶² No espaço “nossas atitudes” consta: sensibilidade, otimismo e solidariedade. Essas são características que definem a mulher e por isso todas as nossas estratégias, produtos e ações de marketing. Nós trabalhamos por um mundo melhor e mais feminino: muito mais sensível, otimista e solidário.

⁶³<http://exame.abril.com.br/pme/startups/noticias/Bolsa-de-mulher-une-se-a-e-midia-criando-grupomulher-com>

e já estava prestando serviços em agências de publicidade, fazendo arte de anúncios e diagramações. Com o dinheiro entrando, investi em equipamentos e todas as novidades eletrônicas”. Andiara Petterle

Aos 15 anos, Andiara Petterle, a mulher responsável por transformar o *Bolsa de Mulher* no que ele é hoje, descobria seu “espírito empreendedor”. Em matéria lançada pelo portal Itodas⁶⁴ intitulada *A Rainha das Mídias Digitais no Brasil*, consta um resumo de sua carreira profissional:

Nascida em Alegrete (RS), filha de pai fotógrafo da National Geographic e mãe estilista, Andiara Petterle, 30 anos, amante da liberdade e da produção intelectual, vem consolidando sua trajetória profissional na busca da estética perfeita, na paixão pela arte da tecnologia e na mulher. Com mestrado em Comunicação Social e ênfase em consumo feminino, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), ela trabalhou como pesquisadora convidada na Brown University (EUA), estudou na Harvard Business School (EUA) e no Women Leadership Program, na University of British Columbia (Canadá) em Interactive Media Development.

Atualmente, não mais na produção do *Bolsa*, a empresária gaúcha integra o grupo RBS, uma das maiores empresas de comunicação multimídia do Brasil e a mais antiga filiada da Rede Globo. Embora sua posição profissional atual seja relevante para entendermos quem é Andiara Petterle, é sua atuação no *Bolsa de Mulher* que nos interessa neste momento. A imagem que Petterle tenta passar em suas entrevistas, reuniões de negócio e em seu blog, enquanto “mulher de sucesso” e, acima de tudo, “uma completa aficionada por entender as mulheres”, é extremamente importante para compreendermos toda a dinâmica assumida pelo *Bolsa* após sua entrada na equipe.

⁶⁴ <http://itodas.uol.com.br/carreira/a-rainha-da-midia-digital-no-brasil-andiara-petterle-9904.html>

Em 2005 Petterle foi convidada pelo grupo Ideiasnet, empresa responsável pelo *Bolsa*, para se encarregar da função de reposicionar a corporação no mercado das mídias digitais. Na época a empresa contava com 150 mil usuárias espalhadas pelos diversos sites abarcados por ela e um conjunto de funcionários de apenas quatro pessoas. De 2006 a 2009, segundo afirma a empresária, a empresa cresceu 7000% em receita só na Internet e até a realização da entrevista, em meados de 2009, havia nove milhões de mulheres cadastradas, que acessavam o portfólio de serviços e soluções. Na mesma entrevista, assegura ainda a empreendedora:

“Hoje temos escritórios em Nova York e Rio de Janeiro e 60 funcionários, além de colaboradores em todo o mundo. Em 2008, o Bolsa cresceu 670% em faturamento e 400% em audiência. Estamos expandindo também os negócios na América Latina, Argentina, Chile e México. A expansão vai além da rede social feminina Bolsa de Mulher.com. Temos o Bolsa de Mulher S/A, o iTodas, o Bolsa de Bebê, o Bolsa Gourmet, o Universidade Feminina, o Te Conte!, o Estrela Guia, o Feminice, o Bem Leve, o Bolsa Mobile, o Bolsa TV, o Bolso de Mujer.com, a rede de publicidade Pink Ad Network e a empresa de inteligência de mercado e pesquisa Sophia Mind.”

Entender quem são as pessoas que estão por trás do sucesso de um site como este é compreender os discursos que estão ali expostos, bem como que tipo de público consumidor se pretende atingir e que mercado consolidar. Procurando na internet dados e matérias com o nome de Andiara Petterle, pude observar qual ideal de mulher está colocado nas entrelinhas de sua fala:

O jornalismo feminino de verdade não está só na pauta, mas está muito no olhar [...] já se foi o tempo em que, para ser ouvida, era necessário usar terno masculino e engrossar a voz. É extremamente importante que a mulher exerça liderança sem deixar de ser quem é e sem deixar de ser feminina [...] É preciso encontrar mais aquilo que você faz com maestria do que pelo que é apaixonada.

O discurso de empreendedorismo feminino tem se mostrado intenso nos últimos anos, principalmente no ambiente da internet. Figuras como Andriara Petterle e, mais recentemente, de Ana Paula Padrão, têm composto o contexto do chamado “empreendedorismo rosa”, ou seja, “feito por mulheres e para mulheres”. O *Bolsa de Mulher* é resultado desses discursos, assim como o atual e já famoso site de Ana Paula Padrão, chamado *Tempo de Mulher*, concorrente direto do *Bolsa*, onde a jornalista aborda questões muito próximas daquelas tratadas pelo site: amor e sexo, beleza e saúde, carreira, dicas de moda, receitas e variedades.

Tais discursos trazem consigo duas ideias centrais: a primeira delas consiste na tentativa de mostrar que no tocante, principalmente, ao sucesso profissional, as mulheres conseguiram o tão desejado espaço, superando as desigualdades de gênero; a segunda trata-se de afirmar que isso foi possível através da consolidação de uma forma de “fazer feminino” diferente e diferenciado do que até então era realizado por homens.

Recentemente, em matéria⁶⁵ escrita por Ana Paula Padrão para a revista Isto é, a jornalista afirmou sem pestanejar, ignorando anos de movimento feminista, que “a igualdade de papéis chegou sem alarde”: ela relata que em meio ao Seminário Internacional de Mulheres Executivas, realizado na França, do qual participou, notou que nenhuma das profissionais empreendedoras que compunham o evento havia sofrido preconceito dos homens para chegar ao topo da carreira. Somam-se a estes repertórios, aquelas incisivas afirmações sobre o suposto fato de haver algo de específico no trabalho feminino que seria responsável por este espaço alcançado, como por exemplo, maior sensibilidade no diagnóstico de algum problema, bem como na resolução dele, maior capacidade de trabalho em equipe, menor necessidade de competição e maior foco nos objetivos. Vale ressaltar que a sociologia das profissões se dedicou em contestar a ideia de que não existe preconceito de gênero no mundo do trabalho, a partir do conceito de “teto de vidro” (glass ceiling), que é utilizado para descrever a barreira invisível que

⁶⁵ http://www.istoe.com.br/colunasblogs/coluna/248684_HOMENS+E+MULHERES+SAO+MESMO+IGUAIS

dificulta a subida das mulheres aos degraus superiores dos espaços de poder no mundo público e privado, independentemente das suas qualificações e realizações sociais e profissionais⁶⁶.

Todas estas ideias que ressaltam a igualdade de gênero na esfera do trabalho culminam em uma tese ainda maior, a do consumo. Ter galgado posições de destaque na profissão, ultrapassando um mercado de trabalho majoritariamente masculino, fez as mulheres assumirem as rédeas do consumo de mercadorias das mais diversas, transformando-se nas “galinhas dos ovos de ouro” da economia não só brasileira, mas mundial.

Andiara Petterle e Bruno Maletta – sócio e responsável pelas pesquisas da Sophia Mind, empresa de inteligência de mercado do Grupo *Bolsa de Mulher* com foco exclusivo em estudos sobre consumo e comportamento feminino no Brasil, América Latina e Estados Unidos – escreveram um livro intitulado *Poderosas Consumidoras: o que quer e pensa a nova mulher brasileira*. O próprio título, que parece inspirado nos manuais de autoajuda por fazer referência a “mulheres poderosas”, como, por exemplo, *Porque os Homens amam as mulheres poderosas*, muito já diz sobre uma suposta nova mulher brasileira que tem, em suas mãos, o poder do consumo. Em vídeo de lançamento do livro⁶⁷, que aconteceu na Livraria da Travessa no Shopping do Leblon, no Rio de Janeiro, em outubro de 2010, Petterle afirma que o projeto de composição do trabalho surgiu da necessidade do grupo de entender profundamente as mulheres e de fazer o mapeamento do tamanho deste mercado no Brasil, fazendo com que as empresas pudessem estabelecer políticas de produtos voltados ao público feminino. Bruno Maletta, por sua vez, deixa claro que o livro se esforça em relacionar as mudanças sociais, culturais e econômicas com o consumo das mulheres nos últimos anos.

⁶⁶ Para maiores detalhes sobre este tema, ver Maria da Glória Bonelli (2008): *Profissionalização por gênero em escritórios paulistas de advocacia*.

⁶⁷ <http://www.sophiamind.com/poderosasconsumidoras/>

Ou seja, em todos estes discursos as mulheres aparecem como consumidoras em potencial e a ideia de elaborar um site voltado para o público feminino, para responder seus dilemas e para criar uma rede de amigas que possa trocar experiências e falar de seus problemas pessoais, profissionais e amorosos, caminha *pari passo* com a venda massiva de produtos, o que evidencia um rompimento com a aparente dicotomia entre mercado e emoções. O *Bolsa de Mulher* é um representativo exemplar de como investir, financeiramente, no público feminino. No âmbito do pensamento social, quem vai propor a problematização destas aparentes dicotomias clássicas, como por exemplo, a ameaça que os interesses econômicos representariam para a esfera afetiva, são as teorias pós-estruturalistas:

As teorias pós-estruturalistas contemporâneas fizeram muito para inovar, metodologicamente, criando novas epistemes para uma complexidade que demanda concepções mais fluídas, nuançadas e multifacetadas das relações sociais, desafiando alguns dos binômios e dicotomias que desempenharam um papel tão importante no momento “clássico” (e estruturalista) das nossas disciplinas e permitindo que nos aproximemos mais das dinâmicas da vida que sempre correm alguns passos à frente dos nossos esforços de captá-las. (Adelman, 2011: 119)

Dentro do que chamamos de “esfera afetiva”, podemos colocar o *Bolsa de Mulher*, uma vez que a base dos discursos desenvolvidos dentro do site está em promover uma intensa exposição em torno de questões emocionais, como por exemplo, os problemas na esfera das relações amorosas. As pessoas que frequentam este espaço estão diariamente frente à possibilidade de exercer seu poder aquisitivo com apenas um clique e um cartão de crédito; e, os produtos comprados não são somente coisas materiais, são também “bens espirituais”. Quem ali interage pode adquirir um eficaz protetor solar para a pele do rosto, bem como “as respostas para os problemas mais relevantes de suas vidas”, como promete o espaço Estrela Guia já mencionado. É esta

sensibilidade, de exposição de produtos que envolvem abarcar a esfera dos sentimentos, que Petterle ressalta em suas afirmativas sobre estar atenta a um público que é sensível e que, por isso, precisa de mercadorias mais direcionadas e feitas especialmente para ele.

O tema dos afetos e das emoções tem ganhado papel de destaque na sociologia contemporânea, no entanto me sirvo do trabalho de Eva Illouz para apontar como, no limite, as grandes narrativas sociológicas da modernidade contiveram descrições ou relatos, em maior ou menos tom, de tal temática:

A Ética Protestante de Weber contém em seu núcleo uma tese sobre o papel dos sentimentos na ação econômica, pois é a angústia provocada por uma divindade que se encontra no cerne da atividade frenética do empresário Capitalista [...] quando a “alienação” de Marx foi apropriada – e distorcida – pela cultura popular, isso se deu, sobretudo por suas implicações afetivas: a modernidade e o capitalismo eram alienantes no sentido de criarem uma forma de embotamento afetivo que separava as pessoas umas das outras, de sua comunidade e de seu próprio eu profundo. Ou podemos ainda evocar a famosa descrição da Metrópole feita por Simmel, com sua exposição sobre a vida afetiva. Para Simmel, a vida urbana cria um fluxo interminável de estimulações nervosas e contrasta com a vida das pequenas cidades, que se apóia nas relações afetivas [...] Por fim, a sociologia de Durkheim interessou-se de maneira mais óbvia pelos sentimentos. Com efeito, a solidariedade, espinha dorsal da sociologia durkheimniana, não é outra coisa senão um feixe de sentimentos que ligam os atores sociais aos símbolos centrais da sociedade. (Illouz, 2011: 8)

A temática das emoções ganhou maior espaço com o trabalho de Arlie Hochschild que em 1983 cunhou o termo “trabalho das emoções” para referir-se ao processo no qual as pessoas tomam como referência um padrão de sentimento ideal

construído na interação social, e procuram manusear e administrar suas emoções profundas para adequá-las a essa expectativa quando não estão sentindo assim internamente. (Bonelli, 2003: 357). A autora observa que em vez de a igualdade na esfera privada expandir-se para outros campos, o ritmo do trabalho impõe-se sobre a vida familiar e a intimidade. (Bonelli, 2003: 372). Hochschild também mostra que as mulheres são as mais demandadas para executar trabalhos emocionais, o que se comprova nesta pesquisa, especificamente nos discursos do *Bolsa* sobre o Empreendedorismo Rosa, que ressaltam o sucesso feminino nos negócios, com base em haver, por parte das mulheres, maior sensibilidade frente aos problemas, habilidades que corresponderiam a este capitalismo que demanda delas um forte trabalho emocional.

A autora marroquina Eva Illouz, com base em pesquisas empíricas feitas no interior de empresas estadunidenses e dentro de famílias de classe média alta, constatou que a criação do capitalismo caminhou de mãos dadas com a criação de uma cultura afetiva intensamente especializada, e que, “quando nos concentramos nessa sua dimensão – os seus sentimentos, por assim dizer – podemos descobrir-nos em condições de revelar uma outra ordem na organização social do capitalismo” (Illouz, 2011: 12).

Vale a pena ressaltar o intento neste momento do texto de problematizar o discurso que separa a esfera dos afetos e das emoções do seu entorno, como tem feito autores como Sérgio Costa (2005) na elaboração de sua discussão em torno do amor romântico. Costa recupera uma interpretação sobre o tema afirmando-o como forma de comunicação particular que destaca e separa os amantes do contexto no qual estão envolvidos. Para o autor, o que define a interação amorosa não é o consumo de rituais românticos, como sustentam a teoria crítica e os estudos culturais, mas o sentido singular que os amantes conferem à sua relação e às atividades conjuntas (Costa, 2005: 73); dessa forma, por mais que tais amantes sejam bombardeados pelos serviços e ideologias do mercado, a experiência amorosa não seria irreduzível a essa esfera. Discordar de Costa não significa fazer o oposto, ou seja, reduzir a esfera das emoções à lógica do mercado, trata-se de compartilhar das reflexões de quem pensa criticamente

as inter-relações entre essas duas esferas. Nesse sentido compartilho com o que Illouz chamou de Capitalismo Afetivo, ou seja:

Uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso, produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca (Illouz, 2011: 12)

Isto posto, podemos entender muito mais as relações estabelecidas no *Bolsa de Mulher* e deixa de ser estranho, se é que o estranhamento pode ser possível, a venda de produtos que podemos chamar de “emocionais”, que afirmam garantir uma solução para as questões da vida. Compreendemos também como ocorre o convívio harmônico entre mercado e o processo de sociabilidade calcado na afetividade. A problematização da dicotomia emoções e mercado coloca-nos ainda a necessidade de estarmos atentos a marcação de gênero de um discurso que coloca as mulheres como passíveis de receber conselhos na forma de mercadorias.

Alimentando estes discursos expostos pelo *Bolsa de Mulher* está a imagem de uma mulher que se dedica em suas falas, nos gestos de seu corpo, tom de voz e em suas escritas na rede, a se posicionar enquanto mulher empreendedora, que ultrapassou as diferenças de gênero na profissão que escolheu, sem sofrer nenhum tipo de preconceito e sem deixar de ser, antes de tudo, feminina e sensível. Na outra ponta, no entanto, no polo receptor deste bombardeio de informações, se posicionam mulheres que estão distantes do desenvolvimento da prática empreendedora e que se inserem em claras dinâmicas de gênero e classe social, muitas das quais, impeditivas de ascensão profissional e da busca da autonomia.

Isso evidencia que o público alvo do *Bolsa*, apresentado pelos anunciantes, pela imagem de Petterle e pelas matérias que portam o discurso da mulher de sucesso de

classe média alta, não corresponde ao que é encontrado no site. A presença de mulheres que assumem, antes de outras coisas, a responsabilidade com a esfera da família e com os filhos, no caso das casadas e, no tocante as mais jovens, que encontram ainda dificuldades de se posicionar no mercado de trabalho, somada ao contexto familiar também inseguro, deixa evidente uma postura distanciada do empreendedorismo exposto no *Bolsa de Mulher*.

Por mais que algumas das mulheres de minha amostra tenham um pequeno negócio próprio, estão afastadas do discurso em torno da ideia de que galgar outras posições de classe e mesmo profissionais se dá sem a necessidade de enfrentar as ainda presentes desigualdades de gênero. Para estas mulheres, as que são autônomas no trabalho, fica evidente a dupla ou tripla jornada profissional, na própria loja, em empregos que complementem a renda e em casa: “Tô trabalhando feito louca, na minha loja e em uma revenda de gás” (Ana). Por outro lado, temos ainda as jovens que ocupam posições no setor administrativo e que também não possuem a estrutura necessária para deixar a casa dos pais, seja sozinhas ou com um parceiro. Dentre as que saíram de casa, a moradia em bairros não centrais, em espaços pequenos de apenas um cômodo, a famosa kitnet, deixa evidente o padrão de vida distante da imagem das empreendedoras de sucesso como Ana Paula Padrão e a própria Petterle.

Um exemplo claro de como o que está exposto no site não condiz com seu público consumidor são as pesquisas realizadas pelo grupo Sophia Mind, empresa vinculada ao próprio *Bolsa*. Matéria⁶⁸ lançada no mês de janeiro de 2013 traz dados dos resultados de um questionário, aplicado a mais de 700 mulheres, com o intuito de saber como elas investiam seu dinheiro. O texto aponta para mulheres com renda própria, que investem, preponderantemente, na compra ou na reforma de imóveis particulares e em viagens e lazer, em uma plataforma onde grande parte delas mora com os pais, marido ou filhos e, devido à baixa renda, a capacidade de locomoção mesmo durante as férias é pequena. Embora a matéria aponte para o fato de que, na pesquisa, a situação

⁶⁸ <http://www.bolsademulher.com/trabalho/pesquisa-mostra-como-as-mulheres-investem-seu-dinheiro/>

financeira difícil seja impeditivo de maiores investimentos, o tom otimista, somado à imagem de uma mulher branca, bem vestida, com dinheiro na mão não demonstra a capacidade de diálogo com o público do *Bolsa*.

Sessão V - “Conectadas”: autoajuda e ajuda mútua online como armas de guerra

“Tome cuidado”, “Viva com simplicidade”, “seja mais humano e agradável com as pessoas”, “mantenha a calma”, “não deixe de cancelar seus planos por causa do parceiro”, “dê espaço a ele”, “se valorize e não se subestime”, “sempre faça perguntas positivas e alegres”, “conquiste o controle de suas emoções”, “ame generosamente quem lhe ama”, “não critique, não condene, não queixe”. Estas são algumas frases retiradas de livros de autoajuda bem como de alguns fóruns lançados no *Bolsa de Mulher* tanto com a temática dos relacionamentos amorosos quanto aqueles que falam sobre família, dificuldades na vida pessoal, profissional, etc. No *Bolsa* também são muitos os fóruns que remetem a ideia de que viver é travar uma verdadeira batalha, sendo que conquistar e manter o parceiro amoroso, no discurso do site, consiste na mais legítima das vitórias contra o maior de seus inimigos, você mesma.

O termo “batalha” aparece quando se trata da temática dos relacionamentos, mas não só, existe a “batalha entre os sexos”, “batalha para emagrecer”, “batalha para ficar bonita”, existem as “batalhas familiares”, aquelas da esfera profissional, de criação dos filhos, enfim, estar viva é estabelecer uma batalha diária em diversos aspectos. No entanto, tal batalha, como tentei mostrar ao longo deste trabalho, e que detalharei aqui no sentido de apresentar minhas conclusões, apresenta características específicas quando se trata de um conjunto um pouco restrito de pessoas, no caso, de mulheres de classe média baixa que adentraram às redes da internet nos últimos anos, em um intenso processo de sociabilidade.

Nas entrelinhas desses discursos está colocado aquilo que é considerado o maior desafio desses sujeitos: alcançar e sustentar um relacionamento e se manter forte em momentos de instabilidade tanto nas relações quanto na vida pessoal e em família. Tanto no *Bolsa* quanto nos livros, a imagem que aparece como pano de fundo das mensagens é a mulher poderosa, independente emocional e financeiramente de seu parceiro, que é empreendedora na profissão e na vida e que enxerga longe. No entanto,

tais discursos são ressignificados pelos sujeitos no sentido de serem usados na busca por uma adequação tanto às relações hierárquicas de gênero quanto a uma posição instável de classe, distanciada do mundo dos negócios da classe média alta.

Meus dados de pesquisa mostram que diferente do que evidenciam alguns trabalhos atuais sobre a chamada Classe C, o ethos do trabalho, como forma de ascensão social, não afeta ou não faz parte do universo de ação das mulheres dessa classe ou, quando faz, ocupa um lugar secundário e que mantém o sentimento de insatisfação. Elas, por mais que possam ascender socialmente através de maior acesso aos estudos, de oportunidade de exercer profissões mais bem remuneradas do que seus pais por exemplo, e de maior integração ao mercado de trabalho, a busca por adequação diz respeito ao enquadramento em modelos normativos de gênero, explicitados pela procura constante de um parceiro amoroso ou através da manutenção do namoro ou do casamento, apesar dos problemas. Fruto de um contexto ainda bastante conservador, estar solteira consiste em um verdadeiro problema a ser resolvido.

De acordo com as análises de Jesse Souza sobre a chamada por ele de Classe Batalhadora, consta algumas considerações sobre as características desse extrato da população brasileira, o mesmo com o qual trabalho nesta pesquisa, no entanto, com o recorte de gênero. Uma das primeiras frases que abre o prefácio ao livro de Souza, escrito por Roberto Mangabeira Unger, aponta de maneira celebrante:

Um dos acontecimentos mais importantes no Brasil, nas últimas décadas é o surgimento, ao lado da classe média tradicional, de uma segunda classe média. Morena, vinda de baixo, refratária a sentir-se um pedaço do Atlântico Norte desgarrado no Atlântico Sul. Essa nova classe média compõe-se de milhões de pessoas que lutam para abrir ou para manter pequenos empreendimentos ou para avançar dentro de empresas constituídas, que estudam a noite, que se filiam a novas igrejas e novas associações, e que empunham uma cultura de autoajuda e de iniciativa. Quase desconhecida das elites do poder, do dinheiro e da cultura, já estão

no comando do imaginário popular. Representam o horizonte que a maioria de nosso povo quer seguir. (Souza, 2012: 10)

As mulheres com as quais dialoguei, embora façam parte desse conjunto de pessoas que trabalham, estudam à noite, se filiam a discursos religiosos de maneira intensa e que empunham a cultura do *self help*, sua batalha diária, enquanto suposta classe baixa em ascensão envolve uma série de características que tentei ressaltar ao longo desta dissertação e que se distanciam de um simples desejo de galgar outras posições de classe. Trata-se, antes de qualquer coisa, de manter-se estável em meio a um contexto inseguro de classe e de estabelecer a consolidação do relacionamento amoroso em uma época em que existe uma escassez de parceiros. Além disso, vale ressaltar que às mulheres cabe o suporte emocional às próprias questões pessoais, bem como às do parceiro e, no caso das casadas, da família toda, em um contexto de desejos, de consumo, e também de incertezas e instabilidades. Este “trabalho emocional”, esquecido tanto por Souza quanto por Unger, demanda dessas mulheres a mobilização de uma série de habilidades, sobretudo psicológicas e motivacionais, que caracteriza uma sobrecarga física e mental específica, diferente daquela dos homens da mesma classe, o que explica, em partes, a recorrência massiva em site de ajuda na internet.

Dessa forma, não é possível tratar esse estrato social de maneira homogênea sem considerar que a batalha pode ser ainda maior entre aquelas que, por serem mulheres, em grande parte negras, ocupam uma posição ainda mais subalterna na malha social. Tal experiência de subalternidade justifica em grande ou total medida a busca pela rede como espaço de sociabilidade que, rapidamente, se transforma em práticas de ajuda mútua e, tais práticas, inseparáveis que são da vida *offline*, estão atravessadas por diversos marcadores da diferença como gênero, classe social, sexualidade, questões de raça e religião. Trata-se de mulheres que recorrem à internet como forma de lidar, principalmente, com os problemas na esfera afetiva, com suas frustrações e dificuldades tanto na busca quanto na manutenção da relação. Faz parte da narrativa de sucesso das mulheres desta pesquisa a conquista e manutenção do par

amoroso mesmo em meio àquelas que batalham por estabilidade profissional e financeira.

Soma-se a isto o estabelecimento de processos de sociabilidade que podem não haver fora dali por conta de fatores, como, por exemplo, a presença forçada ou por escolha na solitária esfera doméstica de cuidado da casa, dos filhos e de ausência do marido, e a participação de processos migratórios que restringem o círculo de amizades, em uma dinâmica de recomeço em meio a um novo diagrama, diferente do local de origem. O uso da rede para fazer amigos ou para falar de problemas envolve também a inserção em trabalhos que possibilitam tanto o primeiro contato quanto o uso constante da internet e, por isso, intensificam o acesso às redes sociais como forma de passar o tempo em meio à rotina administrativa.

Além disso, o processo de sociabilidade que envolve as práticas de ajuda mútua no *Bolsa de Mulher* se mostrou cercado não só por uma clara dinâmica de gênero, mas também pelo pressuposto da heterossexualidade, uma vez que se dedica a dar conta das questões de um relacionamento amoroso entre um homem e uma mulher, como pares binários, opostos e em conflito, dinâmica absorvida, de certa forma, pelas usuárias. Compõe o quadro das diferenças o esforço de afastamento de uma estética negra e de suas reais posições de classe, por parte tanto dos conteúdos do site quanto das práticas das usuárias, o que estimula a aproximação de um corpo branco, representado principalmente pelos cabelos alisados.

Por fim, mas não menos importante, faz parte da experiência de subalternidade, principalmente das mulheres desta pesquisa, recorrer à religião, majoritariamente as religiões evangélicas, não como forma de ascensão e adesão a valores capitalistas, mas como, em primeiro lugar, uma maneira de acessar um referencial que as direcione ao encontro e a manutenção do par amoroso; em outras palavras, a religião aparece como um meio útil de adequação a uma moralidade específica, no caso das mulheres as habilidades da boa esposa e da boa mãe, dois papéis tidos como essencialmente femininos. Em segundo lugar, trata-se, anteriormente a uma

escalada rumo a outros estratos sociais, da manutenção de uma vida, o mais segura possível de instabilidades financeiras e de inseguranças.

De acordo com a tese de Jesse Souza (2012), a classe batalhadora se sustenta sobre uma obrigação moral em relação ao futuro, que envolve uma forte crença religiosa e um tipo específico de interação familiar na qual a estrutura básica consiste na divulgação da ética do trabalho duro. No entanto, tal afirmação se mostra insuficiente na medida em que desconsidera outros fatores como, por exemplo, a forma como o envolvimento em uma família, por vezes tradicional, pressupõe, no caso das mulheres, uma demanda maior em relação aos cuidados com a casa, com a educação dos filhos e com o próprio relacionamento. Não à toa, o conteúdo de sites que abordam a temática das relações afetivas é acessado majoritariamente por mulheres e direcionado a elas e isso vale também para espaços que debatem assuntos voltados para o suposto interesse da família que se resume, em outras palavras, no foco na mulher como cuidadora.

A religião, no universo de minha pesquisa, embora seja fortemente acessada por minhas interlocutoras, tanto pelas mais velhas quanto pelas mais jovens, não se mostra, como afirma Souza ao falar dos batalhadores, como aquilo que possibilita a disposição para lutar pelo futuro. A percepção de futuro e o desejo de ter uma vida que “deu certo” aparecem nas entrelinhas dos discursos, mas mais importante do que isso é se consolidar no presente, de modo que para aquelas que moram com os pais seja possível contribuir com o orçamento doméstico ou com os gastos próprios com roupas, cursos, especialmente a faculdade, e medicamentos. Para as migrantes o relevante é vencer a batalha de se sustentarem em meio a um novo diagrama e por fim, para as donas de casa, o foco consiste na manutenção do núcleo familiar, e o futuro que está em jogo é mais o dos filhos do que o próprio.

A leitora e o leitor devem estar se questionando, neste momento das conclusões, em que medida a dinâmica de uso das mídias digitais é de fato relevante para observar esta realidade, de mulheres de classe média baixa, que poderia ser estudada por outros meios. As mídias digitais, especificamente aquelas com acesso à internet e às redes sociais como o *Bolsa de Mulher* e o Facebook, se mostraram como

um frutífero espaço de análise que me conduziu aos principais resultados de meu trabalho. A partir de uma forma específica de uso de tais mídias, que eu nomeei de “práticas de ajuda mútua”, pude acessar questões de gênero, sexualidade, religião e raça que atravessam o cotidiano da tão comentada Classe C ou, nos termos de Jesse Souza, de Classe Batalhadora. Retomo um pensamento de Eva Illouz, autora marroquina já citada neste texto, ao afirmar que “a internet é o desdobramento mais recente do processo de transformação da esfera pública numa arena para a exposição da vida privada” (Illouz, 2011). Aponto como uma das conclusões possíveis desta pesquisa que tal exibição parece mais intensa entre as mulheres dessa classe. A vida privada que pode ter como representante de maior peso a esfera da intimidade, especificamente dos relacionamentos amorosos, parece mais evidente nos espaços direcionados ao público feminino que adentrou a rede nos últimos anos e, mais que isso, apresenta-se como um âmbito da vida que está atravessado por uma clara desigualdade de gênero, que expõe as mulheres como maiores responsáveis pelas relações amorosas, principalmente por seus fracassos.

Nesta pesquisa, pude compreender que as dinâmicas de ajuda mútua *online* representam uma versão brasileira e contemporânea da autoajuda como entendida no contexto norte-americano, pois se trata de uma prática menos individualista e mais voltada para a troca de experiências coletivas, em meio a um conjunto de pessoas que são consideradas amigas e amigos e fornecem certo tipo de acolhimento e segurança em contextos sociais hostis e de instabilidade. Ao contrário do discurso em torno da ideia de efemeridade dos laços criados na internet, notei, no *Bolsa de Mulher*, uma manutenção das relações desenvolvidas ali que podem, até mesmo, culminar no encontro face a face e na manutenção do contato por longo período de tempo. Digo que tais técnicas de elaboração subjetiva são especificamente brasileiras, pois estão atravessadas não só por esta sociabilidade coletiva na requisição de ajuda, mas também porque apresentam características típicas do contexto nacional, como o caso de apresentar marcadores de gênero, fruto de um processo histórico específico que envolve as camadas populares e,

no caso das questões de raça e das atitudes de embranquecimento, resultado de uma sociedade com longo processo de escravidão.

Entender este estrato da população é objetivo fundamental em um contexto que tem direcionado uma série de discursos a ele. Por exemplo, aqueles proferidos por programas do governo; os que são divulgados pela mídia e que tiveram como grande expoente, nos últimos meses, a novela Avenida Brasil (2012), recorde de audiência no horário nobre da Rede Globo, que tinha como protagonistas os moradores do fictício Bairro do Divino, periferia do Rio de Janeiro; e por fim, de extrema relevância, temos os enunciados apresentados nas redes da internet, por plataformas como o próprio Bolsa, que ressaltam uma série de bens de consumo acessíveis a esse novo estrato da população brasileira, que se transformou em um lucrativo nicho de mercado. Um reconhecimento louvável na obra de Jesse Souza, que compartilho nesta pesquisa, vale dizer, é sem dúvida entender que esse estrato da população brasileira se distingue, claramente, da tradicional classe média, bem como da privilegiada classe alta: “Acreditamos estar diante de um fenômeno social e político novo e muito pouco compreendido [...] o da constituição não de uma nova classe média, mas sim de uma nova classe trabalhadora no nosso país, nas últimas décadas”. (Souza, 2012: 47). De acordo com o autor:

As classes dominantes – classe média e alta – se definem, antes de tudo, pelo acesso aos dois capitais impessoais que asseguram, por sua vez, todo tipo de acesso privilegiado a literalmente todos os bens (materiais ou ideais) ou recursos escassos em uma sociedade de tipo capitalista moderna [...] No tipo de sociedade capitalista na qual vivemos, seja aqui ou na França, as classes que possuem acesso privilegiado a esses bens e recursos escassos são as classes que, tradicionalmente, monopolizam o acesso ao capital cultural – lócus privilegiado das classes médias – e capital econômico, privilegio bem assentado das classes altas e mais poderosas. (Souza, 2012: 48)

As colaboradoras de minha pesquisa parecem viver um momento de muitas transformações e paradoxos decorrentes de tais mudanças. Tiveram uma educação conservadora e aprenderam a sonhar com um tipo de relação amorosa e de família, bem como com um projeto de vida que não parece mais coerente com as demandas econômicas e até mesmo culturais de nosso momento. A busca pelo parceiro amoroso que culminaria com a consolidação de um núcleo familiar seguro mostra-se difícil de concretizar devido à quebra dos modelos de família nuclear, ao crescente individualismo no tocante à condução da vida e exigências do mercado de trabalho bem como na escassez de parceiros em potencial. Com isso, é possível notar um descontentamento das mulheres em relação à falta de um namorado ou marido, muito embora algumas tenham relativo sucesso em outros âmbitos da vida. E a concretização da relação amorosa, quando se realiza, exige delas uma série de cobranças emocionais no tocante à manutenção do relacionamento e, no caso do casamento, da família.

Estas questões envolvem, claramente, uma necessidade de entender, relacionalmente, os homens dessa classe, a Classe C, batalhadora ou da Nova Classe Média, como é chamado esse estrato da população, uma vez que são eles os que estão disponíveis no mercado matrimonial dessas mulheres. Não faz parte dos objetivos desta pesquisa detalhar esse público, no entanto devo lançar algumas hipóteses sobre os motivos que parecem levar a esse descompasso na formação de pares amorosos nesse estrato da população.

Pesquisas um pouco recentes sobre o censo demográfico brasileiro de agências como o IBGE⁶⁹ tem apontado ainda, em suas pirâmides etárias, um relevante número de mortes de homens, na faixa dos 15 aos 29 anos, das classes populares. Tais mortes estão ligadas em sua maioria à exposição dessas pessoas à violência, principalmente relacionada ao envolvimento com o tráfico de drogas e outras atividades tidas como

⁶⁹ <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000403.pdf>

ilegais. Soma-se a isto o aumento dos níveis de desemprego, decorrentes de momentos de crise econômica; o conseqüente envolvimento em atividades sazonais, com pouca ou nenhuma estabilidade, e a exposição a uma esfera de consumo tão ou mais intensa que as mulheres da mesma faixa etária. Tais aspectos podem tornar escassos os parceiros em potencial de jovens do perfil de minhas interlocutoras de pesquisa, parte da classe social a qual pertencem. Entre os homens dessa classe parece existir uma impossibilidade de se desenvolverem como arrimo de família, o que gera um afastamento do casamento e da construção de família; além disso, a manutenção de uma sexualidade recreativa tornam-nos ainda mais distanciados daquilo que desejam as mulheres desta pesquisa. A busca pelo casamento ou pelo relacionamento fixo, embora apareça como representante do sucesso e da completude feminina nos discursos do site, dos livros e mesmo em algumas falas dos sujeitos de pesquisa, pode não ocorrer, o que gera um descompasso de gênero na formação de pares amorosos neste estrato social.

Mel, uma das primeiras interlocutoras citadas neste texto, possui uma experiência de vida muito representativa do que se passa entre as jovens das camadas populares nos últimos anos, bem como da forma como homens e mulheres têm lidado com a realidade social e econômica do presente. Mel migrou para Cariacica em busca de sua independência financeira, conheceu o namorado, engravidou e esperava concretizar o casamento com o parceiro, o que não aconteceu, colocando-a na esfera do arrimo de família, de cuidados com a casa, consigo mesma e principalmente com o filho. Tais fatos, embora pareçam simples resultados de conflitos amorosos, são frutos de uma evidente conjuntura atual de classe e gênero.

Para jovens como Mel, o conflito está colocado claramente: a luta por adequação a padrões específicos de gênero, que ainda colocam o casamento como narrativa de sucesso feminino por excelência, muito embora ele possa não se concretizar; a dedicação a uma estética que se aproxima de um corpo branco, bem quisto no mercado matrimonial; a busca da religião como forma de garantir o suporte em meio ao que se espera dessas mulheres; a recusa de formas de relações, corporalidades e maneiras de pensar que escapem à heterossexualidade como

pressuposto natural. Todas essas características apresentam-se como parte de uma armadura de guerra e a vitória, que transforma esses sujeitos em “mais humanos” no enfrentamento das questões cotidianas, consiste no ponto de adequação às regras do jogo, ou seja, aos valores tradicionais de gênero e sexualidade que ainda marcam a cultura brasileira e, em especial, a vida de minhas colaboradoras.

Referências Bibliográficas

ADELMAN, Miriam. Por amor ou por dinheiro? Emoções, Discursos, Mercados In: **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 117-138.

ALVES, Lucia Pereira. **Receitas para a conjugalidade**: uma análise da literatura de autoajuda. Campinas, São Paulo [Sn] 2005.

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Rev. USP**, São Paulo, n. 86, agosto de 2010.

BAUMAN, Zigmunt. **O Mal-estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAYM, Nancy. **Personal Connections in the Digital Age**. Cambridge: Polity Press, 2010.

BELELI, Iara. Amores *Online* In: Pelúcioetalli. **Gênero, Sexualidade e Mídia**: Olhares Plurais para o Cotidiano. Marília: CulturaAcadêmica, 2012. (no prelo)

BONELLI, Glória Maria da. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. In: **Cadernos Pagu**. Unicamp, Campinas, (21) 2003: pp.357-372.

_____. **A classe média, do milagre a recessão**. Instituto dos Estudos Econômicos, São Paulo, 1989.

BOUDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomas. Editora Bertrand: Rio de Janeiro, 2009.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, N 26, Campinas janeiro-junho de 2006:

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTELLS, Manuel. Prefácio à edição de 2011 de A Sociedade em Rede In: Castells, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. P. I-XXX

CASTRO, Talita Pereira de. **Auto-Ajuda e a Reificação da Crise da Meia-Idade**. Campinas, SP : [s. n.], 2009.

CHAGAS, Arnaldo. **O Sujeito Imaginário no Discurso de Auto-ajuda**. Editora Unijuí: Rio Grande do Sul, 2002.

COSTA, Sergio. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. **Novos Estudos** (73) São Paulo: CEBRAP, 2005, pp. 111-124.

_____. **Dois Atlânticos**: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter "anthropological blues". In: _____. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 150-173.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de tensão**: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo 2008. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-Unicamp.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1979.

_____; ROUANET, Sérgio Paulo; MERQUIOR, José Guilherme; LECOURT, Dominique; ESCOBAR, Carlos Henrique de. **O Homem e o discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

_____. **Em defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **L'Ordre du discours**, Leçon inaugurale ao Collège de France. Paris: Éditions Gallimard, 1971.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre, Sulina: 2011.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. A Vida em uma Sociedade Pós-Traducional. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott (orgs.) **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Acalmando o Otário**: Alguns aspectos de adaptação à falha.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. DP&A, Rio de Janeiro 2002.

HAZLEDEN, Rebecca. Love yourself The relationship of the self with itself in popular self help texts. In: **Journal of Sociology** Volume 39(4): 413–428.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

ILLOUZ, Eva. **Saving the Modern Soul: Therapy, Emotions, and the Culture of Self-Help**. Berkeley, CA: UniversityofCalifornia Press, 2008.

_____. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LAURETIS. A tecnologia do Gênero. In: **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Editora Rocco, Rio de janeiro: 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MARTELLI, Carla Giani. **Auto-ajuda e gestão de negócios: Uma parceria de sucesso**. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2006.

MISKOLCI, Richard. Corpos Elétricos: do assujeitamento a estética da existência. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(3): 272, setembro-dezembro/2006.

_____. O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. In: **Revista Gênero**. Niterói: UFF, 2009. V. 9, n.2, p.171-190.

_____. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas *online*. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: IEG-UFSC, 2012. (no prelo)

_____. **Redes Desejantes: desejos, sexualidade e mercado entre usuários de mídias digitais que buscam parceiros do mesmo sexo na cidade de São Paulo**. São Carlos: mimeo, 2012.

_____. O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. In: **Revista Gênero**, Universidade Federal de Fluminense, Niterói, 2009. V. 9, n.2.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **A experiência feminista dos anos 70**. Araraquara: Unesp, 1990, p.14-5.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Nova Era à brasileira: a New Age popular do Vale do Amanhecer. **Interações - Cultura e Comunidade** / v. 4 n.5 / p. 31-50 / 2009.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. Da ascese à bio-ascese: ou do corpo submetido à submissão do corpo. In: RAGO, Margareth et al. **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias

_____. **O Corpo Incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Editora Garamond, Rio de Janeiro, 2010.

_____. **Elementos para uma história da neuroascese**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.3, jul.-set. 2009, p.621-640.

PARREIRAS, Carolina. **Sexualidades no ponto.com**: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade *online* Campinas: Mestrado em Antropologia Social-UNICAMP, 2008.

PELÚCIO, Larissa; CERVI, Mariana; KOGA, Mariana. “A vida é curta, curta um caso” – o mercado dos afetos e as tensões entre familismo e experimentalismos nos sites de traição no Brasil. In: **28ª Reunião Brasileira de Antropologia**. São Paulo, SP, Brasil (mimeo).

PHILIP, Brigid. Analysing the politics of self-help books on depression. In. **Journal of Sociology**, Volume 45(2): 151–168.

PLURAL - Revista de Ciências Sociais da USP, São Paulo, v. 16, n. 1, pp. 195-211, 2009. ISSN 2176-8099.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de Auto-Ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1996.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SARTI, Cynthia. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. In: **Cadernos Pagu** (16) 2001: pp.31-48.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. In: **Cadernos Pagu**. 2001, n.16, pp. 137-150. ISSN 0104-8333.

SCOTT, Joan. A Invisibilidade da Experiência. **Projeto História**, nº 16, São Paulo, 1998, p.303-304.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

SILVA, Daniela Ferreira Araújo. **Etnografando os transtornos alimentares na internet**. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

SOUZA, Jesse. **Os Batalhadores Brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012.

TOMASI, Julia Massucheti. Com lembranças de morte e homenagens ao ente falecido: As práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2010). In: **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, 11 (31): 181-204. Abril de 2012.

TURKLE, Sherry. **AloneTogether: WhyWeExpect More From Technology andLessFromEachOther**. New York: Basic Books, 2011.

_____. Fronteiras do real e do virtual. In: **Revista FAMECOS**. Nº 11, dezembro. Porto Alegre: 1999.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002.

WEBER, Max. **Sobre a Teoria das Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1979.

ANEXOS

ANEXO A: Roteiro de perguntas básicas

Dados Gerais

Nome:

Idade:

Onde Mora:

Com quem mora:

Religião:

Estado Civil:

Escolaridade:

Profissão:

Renda individual (foco nos relatos sobre emprego, gastos e consumos pessoais)

Renda de quem vive na casa (foco nos relatos sobre emprego dos membros da família)

Depende de alguém? De quem?

*atentar para marcadores de classe social

Bolsa de Mulher

Como chegou ao *Bolsa*:

Por que decidiu ficar no site:

Quanto tempo está no site:

O que mais gosta no site:

O que menos gosta no site:

Qual a principal atividade:

Qual o assunto mais interessa, qual tipo de fórum:

Preenche o diário com frequência?

Quanto tempo se mantém conectada na internet? E no site? Participa de outras redes sociais? Quais?

Ciclo de amigos no site e fora dele

Quem são as principais amigas do site?

Se identifica com elas, por quê? Como é a relação com elas? Existe diferente entre elas e as amigas de fora da net? Se sim, por quê?

Tem muitas amigas e amigos fora do site? Quem são, o que fazem? São casadas, solteiras, tem filhos?

Costuma sair pra se divertir? Onde costuma ir? Com quem vai?

Casamento e relações amorosas

Namora? Faz quanto tempo?

Pensa em casar? Se for casado, o que o marido faz?

Pensa em ter filhos? Porquê? O que pensa da maternidade?

*tentar descobrir mais coisas sobre a esfera amorosa, qual a centralidade dela na vida dessas mulheres? Atentar para conflitos, resolução de conflitos, etc.

Quem precisa de ajuda?

Porque buscaram o site? Ajudam alguém? Alguém as ajuda?

Leitura

O que lê? Por quê?

Lê autoajuda? Por quê?

Internet e computador

Quanto comprou o primeiro computador? Quando acessou a internet? Tempo que fica na internet por dia? De onde acessa? Tem acesso em casa? Tem celular com acesso à internet?

*atentar para as características do local de onde acessa a rede. Se acessa do trabalho, como faz para manter também a rotina administrativa? Se de casa, qual o tempo que a internet ocupa em meio aos afazeres domésticos? De que cidade acessa? De que estado?

ANEXO B - Fichas com informações básicas sobre interlocutoras e interlocutores⁷⁰

Rita

Idade: 44 anos

Local de moradia: São Paulo

Profissão: dona de casa devido a problemas de saúde. Antes trabalhava em um Buffet de festas

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: católica

Mora com quem: marido e filha

Como chegou ao *Bolsa*: procurando com a filha dicas sobre tirar manchas de roupa

Mel

Idade: 25 anos

⁷⁰ As informações dizem respeito às pessoas com as quais conversei diretamente. Dessa forma, algumas pessoas cujas falas são citadas no texto não constam nestas fichas, uma vez que, com elas, não estabeleci contato direto, sendo que os trechos usados foram colhidos em fóruns de debate e no próprio grupo do Facebook. Algumas conversas de acompanhamento que realizei, embora tenham sido úteis no sentido de estabelecer um perfil de usuárias do site, não geraram material relevante para análise e, portanto, não foram citadas ao longo da dissertação. Na lista, os nomes estão dispostos por ordem de entrevista e não por ordem alfabética.

Local de moradia: Cariacica, Espírito Santo

Profissão: vendedora da C&A

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: evangélica

Mora com quem: filho e amiga

Como chegou ao *Bolsa*: procurando um espaço onde pudesse falar de sua gravidez e do fim do namoro com o pai de seu filho

Luiz

Idade: 39 anos

Local de moradia: Cabuçu, Baixada Fluminense

Profissão: professor de matemática

Nível Educacional: Superior incompleto em química na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Religião: evangélico

Mora com quem: mãe

Como chegou ao *Bolsa*: procurando matérias sobre bonecas Barbie

Thaís

Idade: 26 anos

Local de moradia: Curicica, Rio de Janeiro

Profissão: Secretária

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: católica

Mora com quem: sozinha

Como chegou ao *Bolsa*: procurando informações sobre como lidar com um namorado que tenha filhos

Lindinha

Idade: 45 anos

Local de moradia: Mariana, Minas Gerais

Profissão: agente de saúde

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: evangélica

Mora com quem: marido e filhos

Como chegou ao *Bolsa*: em buscas por notícias na internet

Leila

Idade: 29 anos

Local de moradia: Contagem, Minas Gerais

Profissão: secretaria em um escritório de advocacia empresarial

Nível Educacional: Superior interrompido em Recursos Humanos na PUC Minas

Religião: evangélica

Mora com quem: mãe

Como chegou ao *Bolsa*: através de anuncio do site no MSN

Letícia

Idade: 26 anos

Local de moradia: Gurupi, Tocantins

Profissão: vendedora em concessionária de veículos

Nível Educacional: Superior em direito

Religião: evangélica

Mora com quem: pais e irmãos

Como chegou ao *Bolsa*: procurando assuntos relacionados a mulher, na internet

Júlia

Idade: 29 anos

Local de moradia: Rio Branco, Acre

Profissão: estudante de pós-graduação em Comunidades e Práticas Interdisciplinares

Nível Educacional: Pós-Graduação Incompleta

Religião: evangélica por pressão da família

Mora com quem: marido e filho do marido

Como chegou ao *Bolsa*: assistindo ao Programa do Jô, ouviu quatro mulheres falando sobre um site feminino. Procurando por ele, pois queria resolver problemas com o marido, encontrou o *Bolsa*

Roberta

Idade: 18 anos

Local de moradia: Baixada Fluminense

Profissão: secretária em escritório de advocacia

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: nenhuma, mas acredita em Deus

Mora com quem: com a mãe

Como chegou ao *Bolsa*: através de leitura de horóscopo no site Estrela Guia, vinculado ao *Bolsa*.

Teresa

Idade: 26 anos

Local de moradia: Ipatinga, Minas Gerais

Profissão: tradutora de japonês em empresa de peças mecânicas

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: Não pratica nenhuma religião, mas acredita em Jesus

Mora com quem: com as duas filhas

Como chegou ao *Bolsa*: procurando textos para refletir, por conta de chateação com um amiga que havia agido com falsidade

Vanuza

Idade: em torno de 27 anos

Local de moradia: Nova Iguaçu – Baixada Fluminense

Profissão: arquivologista de uma empresa de construção civil

Nível Educacional: Formada em Arquivologia

Religião: não pratica mas acredita em Deus

Mora com quem: com a mãe

Como chegou ao *Bolsa*: através de link no site da IG

Rodolfo

Idade: 40 anos

Local de moradia: Belo Horizonte, Minas Gerais

Profissão: tem uma empresa de contabilidade

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: nenhuma, mas acredita em Deus

Mora com quem: esposa e filhos

Como chegou ao *Bolsa*: por indicação de amigas

Debora

Idade: em torno de 20 anos

Local de moradia: Brusque, Santa Catarina

Profissão: trabalha em um escritório de contabilidade

Nível Educacional: Superior em Administração

Religião: católica

Mora com quem: pais

Como chegou ao *Bolsa*: só consegue dizer que foi por busca no Google

Lucila

Idade: 29 anos

Local de moradia: Anchieta, Espírito Santo

Profissão: dona de casa

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: católica

Mora com quem: marido e filhos

Como chegou ao *Bolsa*: buscando informações sobre horóscopo

Jussara

Idade: 25 anos

Local de moradia: Itaporanga, Paraíba

Profissão: estudante

Nível Educacional: Superior completo

Religião: Católica

Mora com quem: pais

Como chegou ao *Bolsa*: procurando dicas de moda

Luciana

Idade: 25 anos

Local de moradia: Campo Grande, Mato Grosso do Sul

Profissão: tem uma loja de acessórios femininos

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: Evangélica

Mora com quem: filhos e marido

Como chegou ao *Bolsa*: procurando coisas sobre bebês, encontrou o *Bolsa Bebê*

Rosana

Idade: 31 anos

Local de moradia: Salvador, Bahia

Profissão: faz salgadinhos para festa

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: Evangélica

Mora com quem: pais

Como chegou ao *Bolsa*: viu a propaganda do site na TV aberta e entrou por curiosidade

Roberta

Idade: 19 anos

Local de moradia: Rondônia

Profissão: tem uma pequena loja de material de construção com o namorado

Nível Educacional: Superior incompleto em Recursos Humanos

Religião: Católica

Mora com quem: mãe e irmãos

Como chegou ao *Bolsa*: procurando mulheres “gordinhas” de lingerie para realizar um trabalho para a faculdade.

Regina

Idade: 40 anos

Local de moradia: Castro, Paraná

Profissão: professora de Português

Nível Educacional: Superior completo

Religião: Católica

Mora com quem: filhos e mãe

Como chegou ao *Bolsa*: por meio de anúncio no MSN

Valquíria

Idade: 52 anos

Local de moradia: Contagem, Minas Gerais

Profissão: dona de casa

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: Católica

Mora com quem: marido

Como chegou ao *Bolsa*: via anúncio no MSN, mexendo no computador do filho

Ana

Idade: 21 anos

Local de moradia: São Francisco do Sul, Santa Catarina

Profissão: tem uma loja de artigos femininos e trabalha em uma distribuidora de gás

Nível Educacional: Ensino Médio

Religião: Católica

Mora com quem: pais

Como chegou ao *Bolsa*: tinha acabado um namoro e ficava navegando na net, procurando “coisas de mulher”

Laura

Idade: 32 anos

Local de moradia: Cruz das Almas, Bahia

Profissão: artes gráficas

Nível Educacional: Superior Completo

Religião: disse estar em dúvida sobre a existência de Deus

Mora com quem: mãe e irmãos

Como chegou ao *Bolsa*: por acaso, navegando na internet, não lembra muito bem como

Nádia

Idade: 45 anos

Local de Moradia: São Paulo

Profissão: dona de casa

Nível Educacional: Ensino Médio completo

Religião: Evangélica

Mora com quem: marido e filhos

Como chegou ao *Bolsa*: Procurando por sites sobre bebês para passar para a nora